

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Faculdade de Nutrição

Programa de Pós-Graduação em Nutrição e Alimentos



Dissertação

**FRUTAS, LEGUMES E VERDURAS NAS FEIRAS-LIVRES DE PELOTAS E
SUA CONTRIBUIÇÃO NA SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL**

Camila Irigonhé Ramos

Pelotas, 2015

Camila Irigonhé Ramos

**FRUTAS, LEGUMES E VERDURAS NAS FEIRAS-LIVRES DE PELOTAS E
SUA CONTRIBUIÇÃO NA SEGURANÇ ALIMENTAR E NUTRICIONAL**

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Nutrição e Alimentos da
Faculdade de Nutrição, da
Universidade Federal de Pelotas,
como requisito parcial   obtenção
do título de Mestre em Nutrição e
Alimentos

Orientadora: Prof^a Denise Petrucci Gigante

Coorientadoras: Prof^a Eliana Bender

Prof^a Renata Menasche

Pelotas, 2015

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

R175f Ramos, Camila Irigohé

Frutas, legumes e verduras nas feiras-livres de Pelotas e sua contribuição na segurança alimentar e nutricional / Camila Irigohé Ramos ; Denise Petrucci Gigante, orientadora ; Renata Menasche, Eliana Gomes Bender, coorientadoras. — Pelotas, 2015.

132 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Nutrição e Alimentos, Faculdade de Nutrição, Universidade Federal de Pelotas, 2015.

1. Segurança alimentar e nutricional. 2. Frutas, legumes e verduras. 3. Feiras livres. 4. Cultura alimentar. I. Gigante, Denise Petrucci, orient. II. Menasche, Renata, coorient. III. Bender, Eliana Gomes, coorient. IV. Título.

CDD : 641.1

Camila Irigohé Ramos

**FRUTAS, LEGUMES E VERDURAS NAS FEIRAS-LIVRES DE PELOTAS E
SUA CONTRIBUIÇÃO NA SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL**

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em Nutrição e Alimentos no Programa de Pós-Graduação em Nutrição e Alimentos, Faculdade de Nutrição, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 30 de março de 2015

Banca examinadora:

Prof^a. Dr^a. Denise Petrucci Gigante (Orientadora - Presidente). Doutora em Epidemiologia pela Universidade Federal de Pelotas.

Prof^a Dr^a Renata Menasche. Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Prof^a Dr^a Eliana Gomes Bender. Doutora em Ciências pela Escola Nacional de Saúde Pública.

Prof^a. Dr^a. Samanta Winck Madruga. Doutora em Epidemiologia pela Universidade Federal de Pelotas.

Prof^a. Dr^a. Anelise Rizzolo de Oliveira Pinheiro. Doutora em Política Social pela Universidade de Brasília.

Agradecimentos

Ao meu esposo, Eduardo Silveira de Menezes, pelo apoio teórico, prático e sentimental.

À minha família e amigos, por sempre me incentivar e entender os momentos em que estive ausente durante esses dois anos.

As colegas de mestrado: Idrejane Aparecida Vicaria do Vale e Merlen Nunes Grellert, com quem pude compartilhar alegrias e angústias.

As professoras Renata Menasche, Denise Gigante e Eliana Bender, pelas orientações durante o curso.

Aos feirantes, interlocutores desta pesquisa. Às graduandas de nutrição e gastronomia que me auxiliaram na coleta de dados.

O meu muito obrigada a todas e todos que de alguma maneira estiveram envolvidos comigo e com o meu trabalho de dissertação de mestrado.

Resumo

RAMOS, Camila Irignoné. **Frutas, legumes e verduras nas feiras-livres de Pelotas e sua contribuição na segurança alimentar e nutricional**. 2015.132f. Dissertação (Mestrado em Nutrição e Alimentos) – Programa de Pós-Graduação em Nutrição e Alimentos. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas. 2015.

A promoção da Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) busca, entre outros objetivos, garantir o Direito Humano à Alimentação Adequada (DHAA). Além de ser nutritiva, uma alimentação saudável precisa respeitar e manter a cultura e a soberania alimentar. Do ponto de vista econômico e ambiental, deve, ainda, ser sustentável. Para alcançar este conjunto de princípios, já é desenvolvido o monitoramento das ações de SAN. Uma das dimensões deste acompanhamento é a produção e distribuição de alimentos. Com relação à venda dos produtos alimentícios, descobre-se, nas feiras livres, um espaço de comércio de alimentos e de encontros sociais e culturais. E nas frutas, legumes e verduras (FLV) alimentos que, geralmente, são produzidos por agricultores familiares, alimentos que resgatam o vínculo com o produtor e, além disso, constituem uma dieta saudável. Diante do exposto, o presente estudo tem por objetivo caracterizar as feiras livres, os feirantes e as FLV comercializadas nestes locais, no município de Pelotas, no estado do Rio Grande do Sul. Busca-se, assim, apreender, sob o ponto de vista dos feirantes, como ocorre e é valorada a produção e comercialização de tais alimentos. Para tanto, utilizaram-se, concomitantemente, os métodos quantitativo e qualitativo. Durante o desenvolvimento do primeiro, foi realizada a aplicação de um questionário com questões fechadas. As perguntas foram direcionadas aos feirantes, donos das bancas, que estavam presentes durante o período de coleta dos dados e aceitaram participar da pesquisa. Para a aplicação do método qualitativo, por sua vez, realizou-se observação participante e entrevistas semiestruturadas. Os resultados encontrados revelaram que a cidade conta com aproximadamente 40 locais de feiras, distribuídos, principalmente, na zona central. Os feirantes apresentaram-se como somente produtores, produtor e revendedor ou somente revendedor. Os feirantes que apenas compram e revendem os alimentos constituem a maior parte dos comerciantes. As feiras foram classificadas como convencionais e ecológicas, sendo nomeadas de acordo com o tipo de produção empregado no alimento. Mais de 90% das feiras são convencionais, existindo apenas três pontos de feiras ecológicas no município. Os valores atribuídos aos alimentos e as relações estabelecidas - tanto com as FLV quanto com os fregueses - revelaram-se de maneiras distintas na abordagem dos feirantes ecológicos e convencionais. Para os primeiros, há uma relação de cuidado com o alimento e com o freguês, que é trabalhada em conjunto com a importância financeira do comércio de FLV. Para os demais, o que predomina é apenas a relação de mercadoria que está associada à venda dos alimentos. Da mesma forma, os feirantes ecológicos relataram que os seus fregueses buscam por qualidade e procedência. Por outro lado, segundo relatado pelos feirantes convencionais, os seus fregueses procuram as FLV levando em conta, prioritariamente, a aparência dos alimentos. Ressalta-se, por fim, que entender e abordar todas as questões, valores e relações estabelecidas em torno do alimento são fatores imprescindíveis para a promoção da SAN.

Palavras-chave: segurança alimentar e nutricional; produção e distribuição; frutas, legumes e verduras; feiras livres; cultura alimentar

Abstract

RAMOS, Camila Irigonhé. **Fruits, vegetables, and greens in the free fair from Pelotas, and its contributions to the food and nutrition security.** 2015.132f. Dissertation (Master Degree em em Nutrição e Alimentos) Programa de Pós-Graduação em Nutrição e Alimentos. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas. 2015.

The food and nutrition security promotion (FNS) aims to, besides other objectives, guarantee the Human Rights to Adequate Eating (HRAE). A healthy eating needs to respect and keep the feeding culture and sovereignty besides being nutritious. From the economic and environmental viewpoint, it must also be sustainable. To do so, it is already developed the supervision of the FNS actions. The production and distribution of food is one of the dimensions of this accompaniment. Concerning the selling of nourishment products, it is found in the free fairs a commerce space of food, but also a place where social and cultural meetings happen. Moreover, in fruits, vegetables and greens (FVG), is found a food that generally are produced by family farmers, food that rescued the bonding with the producer, and constitute a healthy diet. According to what was mentioned above, this study aims to characterize the free fairs, marketers, and the FVG commercialized in these places, in Pelotas, Rio Grande do Sul. Thus, the objective is to learn, under the marketer's point of view, how the production and commercialization of such type of food happen and is valued. Having this purpose, the quantitative and qualitative methods were utilized concomitantly. During the development of the first, a questionnaire was performed with closed questions. The questions were redirected to the marketers, stalls' owners, who were present during the data collection period and accepted to participate in the research. It was executed the participant observation and semi structured interviews for the qualitative method application. The found results revealed that the city has approximately 39 fair places, which are mainly distributed in the downtown. The marketers introduced themselves as only producers, producer and retailer, or only retailer. The marketers that only buy and retail food constitute the biggest part of merchants. The fairs were classified as conventional and ecological, and were named according to the type of embraced production. More than 90% of the fairs are conventional, and only three places of ecological fairs in the city. The values attributed to food and the established relationships – as much to FVG as with costumers – revealed themselves under distinct forms in the approach of ecological and conventional marketers. For the first, there is a relationship of care towards the food and the costumer, which is performed conjunctly with the FVG commerce financial importance. For the others, what predominates is only the relation of merchandise that is associated to the food sale. The same way, the ecological marketers reported that their costumers seek quality and origination. On the other hand, according to the conventional marketers, their costumers look for FVG considering the food aspect. It is highlighted that to understanding and approaching all issues, values, and established relationships that are surrounding food are indispensable factors to the promotion of FNS

Key Words: Food and nutrition security; production and distribution; fruits, vegetables, and greens; free fairs; food culture.

Lista de figuras

Figura 1– Cronograma das atividades de pesquisa realizadas em campo	69
Figura 2– Quadro com as características sociais dos feirantes convencionais entrevistados	71
Figura 3: Feira de produtos ecológicos. Largo do Mercado Municipal, 27 de novembro de 2013	72
Figura 4: Feira de produtos ecológicos. Avenida Dom Joaquim, 12 de julho de 2014	73
Figura 5: Feira de produtos ecológicos. Avenida Dom Joaquim, 12 de julho de 2014	74
Figura 6: Feira de produtos ecológicos. Avenida Dom Joaquim, 18 de janeiro de 2014	75
Figura 7 – Quadro com as características sociais dos feirantes ecológicos entrevistados	76
Figura 8: Produção Ecológica da família Leal. Colônia Coxilha dos Silveiras, Morro Redondo, março de 2014	77
Figura 9: Produção Ecológica da família Storch. São Domingos, Turuçu/RS, maio de 2014.	78
Figura 10: Produção Ecológica da família Storch. São Domingos, Turuçu/RS, maio de 2014.....	78

Lista de tabelas

Tabela 1 – Características sociodemográficas dos feirantes da cidade de Pelotas/2014	80
Tabela 2 – Caracterização dos locais de feiras-livre da cidade de Pelotas/2014	81
Tabela 3– Características do trabalho dos feirantes nas feiras-livre da cidade de Pelotas/2014	82
Tabela 4 – Caracterização dos trabalhadores envolvidos na produção e comercialização de FLV, nas feiras-livre da cidade de Pelotas/2014.....	83
Tabela 5– Frutas comercializados pelos feirantes, nas feiras-livres da cidade de Pelotas/2014	84
Tabela 6– Legumes e verduras comercializados pelos feirantes nas feiras-livres da cidade de Pelotas/2014.....	85

Sumário

Apresentação do volume	10
Projeto de pesquisa.....	11
Relatório do trabalho de campo	66
Artigo.....	86
Considerações finais do volume	105
Apêndices	106
Anexos.....	115

APRESENTAÇÃO DO VOLUME

Neste volume serão apresentados, na ordem que segue, o projeto de pesquisa, o relatório de campo e os principais resultados do estudo desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Nutrição e Alimentos (PPGNA), na forma de um artigo científico.

Para dar início ao presente estudo foi elaborado um projeto de pesquisa, o qual compõe a primeira parte do volume. O referido projeto esteve submetido ao processo de qualificação e sofreu alterações conforme as sugestões da banca.

O Relatório de campo é parte do esforço da pesquisadora ao narrar seu contato com os sujeitos do estudo. Neste ponto, descreve-se o início, o desenvolvimento e a saída do ambiente de pesquisa, bem como a vivência com os interlocutores nos diferentes cenários do estudo.

Por fim, o artigo científico apresenta-se como um dos principais resultados da investigação proposta. Vale ressaltar que outros textos acadêmicos serão desenvolvidos, posteriormente, com o objetivo de contemplar toda a riqueza de conteúdo proveniente dos dados coletados durante os aproximadamente 9 meses de estudo de campo.

A pesquisadora, nutricionista, especialista em saúde pública e da família, na modalidade residência multiprofissional, fez emergir sua experiência e anseios na escolha do objeto de pesquisa. Em sua prática acadêmica e profissional, pôde perceber o distanciamento - nas orientações nutricionais e práticas alimentares – que o consumidor mantém com o alimento e, conseqüentemente, o afastamento em relação ao produtor (o agricultor).

Desta forma, e para atingir o objetivo proposto, a pesquisa foi desenvolvida sob a perspectiva da Segurança Alimentar e Nutricional e da Antropologia da Alimentação.

PROJETO DE PESQUISA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Faculdade de Nutrição

Programa de Pós-Graduação de Nutrição e Alimentos



Projeto de Dissertação

**FRUTAS, LEGUMES E VERDURAS NAS FEIRAS-LIVRES DE PELOTAS E
SUA CONTRIBUIÇÃO NA SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL**

Camila Irigonhé Ramos

CAMILA IRIGONHÉ RAMOS

FRUTAS, LEGUMES E VERDURAS NAS FEIRAS-LIVRES DE PELOTAS E
SUA CONTRIBUIÇÃO NA SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL

Projeto de Dissertação
apresentado ao Programa de
Pós-Graduação em Nutrição e
Alimentos da Universidade
Federal de Pelotas, como
requisito parcial à obtenção do
título de Mestre em Nutrição e
Alimentos

Orientadora: Prof^a Denise Petrucci Gigante
Coorientadoras: Prof^a Eliana Bender
Prof^a Renata Menasche

Pelotas, 2013

Banca examinadora:

Prof^a Doutora Helen Denise Gonçalves da Silva

Resumo

RAMOS, Camila Irignoné. **Frutas, legumes e verduras nas feiras-livres de Pelotas e sua contribuição na Segurança Alimentar e Nutricional**. 2013. 48f. Projeto de dissertação. Programa de Pós Graduação em Nutrição e Alimentos. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas.

O Direito Humano à Alimentação Adequada (DHAA) deve ser colocado em prática através de políticas públicas de Segurança Alimentar e Nutricional (SAN). Em 2010, o Grupo Técnico (GT) do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (CONSEA) divulgou uma proposta de monitoramento da realização progressiva do DHAA no país. Há sete dimensões descritas nessa proposta; a primeira delas, foco deste estudo, é a que trata sobre a produção e a disponibilidade de alimentos. Em se tratando desta dimensão, é importante destacar a produção e disponibilidade de frutas, legumes e verduras (FLV). Neste ponto, evidencia-se a importância de refletir sobre as práticas da comercialização desses produtos. Historicamente, as trocas comerciais de alimentos remontam ao aparecimento das feiras-livres, nas quais se encontram imbricados aspectos econômicos, sociais e ambientais. Esta pesquisa está sendo proposta pela necessidade de se conhecer quais alimentos são comercializados nas feiras-livres, como os feirantes relacionam-se com os produtores de FLV e o que sabem a respeito da produção e disponibilidade desses alimentos. Busca-se investigar, portanto, o conhecimento dos feirantes sobre o processo de produção e disponibilidade das FLV e sua relação com a SAN. A presente pesquisa consiste em um estudo descritivo, ecológico e transversal. Com relação aos materiais e métodos, o estudo terá dois componentes, um com abordagem quantitativa e outro qualitativa. A coleta das variáveis quantitativas ocorrerá através de um questionário com questões fechadas, aplicado aos feirantes. Concomitantemente à aplicação dos questionários, será realizada a etapa exploratória. Essa etapa constitui uma das partes da abordagem qualitativa e terá inspiração etnográfica. Utilizar-se-á, também, técnicas de entrevista semiestruturada, observação e diário de campo. Pretende-se eventualmente observar o espaço de produção, visitando algumas propriedades rurais. O estudo será realizado no município de Pelotas, Rio Grande do Sul. Serão incluídos no estudo todos os feirantes cadastrados na Secretaria Municipal de Urbanismo da Prefeitura Municipal de Pelotas que aceitarem participar da pesquisa, não havendo critérios de exclusão. Além disso, serão investigadas informações socioeconômicas (renda e escolaridade) dos setores censitários onde as feiras estão localizadas.

Palavras-chave: Segurança Alimentar e Nutricional. Feiras-livres. Produção e disponibilidade de alimentos.

Lista de Figuras

Quadro 1 – Nome e descrição das variáveis quantitativas.....	23
Quadro 2 - Cronograma de execução das atividades previstas no projeto.....	30
Quadro 3 – Orçamento estimado para a realização da pesquisa.....	31

Lista de Abreviaturas e Siglas

CONSEA – Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional

DHAA – Direito Humano à Alimentação Adequada

FBSAN – Fórum Brasileiro de Segurança Alimentar e Nutricional

FLV – Fruta (s), legume (s) e verdura (s)

GT – Grupo técnico

LOSAN – Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional

MDS – Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome

MS- Ministério da Saúde

OMS – Organização Mundial da Saúde

ONU – Organização das Nações Unidas

PFZ – Programa Fome Zero

SAN – Segurança Alimentar e Nutricional

SISAN – Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional

Sumário

1. Introdução	18
2. Revisão de literatura	20
3. Objetivos	33
3.1 Objetivo geral.....	33
3.2 Objetivos específicos	33
4. Material e métodos.....	34
4.1 Tipo do estudo	34
4.2 Local do estudo e região estudada	34
4.3 Abordagem quantitativa	34
4.3.1 População alvo e fonte de dados	34
4.3.2 Desenho do estudo	34
4.3.3 Descrição das variáveis	34
4.3.4 Instrumentos e coleta de dados	36
4.3.5 Logística	36
4.3.6 Processamento e análise dos dados.....	37
4.4 Abordagem qualitativa	37
4.4.1 Participantes do estudo.....	37
4.4.2 Métodos e estratégia de ação	38
4.4.3 Análise e interpretação de dados.....	39
4.5 Aspectos éticos.....	40
5. Cronograma de execução	42
6. Orçamento.....	42
7. Divulgação dos resultados/ produção esperada.....	44
Referências	45
Apêndices.....	49

1 Introdução

O Direito Humano à Alimentação Adequada (DHAA) se realiza quando todas as pessoas têm acesso garantido e ininterrupto à alimentação saudável. Sendo assim, a promoção do DHAA ocorre, entre outras maneiras, por meio de ações de Segurança Alimentar e Nutricional (SAN). Este conceito é abrangente, interdisciplinar e, sobretudo, evidencia a realização de práticas alimentares direcionadas à promoção da saúde e desenvolvimento da cidadania (KEPPLE; SEGALL-CORRÊA, 2011).

Com a promulgação da Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional (LOSAN, 2006) - Lei nº. 11.346 - e a criação do Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (SISAN), os esforços na luta contra a fome, a pobreza e a garantia do DHAA ganharam um reforço judicial. O reconhecimento da alimentação respaldada judicialmente pela Constituição é uma conquista recente da sociedade brasileira, que foi garantida pela Emenda Constitucional nº 64 (2010), uma determinação legal responsável por estabelecer que este seja um direito de toda a população (MALUF, 2009).

O DHAA deve ser colocado em prática através de políticas públicas de SAN. Em 2010, o Grupo Técnico (GT) do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (CONSEA) divulgou uma proposta de monitoramento da realização progressiva do DHAA no país. Com essa sugestão, foi desenvolvida a matriz para seleção, análise e discussão de indicadores de monitoramento da SAN (CONSEA, 2010).

O monitoramento vem sendo discutido desde a II Conferência de SAN (2004), sendo também tema deliberado na III Conferência de SAN (2007) quando foi aprovada, no eixo temático III, que tratava do SISAN, a seguinte assertiva: “adotar um sistema de monitoramento que permita uma ampla e criteriosa análise da situação de segurança alimentar e nutricional do país, pautado pelo DHAA e pela soberania alimentar” (CONSEA, 2010).

As dimensões descritas no relatório - proposto pelo CONSEA e intitulado “A Segurança Alimentar e Nutricional e o Direito Humano à Alimentação Adequada – Indicadores e Monitoramento” pautam-se pela ordem estabelecida a seguir. Dimensão 1 e 2: produção e disponibilidade de alimentos; dimensão 3: renda e despesas com a alimentação; dimensão 4: acesso à alimentação adequada;

dimensão 5: saúde e acesso a serviços de saúde; dimensão 6: educação; dimensão 7: políticas públicas, orçamento e direitos humanos (CONSEA, 2010).

Em se tratando das dimensões 1 e 2, é importante destacar a produção e disponibilidade de frutas, legumes e verduras (FLV). Estes alimentos ajudam a compor uma dieta saudável e sustentável, sendo o consumo amplamente recomendado e orientado por órgãos e profissionais da saúde.

O aumento do consumo de frutas e hortaliças é uma das recomendações nutricionais relacionadas à prevenção e controle das doenças crônicas não transmissíveis - DCNT (obesidade, câncer, diabetes mellitus e doenças cardiovasculares), responsáveis pelas principais causas de morbidades e mortalidade no Brasil (BRASIL, 2009)

A Organização Mundial da Saúde (OMS) publicou no documento “A Estratégia Global para Dieta e Atividade Física” evidências sobre os efeitos da alimentação saudável para a promoção da saúde e prevenção de doenças crônicas, além de identificar e ressaltar o papel decisivo dos ministérios de saúde na promoção da intersectorialidade para formulação e operacionalização das políticas de alimentação e nutrição (BRASIL,2009).

No Brasil, o Ministério da Saúde (MS), estabeleceu a promoção da alimentação saudável em duas políticas chaves para o processo de garantia do DHAA e da promoção da SAN. Trata-se da Política Nacional de Alimentação e Nutrição, onde há uma diretriz que aborda o tema, e da Política Nacional de Promoção da Saúde, onde existe um eixo estratégico para o estímulo da alimentação saudável (BRASIL,2009).

Existe especialmente uma preocupação com o baixo consumo de FLV na população brasileira, dados da Pesquisa de Orçamento Familiar de 2003, deflagravam que a população brasileira consumia três vezes menos do que o recomendado (400 gramas/dia), em 2005 foi lançada a proposta intitulada Iniciativa Intersetorial de Incentivo ao consumo de frutas, legumes e verduras, fruto de um debate entre o governo e a sociedade civil. Neste documento são elencados requisitos que tornam o grupo de alimentos FLV uma arma poderosa na promoção da alimentação saudável e adequada numa perspectiva da SAN. Em 2009, o MS com parceria de outros ministérios, lançou um relatório com os principais resultados do 5º Congresso Pan-Americano de Incentivo ao Consumo de Frutas e Hortaliças para Promoção da Saúde. Dentre as recomendações é possível visualizar a

preocupação do governo em resgatar a cultura alimentar, apoiar a agricultura familiar, diminuir até extinguir o uso de agrotóxicos na produção dos alimentos, e para isso o governo buscará estimular mecanismos de crédito diferenciados para a transição da agricultura de base agroecológica, além de fortalecer a rede de produção da agricultura orgânica (BRASIL,2009).

Pinheiro e Gentil (2009) destacam, em documento elaborado para o MS, que o estímulo ao consumo de FLV é uma potencial estratégia de promoção da SAN e de garantia do DHAA, pois esse grupo de alimentos envolve a saúde pública, as políticas de abastecimento, agricultura familiar, abastecimento, acesso e educação. Existe uma complexidade de fatores desde a sua produção até a chegada à mesa dos consumidores. Aspectos biológicos, culturais, ambientais e econômicos permeiam o plantio, a comercialização e escolha da ingestão desses alimentos.

Neste ponto, evidencia-se a importância de refletir sobre as práticas da comercialização desses produtos. Historicamente, as trocas comerciais de alimentos remontam ao aparecimento das feiras-livres, nas quais se encontram imbricados aspectos econômicos, sociais e ambientais (PANELLI-MARTINS; SANTOS; ASSIS, 2008). As feiras são consideradas peças-chaves na modificação do hábito alimentar do brasileiro, prova disso é que entre as ações eleitas em 2009 pelo MS para o Incentivo ao Consumo de Frutas e Hortaliças, está “incentivar a consolidação das feiras locais, como instrumento de melhoria para a seleção e aquisição de alimentos saudáveis” (BRASIL, p7,2009)

Diante do exposto, esta pesquisa está sendo proposta pela necessidade de conhecer quais alimentos são comercializados nas feiras-livres, como os feirantes relacionam-se com os produtores de FLV e o que sabem a respeito da produção e disponibilidade desses alimentos para a população da zona urbana do município de Pelotas. Busca-se investigar, portanto, o comércio desses alimentos na feira, o conhecimento dos feirantes sobre o processo de produção e disponibilidade das FLV e sua relação com a SAN, baseados na ideia de que estas práticas podem influenciar no resgate das comidas cotidianas –, contribuindo para a promoção da SAN.

2 Revisão de literatura

Publicações sobre a temática em discussão

Por meio de uma breve revisão de literatura buscaram-se publicações com foco na produção e disponibilidade de alimentos, feiras-livres e SAN, publicadas nos últimos dez anos, na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), no Google acadêmico e no Banco de teses e dissertações da Capes. Após a leitura do título e do resumo elegeram-se os estudos que apresentassem aspectos metodológicos e/ou teóricos que contribuíssem para a construção deste projeto, sendo esses os critérios de inclusão ou exclusão das publicações na revisão. Na BVS, utilizando-se as palavras chaves: agricultura; produção de alimentos; e segurança alimentar e nutricional, encontraram-se 18 publicações, porém nenhum desses estudos enquadrou-se nos critérios de seleção nesta revisão. No Google acadêmico, através da busca com a palavra chave feira-livre, 62 resultados foram identificados. Destes seis artigos atenderam aos critérios de seleção. Por fim, no Banco de teses e dissertações, a busca com a palavra chave feira-livre totalizou 25 publicações, destas oito foram selecionadas. A seguir, as 16 publicações selecionadas serão descritas e por fim realizar-se-á a discussão sobre a contribuição destes achados no presente estudo.

O primeiro trabalho selecionado, apresentou como objetivo estudar a dinâmica da feira dos agricultores familiares do município de Turmalina, Alto Jequitinhonha, Minas Gerais, e compreender os alcances da feira, em termos econômicos, Ângulo (2003) utilizou-se de uma metodologia qualitativa, um estudo de caso. O pesquisador identificou que a feira é fundamental na renda do agricultor familiar da região e que, este espaço de comércio, não constitui um sistema socioeconômico homogêneo.

Vedana (2004) pesquisou a feira-livre da Epatur em Porto Alegre- RS, para elaborar a sua dissertação de mestrado, um trabalho etnográfico sobre as práticas cotidianas no contexto das feiras-livres, assim como esta pesquisadora, Mercedes (2005) em sua dissertação estudou o cotidiano das feiras-livres em Fortaleza (CE), utilizou a linguagem verbal, por meio de conversas informais com os feirantes e a imagem fotográfica para atingir o objetivo da pesquisa, e responder a pergunta:

Qual a importância das feiras-livres para a cidade de Fortaleza. Concluindo ao final de sua pesquisa sobre a importância deste espaço no consumo e para o consumidor. Caracterizando tal espaço como um local de trabalho informal e destacando a importância da feira na subsistência econômica da região.

Com um enfoque diferente dos dois primeiros estudiosos, Godoy (2005) construiu sua tese por meio da análise socioeconômica das feiras-livres de Pelotas (RS), o pesquisador objetivou analisar os elementos de continuidade das feiras-livres no comércio local, e utilizou para isso abordagem quantitativa e qualitativa nos seus métodos.

Porto (2005) problematizou em sua dissertação de mestrado a configuração espacial e a produção das principais feiras-livres em cinco municípios da região Sudoeste do estado da Bahia. Destacando dentre outros aspectos, as peculiaridades que cada feira produz no seu espaço e a importância das feiras para a população rural e urbana.

Teixeira e Honorato (2008), por sua vez, realizaram um estudo transversal, selecionaram uma amostra aleatória estratificada para a aplicação de um questionário semi-estruturado. O objetivo da pesquisa foi conhecer as principais características do comércio e oferta de alimentos no município de Tangará, Rio Grande do Norte. Os autores verificaram que, dentre os diversos espaços de comercialização, as feiras ainda apresentam-se como um local de compra de hortifrutigranjeiros. Indo ao encontro dessa assertiva, Rezende *et al.* (2009) constataram que as pessoas costumam ir à feira para comprar essencialmente frutas, verduras e legumes, relacionando esses produtos a uma alimentação saudável e a feira a um ambiente de lazer. Ao considerarem que a feira é um local de impacto social, os autores destacam a importância de se conhecer tal ambiente para o subsídio de políticas de saúde e nutrição.

A pesquisadora Viviane Vedana, em 2008, volta a explorar o universo das feiras na sua tese de doutorado, porém, amplia desta vez seu objeto de estudo para outros mercados de rua em Porto Alegre, São Paulo no Brasil e em Paris na França. Vedana buscou, por meio de uma pesquisa etnográfica com imagens, refletir sobre os simbolismos da circulação do alimento.

Já Pereira e colaboradores (2009) procuraram traçar um diagnóstico dos produtores feirantes do município de Umuarama, no Paraná, e analisar a dinâmica das feiras realizadas no município. Como instrumentos de pesquisa foram

utilizados: um questionário aplicado a 44 feirantes e entrevistas com 20 produtores e 15 consumidores. De acordo com os resultados do estudo, a feira é um dos principais canais de comercialização da produção dos agricultores familiares. Em termos de organização e infraestrutura, as feiras vêm melhorando no município. Os consumidores buscam comprar os alimentos nesses espaços por considerarem tais alimentos de melhor qualidade. Foi evidenciado, também, o fato de que as feiras são pontos de encontro entre amigos.

Não obstante, o estudo de Coelho e colaboradores (2009), que analisou os fatores de influência na forma de governança dos feirantes de Cascavel e Ocara, no Ceará, demonstrou que os alimentos comercializados nesse local, em sua grande maioria hortifrutigranjeiros, eram oriundos das centrais de abastecimentos (Ceasa) e não produzidos pelos feirantes. Nesse caso, a produção própria ficou entre 9% e 14% apenas de todos os alimentos comercializados naqueles locais. Os pesquisadores utilizaram questionários semi-estruturados para a realização do levantamento dos dados.

A publicação de Modenese e colaboradores (2010), objeto de pesquisa realizada junto a consumidores de produtos de agricultores familiares na cidade de Jales, São Paulo, vem ao encontro de alguns resultados do estudo conduzido no município de Umuarama (PEREIRA *et al*, 2009), sobretudo no que tange as escolhas dos consumidores. Para realizar essa avaliação foram utilizados questionários estruturados e as pessoas que frequentavam as feiras e compravam alimentos desse local justificaram sua escolha por serem os gêneros alimentícios, ali comercializados, de melhor qualidade, além de apresentarem valor mais acessível. Os consumidores relataram, ainda, ter uma relação de confiança com o produtor (MODENESE *et al*, 2010).

Pierrri (2010) realizou um estudo de caso em sua dissertação de mestrado, visando problematizar as condições de vida e o contexto social vivenciado pelas famílias de agricultores familiares que comercializam mercadorias na feira dos Goianos – Gama/DF. Destaca ao final da sua pesquisa a relevância do papel das feiras nas estratégias de comercialização da agricultura familiar no Distrito Federal.

Ainda no ano de 2010, Souza realizou um estudo sobre a feira-livre de São Joaquim que ocorre em Salvador, Bahia. E, assim como Godoy, buscou compreender como se caracteriza a permanência da feira como um espaço comercial, utilizou várias fontes (orais, iconográficas e textuais) na coleta dos

dados.

Lucena (2012), realizou uma pesquisa etnográfica para problematizar em sua dissertação de mestrado os saberes e as subjetividades de uma feira-livre localizada em um bairro na cidade de Natal. O autor destaca no final do seu trabalho que a feira forma sujeitos híbridos e proporciona aprendizados que de alguma maneira influenciam na reinvenção de cada sujeito que está nesse espaço.

Partindo do modo de produção, Godoy e Rech (2013) analisaram o pertencimento dos feirantes do Sudoeste do Paraná à categoria da agricultura familiar. Para tanto, optaram por entrevistas abertas e realizaram uma pesquisa qualitativa. Os autores concluíram que os produtores estudados enquadram-se na categoria pelo uso e restrições dos meios de produção. Além disso, ressaltaram que as feiras-livres no Sudoeste do Paraná estão se consolidando e necessitam de apoio de políticas públicas para se desenvolverem ainda mais (GODOY; RECH, 2013).

Ao avaliar os aspectos metodológicos dos estudos apresentados nessa seção, pode-se observar que foram utilizadas abordagens quantitativas e qualitativas, mas a grande maioria optou por uma ou por outra metodologia. Apenas Pereira e colaboradores (2009) mesclaram os dois tipos de pesquisa, como se pretende fazer no presente estudo. Sob diferentes enfoques, todas as publicações versaram sobre as feiras-livres.

Diversas áreas do conhecimento – como a antropologia, a economia, a geografia e a agronomia –, direcionam suas pesquisas à produção e disponibilidade de alimentos, percebe-se que, cada campo da ciência, preocupa-se com as especificidades da sua área, o que pode levar tais estudos a abordagens segmentadas. Na área da nutrição, a maioria dos estudos sobre FLV está centrada no consumo, com a utilização principalmente da Escala Brasileira de Insegurança Alimentar como instrumento de coleta de dados, sendo escassas outras formas de abordagem.

Segurança Alimentar e Nutricional e o Direito Humano à alimentação adequada: caminhos e perspectivas

As origens da discussão sobre SAN, no Brasil, remetem aos estudos realizados pelo médico Josué de Castro. É a partir da década de 1930, através de

suas contribuições, que se iniciam os debates sobre a fome e o direito à alimentação. No entanto, a alimentação passa a ser vista como um direito apenas em 1948, em decorrência da Declaração Universal dos Direitos Humanos (ONU, 1948). Essa é, portanto, uma questão histórica, que pode ser vislumbrada já no período do entre guerras. Com a recessão de 1930, a problemática da fome passou a determinar o conceito de Segurança Alimentar. É importante deixar claro que, nessa época, as políticas alimentares eram voltadas para o problema dos preços altos e da falta de alimentos (MALUF; MENEZES, 2000).

A mesma imagem sobre segurança alimentar é utilizada, no Brasil, até meados da década de 1960. Nessa época, uma estrutura de estocagem e distribuição é criada nacionalmente. Em 1970, ocorre a ampliação da intervenção pública e o Estado passa a atuar no incentivo à produção agrícola. Durante esse período, acontece a Revolução Verde, em que há adoção de um pacote tecnológico e a utilização intensa de agrotóxicos, adubos químicos e outros fertilizantes. Esse fenômeno ocasionou o aumento das despesas com o cultivo e o endividamento dos pequenos agricultores, o crescimento da dependência dos países, do mercado e da lucratividade das grandes empresas de insumos agrícolas (MALUF; MENEZES, 2000).

Com o advento da Revolução Verde, o Brasil e o mundo começam a acreditar que o problema da fome e da desnutrição estaria resolvido. Porém, a ampliação da produção agrícola não amenizou o número de famintos, que continuava a se elevar. Neste ponto, salienta-se que o acesso aos alimentos pela população não depende somente da produção, mas sofre, também, influência das formas sociais que interferem na produção, bem como na oferta desses produtos (MALUF; MENEZES, 2000).

Nos anos 90, ampliado e renovado o conceito de Segurança Alimentar para Segurança Alimentar e Nutricional, começa a ser enfatizado o acesso aos alimentos em quantidade e qualidade - adequado social, econômica e culturalmente. Nessa época, é preciso registrar a passagem de dois momentos distintos: na primeira metade da década são realizadas manifestações da sociedade em torno do tema de combate à fome e a miséria, o que resulta na formação de uma instituição, de caráter nacional, o CONSEA. Na segunda metade da década, ocorre o desmonte das estruturas anteriores e a substituição por políticas focalizadas de articulação com as comunidades e fornecimento de

programas de renda mínima do tipo bolsa-escola (BELIK; SILVA; TAKAGI, 2001).

Durante o Governo de Fernando Henrique Cardoso, começa a funcionar o plano de estabilização da moeda nacional, o Plano Real. Paralelamente ao fortalecimento dessa estratégia financeira, ocorre o rompimento das relações políticas com os setores da sociedade brasileira que defendiam uma política de SAN. Isso faz com que o tema da fome seja colocado em hibernação (VALENTE, 2002). Nesse período, o CONSEA é extinto e o Governo cria o programa Comunidade Solidária, o qual diluiu o objetivo da SAN. Apesar disso, em 1998, criou-se o Fórum Brasileiro de Segurança Alimentar e Nutricional (FBSAN), iniciativa das organizações sociais, que vem contribuindo, desde então, para as formulações de SAN no Brasil (MALUF, 2009).

Em seu discurso de posse, no dia 1º de janeiro de 2003, Luiz Inácio Lula da Silva retoma a polêmica da fome e traça metas para combatê-la. Lula institui o Programa Fome Zero (PFZ) como estratégia para o combate à fome e à miséria e nomeia os membros do novo CONSEA (MALUF, 2009). Na esteira desse processo, as discussões sobre a alimentação como um direito constitucional retornam com força, em 2004, após a II Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional. Nesse período, o CONSEA e o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) propõem, em parceria, a Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional (LOSAN), que tem como objetivos: garantir o direito à alimentação adequada como direito humano para todos os brasileiros e brasileiras; definir o conceito de segurança alimentar e implantar o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (SISAN).

Com a LOSAN já em vigor e instituído o SISAN, passou a existir a necessidade de monitoramento e produção de indicadores do DHAA e da SAN no país. Esta verificação, no entanto, necessita apresentar indicadores capazes de expressar as múltiplas dimensões da SAN. De forma complementar, aspectos territoriais e regionais precisam estar inseridos neste processo, pois é fundamental captar toda a diversidade cultural presente no Brasil, respeitando suas particularidades e enfatizando-as (CONSEA, 2010).

A SAN e a interface com os aspectos socioculturais da alimentação

Conforme a definição elaborada no Fórum Brasileiro de SAN, em 2003, e,

posteriormente, aprovada na II Conferência Nacional de SAN, em 2004, define-se SAN como:

A realização do direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras da saúde, que respeitem a diversidade cultural e que sejam social, econômica e ambientalmente sustentáveis (II CONFERÊNCIA NACIONAL DE SAN. OLINDA, 2004).

Diante da necessidade de avaliação das ações de SAN e da complexidade do conceito em questão, é indispensável apropriar-se dos aspectos socioculturais, que permeiam o ato alimentar. Comer é uma necessidade básica de todo ser humano. Mas, a maneira, o que e com quem se come são práticas aprendidas durante o transcorrer da vida de cada um, sendo influenciadas por signos culturais e sociais historicamente determinados. Nesse sentido, Mintz (2001, p.31) ressalta que: “o comportamento relativo à comida liga-se diretamente ao sentido de nós mesmos e à nossa identidade cultural”.

A prática alimentar deve ser compreendida no universo de representações que os alimentos carregam, as quais foram aprendidas no meio em que a pessoa nasceu, cresceu e foi educada (DANIEL; CRAVO, 2005). As autoras Amon e Menasche (2001) expressam essas representações por meio da narrativa de duas receitas de comidas cotidianas de uma família judia sefardi radicada no Brasil. Por meio desse artigo, resgata-se a memória cultural do lugar de onde vêm tais receitas, despertando significados simbólicos, culturais e emocionais, que estão agregados aos ingredientes e a um modo de preparo tão habitual e, ao mesmo tempo, tão singular.

Algumas comidas são associadas à cultura de determinados povos, gerando, assim, identidades alimentares próprias. É o caso do arroz dos chineses, do macarrão e da pizza dos italianos e da feijoada dos brasileiros (MINTZ, 2001). Além disso, o ato alimentar também é influenciado pelo sistema político e econômico vigente em cada uma dessas regiões. Retroalimentando esse processo, a cultura, por sua vez, insere-se diretamente na dinâmica de produção, distribuição e consumo dos alimentos.

Com o advento do capitalismo e o resultante fenômeno da globalização, a identidade alimentar sofre fortes impactos. A padronização da alimentação leva à perda de características próprias das culturas alimentares, em um contexto de industrialização da comida. Esse processo faz com que os consumidores

conheçam apenas o produto final que acabam por ingerir (CONTRERAS; GRACIA, 2011). O hábito de plantar e colher o que será consumido tem se mostrado menos frequente. Cada vez menos os produtores consomem aquilo que produzem. A comida vem e vai com uma velocidade e um volume que oculta ou faz com que se perca o resultado do processo de produção e consumo (MINTZ, 2001). Os alimentos, de forma geral, tornam-se meras mercadorias. A lógica de produção do sistema capitalista retira o valor intrínseco de cada alimento, promovendo a separação entre produtores e consumidores. Ela enfraquece as habilidades culinárias e faz com que aumente a procura por alimentos produzidos para o consumo imediato. Nesse sentido, entende-se que o resgate das comidas cotidianas – especialmente as FLVs –, pode contribuir na promoção da SAN (DANIEL; CRAVO, 2005).

A busca pela reaproximação entre produtor e consumidor, associada à redescoberta do sistema alimentar, compreendido, aqui, conforme descrevem os autores Poulain e Proença (2003), como “conjunto de estruturas tecnológicas e sociais empregadas desde a coleta até a preparação culinária, passando por todas as etapas de produção e transformação”, são caminhos necessários a se percorrer na busca da SAN.

O mapeamento das feiras

A presença ou a ausência das feiras em determinada região é um fator que pode estar associado com a disponibilidade de FLV para a aquisição e consumo desses alimentos, pois como encontrou Larson *et al* (2009) em revisão bibliográfica, os moradores do bairro que têm melhor acesso a supermercados (locais que comercializam FLV) tendem a ter dietas mais saudáveis e baixos níveis de obesidade.

Além disso, fatores ambientais podem influenciar no consumo de FLV. Dubowitz *et al* (2008) pesquisou a relação entre o status socioeconômico de bairros e a ingestão de frutas, legumes e verduras entre os brancos, negros e mexicanos-americanos nos Estados Unidos, e sugere ao final do estudo que existe uma associação entre as características socioeconômica do bairro e a ingestão desses alimentos. No Brasil, diversos estudos demonstram que a escolaridade e a renda estão diretamente relacionados com o consumo de FLV, sendo assim pessoas de

baixa escolaridade e de menor renda tendem a consumir uma menor quantidade de FLV, do que pessoas com maior escolaridade e maior renda (CLARO *et al*,2007; FIGUEIREDO *et al*,2008; JAIME *et al*,2009; NEUTZLING *et al*,2009).

Pode-se pensar que a configuração das bancas, os alimentos comercializados, as relações sociais, presentes em cada local de feira são resultantes da sociedade ali inserida, que é influenciada por diversos fatores, dentre eles os socioeconômicos e demográficos. Sendo assim, está a importância do reconhecimento do ambiente onde estão situadas as feiras-livres para que se possa compreender como estão articuladas e organizadas no território, bem como para se evidenciar as condições econômicas, sociais e culturais que permeiam esse espaço. (MONKEN, 2007).

Esse processo é importante, tendo em vista que cada local possui sua organização, o que poderá conduzir a análises diversas, para variados campos do conhecimento. Dessa forma, se utilizará do conceito de espaço de uma vertente da geografia, percepção essa que busca entender o valor subjetivo do território. Esta vertente tem sido utilizada em trabalhos que utilizam o geoprocessamento como ferramenta de análise espacial. Das técnicas de análise espacial comumente utilizadas – Visualização, Análise exploratória e Modelagem dos dados -, este estudo pretende desenvolver as duas primeiras, em padrões pontuais (GATRELL; BAILEY, 1996 *apud* MEDRONHO, 2006). O reconhecimento dos dados referentes à renda e escolaridade dos setores censitários onde as feiras estão localizadas serão segundo os dados do IBGE de 2010.

A produção e o acesso a FLV e a contribuição desses alimentos na SAN e no DHAA

Documentos internacionais e nacionais, como as publicações Estratégia Global para a Promoção da Alimentação Saudável, Atividade Física e Saúde e o Guia Alimentar para a População Brasileira versam sobre a importância do consumo diário e adequado de FLV. Esses documentos destacam que tais alimentos são fundamentais para a promoção da saúde e para a prevenção e controle de doenças crônicas não transmissíveis. Com isso, salienta-se a possibilidade de que o aumento no consumo desses gêneros alimentícios opere como estratégia para o enfrentamento da insegurança alimentar no país. Mas, para

que isso se efetive, têm-se a necessidade de se conhecer como ocorrem as práticas de produção e disponibilidade desses produtos alimentares (ALMEIDA; CARNEIRO; VILELA, 2009; BRASIL, 2005; CONSEA, 2010).

No que tange a produção é importante analisar sobre as formas com que esse alimento está sendo produzido, uma vez que o Brasil é o campeão mundial no consumo de agrotóxicos. O risco que esses venenos podem ocasionar a saúde das pessoas fere a realização plena do DHAA e coloca todos os envolvidos com esses alimentos em insegurança alimentar e nutricional, a mesma discussão está sendo desenvolvida com relação aos organismos geneticamente modificados (CONSEA, 2012).

No início da trajetória de comercialização das FLV, era comum que o comércio desses produtos se desse diretamente na porta das residências. Com o tempo, essa prática passa por outro tipo de organização, surgindo, então, as feiras da forma como são conhecidas hoje (ANJOS; GODOY; CALDAS, 2005). De acordo com Rezende *et al.* (2009, p.9), “a procura por frutas, verduras e legumes é frequente nas feiras, tanto pela disponibilidade, quanto pela correlação com a ideia de que uma alimentação rica em frutas e vegetais frescos tem efeito benéfico e preventivo para a saúde”.

No entanto, para além de um ambiente de comércio de alimentos, as feiras são consideradas também como um local de lazer e de encontro entre amigos, podendo ser, ainda, um instrumento de desenvolvimento e prática da cidadania. Neste espaço, a produção transforma-se ao mesmo tempo em renda e consumo, fatores que movimentam o comércio dos municípios. Sendo assim, os hábitos alimentares dos atores sociais envolvidos nesse espaço estão sugestionados - na mesma medida em que sugestionam - as práticas de produção, comercialização e consumo dos alimentos (COELHO; PINHEIRO, 2009; MINNAERT, 2008). Conforme ressalta Minnaert (2008, p.130), “as feiras-livres, mais que espaços de comércio, são locais que representam a dinâmica de uma sociedade em determinado momento, pois demonstram a produção local e a circulação de mercadorias”.

No Brasil, as feiras apresentam-se como um rico espaço cultural. Local que, historicamente, abastece as comunidades mais afastadas do centro urbano e, por consequência, estão mais próximas das camadas populares. Além disso, esses ambientes apresentam-se como locais onde os agricultores familiares podem comercializar seus produtos. Não há, portanto, a interferência de terceiros, abrindo

um canal direto entre produtor e consumidor (PEREIRA *et al*, 2009).

Deve-se pensar as feiras-livres como potenciais espaços de promoção de SAN, tanto na relação que se estabelece, na prática, com consumidores, quanto com produtores. No caso destes últimos, além da produção para a comercialização, é possível investir na produção para o autoconsumo. Fator que pode promover a SAN dessas pessoas (MENASCHE; MARQUES; ZANETTI, 2008).

As feiras-livres são tradicionais em todos os estados do Brasil e sua configuração também é semelhante. Os feirantes montam suas bancas - muitas vezes ao ar livre - e expõem seus produtos, os quais podem ser comercializados diretamente. Esse fator é considerado positivo, pois possibilita um contato direto com o feirante, criando uma dinâmica de negociação de preços, atendimento personalizado e que faz aflorar uma relação de confiança entre consumidor e vendedor, principalmente quando aqueles que vendem são os mesmos que plantam os alimentos. Esse fato agrega, também, ao comprador, a sensação de estar adquirindo um produto fresco e de melhor qualidade (PEREIRA *et al*, 2009).

Feiras – livres em Pelotas/RS

Em Pelotas, têm-se documentado que o surgimento das feiras-livres datam do final da década de 1940, por meio da promulgação da Lei municipal nº 88, a qual marca a criação desses espaços de comercialização (ANJOS; GODOY; CALDAS, 2005). A primeira feira de Pelotas que se tem conhecimento foi inaugurada no dia 1º de fevereiro de 1949, estando localizada próximo à Praça Domingos Rodrigues, na zona portuária da cidade. Outros pontos da cidade também passaram a sediar feiras-livres, o que só foi possível devido ao interesse e ao protagonismo do governo da época em regular o funcionamento desses espaços de comercialização, o que se deu pela expansão do mercado consumidor destes produtos (ANJOS; GODOY; CALDAS, 2005).

Atualmente, o município de Pelotas conta com aproximadamente 40 locais de feira, em diversos bairros da cidade: Areal, Centro, Cohab Guabiroba, Cohab Lindóia, Cohab Tablada, Fragata, Laranjal, Navegantes, Porto, Santa Terezinha, Simões Lopes e Três Vendas. De domingo a domingo, algum ponto da cidade recebe um grupo de feirantes. Guardadas suas particularidades, as feiras-livres já fazem parte do cotidiano da comunidade. Além de se consagrar como um

importante espaço de comercialização, a feira tem assumido um papel de destaque na socialização e caracterização da cultura alimentar dos pelotenses, consolidando-se, ainda, como parte constitutiva da economia local.

É possível afirmar que as feiras-livres constituem uma das formas mais antigas de comércio e, hoje, continuam a desempenhar um importante papel na venda de diversos gêneros alimentícios na maioria dos centros urbanos. Além disso, ocupam papel central no estudo da realização progressiva do DHAA, pois é possível compreender, com a caracterização desses locais, os aspectos da produção e comercialização de FLV (WEGNER, 2011).

3 Objetivos

3.1 Objetivo geral

Estudar qual a contribuição das FLV na promoção da SAN, na ótica dos feirantes, avaliando a produção e comercialização desses alimentos nas feiras-livres de Pelotas/RS.

3.2 Objetivos específicos

1. Descrever a distribuição espacial das feiras no município de Pelotas por meio da geração de mapas temáticos com informações socioeconômicas dos setores censitários onde se localizam as feiras.
2. Identificar o perfil socioeconômico e demográfico dos feirantes.
3. Caracterizar e identificar as FLV produzidas e comercializadas nas feiras.
4. Entender, sob o ponto de vista dos feirantes, como ocorre e é valorada a produção e comercialização das FLVs.
5. Conhecer, por meio do discurso e da prática dos feirantes, que tipo de relação se estabelece entre os alimentos produzidos\comercializados e a SAN.

4 Material e métodos

4.1 Tipo do estudo

Este estudo terá dois componentes, um com abordagem quantitativa e outro, qualitativa. Optou-se pela utilização das abordagens quantitativa e qualitativa, pois se pretende estudar representações, hábitos, valores, crenças, atitudes, opiniões, processos e fenômenos sociais para além da mensuração de variáveis quantitativas (FLICK, 2009; MINAYO, 2008; MINAYO; SANCHES, 1993).

4.2 Local do estudo e região estudada

O estudo será realizado no município de Pelotas, Rio Grande do Sul.

Nos setores censitários onde estão localizadas as feiras-livres.

4.3 Abordagem quantitativa

4.3.1 População alvo e fonte de dados

Serão incluídos no estudo todos os feirantes que comercializam FLV, cadastrados em 2013 na Secretaria Municipal de Urbanismo da Prefeitura Municipal de Pelotas que aceitarem participar da pesquisa, e estiverem atuantes no período da coleta dos dados. Não há critérios de exclusão.

Além disso, serão coletados dados socioeconômicos (renda e escolaridade) dos setores censitários onde as feiras estão localizadas, segundo os dados do IBGE do censo demográfico de 2010.

4.3.2 Desenho do estudo

Trata-se de um estudo descritivo, ecológico e transversal.

4.3.3 Descrição das variáveis

Quadro 1 – Descrição das variáveis quantitativas

Nome das variáveis do indivíduo	Tipo de variável
Sexo	qualitativa dicotômica

Idade	quantitativa discreta
Estado civil	qualitativa politômica nominal
Cor da pele	qualitativa politômica nominal
Escolaridade	qualitativa politômica ordinal
Número de filhos	quantitativa discreta
Número de pessoas que moram na casa	quantitativa discreta
Renda familiar – mensal	qualitativa politômica ordinal
Produtor	qualitativa dicotômica
Revendedor	qualitativa dicotômica
Tempo que é produtor e/ ou revendedor	quantitativa discreta
Tempo que trabalha na feira	quantitativa discreta
Local (cidade) onde mora	qualitativa politômica nominal
Local (cidade) onde produz	qualitativa politômica nominal
Local (ais) que compra os alimentos	qualitativa politômica nominal
Cooperativado	qualitativa dicotômica
Número de pessoas que trabalham na banca	quantitativa discreta
Sexo	qualitativa dicotômica
Idade	quantitativa discreta
Familiares que trabalham na feira/banca	qualitativa dicotômica
Quais familiares trabalham	qualitativa politômica nominal
Sexo	qualitativa dicotômica
Idade	quantitativa discreta
Familiares que trabalham na produção	qualitativa dicotômica
Quais familiares trabalham	qualitativa politômica nominal
Sexo	qualitativa dicotômica
Idade	qualitativa politômica nominal
Alimentos produzidos /revendidos	qualitativa politômica nominal
Tipo de produção	qualitativa dicotômica
Beneficiamento	qualitativa politômica nominal
Alimentos beneficiados	qualitativa politômica nominal
Locais onde comercializa os alimentos	qualitativa dicotômica
Nome das variáveis ecológicas	
Local das feiras (setores censitários)	Variável quantitativa
Escolaridade do chefe de família	
Renda do chefe de família	

4.3.4 Instrumentos e coleta de dados

A coleta das variáveis descritas no Quadro 1 ocorrerá através de um questionário com questões fechadas aplicado aos feirantes.

Como forma de conhecer a distribuição das feiras no município de Pelotas, para responder à pergunta “quais os bairros/zonas do município onde estão instaladas as feiras” e “como se caracteriza o local quanto aos indicadores renda e escolaridade?”, as informações (endereço das feiras e setores censitários) serão organizadas em um Sistema de Informações Geográficas (SIG) que possibilita relacionar dados do setor censitário com o local (endereço) onde se localiza a feira. Será utilizada a base cartográfica do município digitalizada em meio vetorial a partir do mapa municipal na escala 1/2000.

4.3.5 Logística

Inicialmente será realizado um reconhecimento, por meio do questionário número 1 (Apêndice A), dos produtos comercializados pelos feirantes, uma vez que o questionário número 2 (Apêndice B) será aplicado apenas aos feirantes que comercializam FLV. A aplicação dos questionários ocorrerá nos locais de feira, no início ou no final do turno da comercialização dos alimentos de maneira a não perturbar os feirantes em seu serviço. O questionário deverá ser respondido pela pessoa referenciada pelos feirantes como responsável pela banca. É previsto que o questionário seja aplicado em aproximadamente 20 minutos.

Para que não ocorra a repetição da coleta dos dados, uma vez que um mesmo feirante participa de mais de um local de feira, será anotado o nome do responsável apenas para identificação, dado que não será divulgado. Serão convidados a participar da pesquisa e posteriormente treinados de 4 a 6 acadêmicos de nutrição para a aplicação do questionário. A mestranda acompanhará os auxiliares na aplicação dos questionários, sendo que então estará realizando o processo de mapeamento. Os acadêmicos receberão um atestado de participação na pesquisa, ao final da aplicação dos questionários.

4.3.6 Processamento e análise dos dados

Para a confecção de um banco de dados, as informações serão inseridas no programa Epidata 3.1, realizando-se dupla digitação. A análise estatística dos dados será realizada no programa Stata versão 12.0, disponível no laboratório da Faculdade de Nutrição.

Análise exploratória espacial

Para o georreferenciamento, será utilizada a rotina desenvolvida por Skaba e colaboradores (2004), que utiliza o cadastro de endereços e localiza o setor em que este endereço está. A partir disso, os endereços são visualizados e analisados na malha de setores.

As informações organizadas no SIG serão exportadas para o programa de livre acesso Terra View, o que possibilitará visualizar e analisar ambas as informações no mapa do município.

A intenção é construir um mapa temático do município com informações socioeconômicas da área onde estão localizadas as feiras (dados do setor censitário), bem como possibilitar a visualização das mesmas em forma de pontos nas diferentes áreas/bairros do município de Pelotas.

Serão desenvolvidos mapas descritivos da localização das feiras e dos indicadores socioeconômicos censitários, utilizando diferentes categorias como formas de visualização.

Para a análise exploratória, será utilizado o programa Terra View 4.2.2, disponível em www.dpi.inpe.br/terraview a partir da base cartográfica do mapa municipal.

4.4 Abordagem qualitativa

4.4.1 Participantes do estudo

Para a coleta dos dados qualitativos será utilizada a amostragem intencional, pois são propositalmente buscados sujeitos que vivenciam o problema em questão ou que possuam conhecimento sobre ele (GIL, 2008; TURATO, 2005).

Optar-se-á por acompanhar os feirantes de duas feiras-livres convencionais e uma feira-livre ecológica. Desta forma, contemplam-se as diferenças entre os tipos de feiras. E, a fim de buscar maior aproximação da realidade, serão escolhidas feiras-livres convencionais localizadas no centro e na periferia da cidade. Sendo assim, uma das feiras convencionais escolhidas será a que ocorre na Avenida Bento Gonçalves, aos sábados, uma vez que esta feira-livre faz parte do grupo mais antigo e numeroso de feirantes do município (ANJOS; GODOY; CALDAS, 2005). O mesmo critério histórico – informações a serem buscadas durante fase inicial da pesquisa, em contato com os feirantes – será empregado para a escolha da feira convencional localizada na periferia da cidade de Pelotas.

A feira-livre ecológica a ser estudada será a que ocorre às quintas-feiras, no Largo do Mercado Público. Tal escolha se deu por questão de operacionalização do estudo. Além disso, esta feira ocorre no centro da cidade e pode, por isso, ser mais acessível a moradores dos mais diversos bairros, diferente do que ocorre na feira da Avenida Dom Joaquim, aos sábados.

Com relação aos feirantes, estima-se que existam entre as três feiras acima descritas, em torno de 60 feirantes, sendo que aproximadamente 40 desses feirantes são produtores e/ou revendedores de FLV. A fim de contemplar a diversidade que envolve esses sujeitos, buscar-se-á entrevistar produtores e revendedores, homens e mulheres, produtores que trabalham apenas com a família e aqueles que possuem empregados, produtores e revendedores de diferentes municípios, feirantes que atuam em mais de um local de feira, feirantes novos e antigos no ramo. O tamanho da amostra será definido pelo critério de saturação, logo, ocorrerá o fechamento amostral quando for avaliado que os dados obtidos de novos sujeitos apresentam certa redundância, ou seja, quando as categorias em estudo mostrarem-se saturadas (FONTANELLA; RICAS; TURATO, 2008).

4.4.2 Métodos e estratégia de ação

Concomitantemente à aplicação dos questionários e mapeamento, estará sendo realizada a etapa exploratória que orientará a abordagem qualitativa da pesquisa, conduzida a partir de métodos de inspiração etnográfica. Buscar-se-á a contribuição da etnografia por se entender que as feiras-livres apresentam uma complexidade de elementos, que serão interpretados perpassando a cultura e o

cotidiano dos atores envolvidos. Em conformidade com Laplantine (2004, p. 31), entende-se que “a descrição etnográfica é a realidade social aprendida a partir do olhar, uma realidade social que se tornou linguagem e que se inscreve numa rede de intertextualidade”.

Utilizar-se-á, também, as técnicas de entrevista semi-estruturada, observação e diário de campo nos espaços das feiras. Pretende-se eventualmente observar o espaço de produção, visitando algumas propriedades rurais. No caso de feirantes-produtores, estas visitas ocorrerão mediante aceitação do feirante e de sua família, sendo previamente agendadas. Serão observados elementos relativos ao ambiente e à interação entre as pessoas, buscando contemplar não apenas o que é dito, mas especialmente suas práticas.

A entrevista semiestruturada é guiada por pontos de interesse (Apêndice C) que o pesquisador direciona ao longo da conversa. São realizadas poucas perguntas diretas, de maneira que o entrevistado fique à vontade para falar, mas, quando o entrevistado se afasta das pautas, o entrevistador pode intervir de maneira sutil, direcionando novamente a entrevista, para que não se perca a espontaneidade do momento. Para a condução da entrevista, será utilizado um roteiro elaborado após a etapa exploratória, objetivando, com isso, utilizar uma linguagem apropriada e questões pertinentes (GIL, 2008).

Conforme já mencionado, a entrevista será realizada com feirantes que aceitem participar do estudo. Essas conversas serão gravadas com a concordância dos participantes e, posteriormente, degravadas e analisadas. A participação de todos os integrantes será voluntária e os nomes serão mantidos em sigilo. As entrevistas serão agendadas conforme disponibilidade da entrevistadora e dos entrevistados. Os sujeitos do estudo serão contatados nas feiras e as entrevistas serão realizadas, preferencialmente, em ambiente tranquilo e privativo, sendo o local combinado com o feirante. Em relação à duração das entrevistas, está previsto um tempo médio de 40 a 60 minutos.

4.4.3 Análise e interpretação de dados

Utilizar-se-á a análise de conteúdo como estratégia para análise e interpretação dos dados. Segundo Moraes (1999):

A análise de conteúdo constitui uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos.

Essa análise, conduzindo a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum (MORAES, p.2,1999).

Os dados coletados por meio de entrevista serão transcritos e, posteriormente, ocorrerá o preparo das informações, que se constituirá na identificação das amostras de informação. Em seguida será iniciado o processo de codificação do material. A codificação será realizada de maneira que os códigos permitam a identificação rápida de cada elemento da amostra de depoimentos ou documentos. Após a finalização desta etapa, se dará a releitura do material para a definição das unidades de análise e posterior isolamento de cada unidade, da mesma forma serão definidas as unidades de contexto.

Assim que todas as unidades forem devidamente identificadas e codificadas se passará para a categorização, que consiste no procedimento de agrupar os dados considerando o que há de comum entre eles. Será utilizado o critério semântico para esse agrupamento, o que originará categorias temáticas, as quais serão definidas a partir dos dados coletados. As categorias obedecerão a três critérios: validade, exaustão e homogeneidade, a fim de oportunizar o adequado entendimento dos dados. Por fim, será realizada a descrição, onde será produzido um texto, com a finalidade de expressar o conjunto de significados presentes nas unidades de análise e, para atingir a compreensão mais aprofundada do conteúdo das mensagens, será realizada a interpretação dessas (MORAES, 1999).

A interpretação dos resultados objetiva integrar um sentido mais amplo às respostas e se utilizará, para isso, de conhecimentos anteriormente obtidos (GIL, 2008). Tanto a análise quanto a interpretação dos dados serão realizados através de uma prática reflexiva e crítica (FLICK, 2009).

4.5 Aspectos éticos

Os aspectos éticos serão respeitados conforme resolução 196/96, sendo entregue a cada participante o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice D). Para aqueles participantes que não forem alfabetizados e/ou não puderem realizar a leitura dos termos, será solicitado a uma pessoa que não faça parte do estudo e esteja próxima no momento da entrega do documento, que realize a leitura do mesmo. Caso o entrevistado não saiba escrever seu nome, a

autorização será por meio da digital do polegar. Além disso, será solicitada a autorização do responsável pelas feiras-livres na Secretaria Municipal de Urbanismo (Apêndice E). O presente projeto será cadastrado na Plataforma Brasil e direcionado para um dos Comitês de Ética em Pesquisa (CEP) da UFPel. Além disso, os resultados encontrados serão devolvidos aos participantes, de maneira que atenda aos interesses dos interlocutores.

6 Orçamento

O projeto prevê as seguintes despesas:

Quadro 3 – Orçamento estimado para a realização da pesquisa

MATERIAL	QUANTIDADE	VALOR UNITÁRIO (R\$)	VALOR TOTAL (R\$)
Folhas A4*	3 pct c/ 500u	15,50	46,50
Canetas preta ou azul*	10 unidades	1,00	10,00
Canetas coloridas (gel)*	5 unidades	2,70	13,50
Marca texto colorido*	6 unidades	1,60	9,60
Lápis*	10 unidades	1,00	10,00
Borracha*	5 unidades	0,90	4,50
Pasta*	5 unidades	2,20	11,00
Apontador*	5 unidades	2,50	12,50
Prancheta*	5 unidades	4,50	22,50
Grampeador*	1 unidade	12,90	12,90
Grampos*	2 cx	5,50	11,00
Tonner impressora Brother 580*	2	130,00	260,00
Caderno grande de 200fls- capa dura*	2 unidades	16,90	33,80
Caderno de 96 fls peq- capa dura*	2 unidades	8,50	43,50
Gravador de áudio digital**	1 unidade	150,00	150,00
Pilhas palito**	5 pctes com 4 unidades	10,00	50,00
Total			701,30

* Despesas custeadas por financiamento do PPGNA

** Despesas custeadas pela pesquisadora.

7 Divulgação dos resultados/ produção esperada

Os resultados do estudo constarão de uma dissertação (optar-se-á por um dos modelos da UFPel), a qual terá como produto final um ou mais artigos, a ser publicado em revista de preferência da mestranda, de sua orientadora e de suas coorientadoras. Além disso, será elaborado um relatório sobre a caracterização dos feirantes e dos alimentos, o qual será apresentado para Secretaria Municipal de Urbanismo. A fim de garantir um retorno para o grupo social envolvido neste estudo, será organizado, junto à Faculdade de Nutrição da UFPel e o Grupo de Estudos e Pesquisas em Alimentação e Cultura – GEPAC, a realização de um encontro com o intuito de dialogar com os sujeitos da pesquisa sobre os resultados encontrados e produzir uma publicação de interesse dos participantes.

Referências

ALMEIDA, Vicente Eduardo Soares de; CARNEIRO, Fernando Ferreira; VILELA, Nirlene Junqueira. Agrotóxicos em hortaliças: segurança alimentar, riscos socioambientais e políticas públicas para a promoção da saúde. **Tempus. Actas em Saúde Coletiva**, v.4, n. 4, p.84-99, 2009.

AMON, Denise; MENASCHE, Renata. Comida como Narrativa da Memória Social. **Sociedade e Cultura**, v.11, n.1, p. 13 a 21, 2008.

ÂNGULO, José Luis Gutiérrez. Mercado local, produção familiar e desenvolvimento: estudo de caso da feira deTurmalina, Vale do Jequitinhonha, MG. O.R. & A. **Revista de Administração da UFLA** – v.5, n. 2, p. 96-109,2003.

ANJOS, Flávio Sacco dos; GODOY, Wilson Itamar; CALDAS, Nádía Velleda. **As feiras-livres de Pelotas sob o império da globalização**: perspectivas e tendências. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária, 2005. 195 p.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Coordenação-Geral da Política de Alimentação e Nutrição. **Guia alimentar para a população brasileira : promovendo a alimentação saudável** /Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Coordenação-Geral da Política de Alimentação e Nutrição. – Brasília: Ministério da Saúde, 2005.236p. – (Série A. Normas e Manuais Técnicos).

BRASIL. Ministério da Saúde. Coordenação Geral da Política de Alimentação e Nutrição. **Ações de Incentivo ao Consumo de Frutas e Hortaliças do Governo Brasileiro**. Brasília, setembro de 2009.

BRASIL. Emenda Constitucional nº 64, de 4 de fevereiro de 2010. Altera o art. 6º da Constituição Federal, para introduzir a alimentação como direito social. Brasília, em 4 de fevereiro de 2010. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc64.htm> . Acesso em: 25 jun. 2013.

_____. Lei nº 11.346, de 15 de setembro de 2006.Cria o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional . SISAN com vistas em assegurar o direito Humano à alimentação adequada e dá outras providências.**Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 15 set. 2006. Disponível em:<<http://www.planalto.gov.br/consea/static/eventos/LOSAN%20-%20Lei%2011.346%20de%2015%20de%20setembro%20de%2020061.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2013.

_____. **Resolução nº 196, de 10 de outubro de 1996**. Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/1996/Reso196.doc>> . Acesso em: 4 jul. 2013.

BELIK, Walter ; SILVA, José Graziliano da; TAKAGI, Maya. Políticas de combate à fome no Brasil. **São Paulo Perspec.** São Paulo , v.15, n.4, 2001.

CLARO, Rafael Moreira; MONTEIRO, Carlos Augusto. Renda familiar, preço de alimentos e aquisição domiciliar de frutas e hortaliças no Brasil. **Rev Saúde Pública;** v.44, n.6, p.1014-20, 2010.

COÊLHO, Jackson Dantas; PINHEIRO, José César Vieira. Análise das formas de governança dos feirantes que atuam nas feiras livres de Cascavel e de Ocara, no Ceará. In: 47º Congresso SOBER. **Anais do 47º Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural.** Porto Alegre, p.1-17, 2009.

II CONFERÊNCIA NACIONAL DE SAN. Olinda, 2004. In: **Segurança Alimentar e Nutricional.** Petrópolis: 2009. p. 17.

CONTRERAS, Jésus; GRACIA, Mabel. Segurança e Insegurança Alimentar. In: **Alimentação, sociedade e cultura.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011. P.333-388.

CONSEA. A Segurança Alimentar e Nutricional e o Direito Humano à Alimentação Adequada no Brasil Realização -Indicadores e Monitoramento - da constituição de 1988 aos dias atuais. Brasília, 2010.

DANIEL, Junbla Maria Pimentel; CRAVO, Veraluz Zicarelli. Valor Social e Cultural da Alimentação. In: **Antropologia e Nutrição: um diálogo possível.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005. P.57-68.

DUBOWITZ Tamara; HERON, Melonie; BIRD Chloe E; LURIE, Nicole; FINCH, Brian K; BASURTO-DA VILA, Ricardo; HALE, Lauren; ESCARCE, José J. Neighborhood socioeconomic status and fruit and vegetable intake among whites, blacks, and Mexican Americans in the United States. **Am J Clin Nutr** v, 8,p.1883–91, 2008.

FIGUEIREDO, Iramaia Campos Ribeiro; JAIME, Patricia Constante; MONTEIRO, Carlos Augusto; Fatores associados ao consumo de frutas, legumes e verduras em adultos da cidade de São Paulo. **Rev Saúde Pública.** v.42, n.5, p.777-85, 2008.

FLICK, Uwe. **Desenho de pesquisa qualitativa.** Porto Alegre: Artemed, 2009. 164p.

FONTANELLA, Bruno José Barcellos; RICAS, Janete; TURATO, Egberto Ribeiro. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cad. Saúde Pública,** Rio de Janeiro, v.24. n.1, p.17-27, 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 200 p.

GODOY, Wilson Itamar; RECH, Rogério. Aspectos socioeconômicos e de

produção relacionados às feiras-livres do Sudoeste do Paraná. **Rev. Bras. de Agroecologia**. v. 8, n.1, p. 40-47, 2013.

JAIME, Patricia Constante; FIGUEIREDO, Iramaia Campos Ribeiro; MOURA, Ery Catarina; MALTA, Deborah Carvalho. Fatores associados ao consumo de frutas e hortaliças no Brasil, 2006. **Rev Saúde Pública**.; v. 43, Supl 2, p.:57-64, 2009.

KEPPLE, Anne Walleser; SEGALL-CORRÊA, Ana Maria. Conceituando e medindo a segurança alimentar e nutricional. **Ciência & Saúde Coletiva**. v. 16, n.1, p.187-199,2011.

LAPLANTINE, F. **A descrição etnográfica**. São Paulo: Terceira Margem, 2004.

LUCENA, Thiago Isaias Nóbrega de. **Feiras-Livres: Cidades de um só dia, aprendizados para a vida toda**. 48f, Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

MALUF, Renato Sérgio ; MENEZES, Francisco. **Produção de alimentos e eqüidade social**. Caderno “ Segurança Alimentar” 2000.

MALUF, Renato Sérgio. **Segurança alimentar e nutricional**. Petrópolis - Rio de Janeiro : Vozes, 2009. 174p.

MEDRONHO, Roberto de Andrade; PEREZ, Maurício de Andrade. Distribuição das Doenças no Espaço e no Tempo. IN: **Epidemiologia**. São Paulo: Atheneu, 2006. p.57-72.

MENASCHE, Renata; MARQUES; Flávia Charão; ZANETTI, Cândida. Autoconsumo e segurança alimentar: a agricultura familiar a partir dos saberes e práticas da alimentação. **Rev. Nutr., Campinas**, v.21(Suplemento), p. 145-158, 2008.

MINNAERT, Ana Cláudia de S. Teles. A feira-livre sob um olhar etnográfico. In: **Escritas e narrativas sobre alimentação e cultura**. Salvador : EDUFBA,2008. 422 p.

MINTZ; Sidney W. Comida e Antropologia: Uma breve revisão. **RBCS** Vol.16 nº47 outubro/2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde**. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2008. 407p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; SANCHES, Odécio. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade?. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 9, n.3, p. 239-262, 1993.

MODENESE, Valéria Silva; SANTANA, Antônio Lázaro; SOUSA, Gabriela dos Santos; DA SILVA, Flaviana Cavalcanti. Caracterização dos consumidores de produtos adquiridos dos agricultores familiares que comercializam diretamente sua produção, na região de Jales-SP. In: 48º

Congresso SOBER. **Anais do 48º Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural**. Campo Grande, 2010. p.1-5.

MONKEN, Maurício; BARCELLOS, Christovam. O Território na Promoção e Vigilância em Saúde. In: Fonseca, Angélica Ferreira (Org.) **O território e o processo saúde-doença**. / Organizado por Angélica Ferreira Fonseca e Ana Maria D'Andrea Corbo. – Rio de Janeiro: EPSJV/Fiocruz, 2007.

MORAES, Roque. Análise de Conteúdo. **Revista Educação**. Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

NEUTZLING, Marilda Borges; ROMBALDI, Airton José; AZEVEDO, Mario Renato; HALLAL, Pedro C. Fatores associados ao consumo de frutas, legumes e verduras em adultos de uma cidade no Sul do Brasil. **Cad. Saúde Pública** Rio de Janeiro, v.25, n.11, Nov. 2009

ONU. Organização das Nações Unidas. Comitê dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais da ONU. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Resolução 217 A (III). Assembléia Geral das Nações Unidas, 10 de dezembro de 1948.

PANELLI-MARTINS, Bárbara Eduarda; SANTOS, Sandra Maria Chaves dos; ASSIS, Ana Marilúcia Oliveira. Segurança Alimentar e Nutricional: desenvolvimento de indicadores e experimentação em um município da Bahia, Brasil. **Rev. Nutr., Campinas**, v. 21 (suplemento), p.65-81, 2008.

PEREIRA, Willian Fagner; CABRAL, Yara Camila Fabrin; PETINELI, Rafael; ESQUERDO; Vanilde; TAKAHASHI, Natacha. Feiras de produtores rurais do município de Umuarama -PR: importante canal de comercialização para a agricultura familiar. In: **Congresso de Agricultura Familiar e Ruralidade**. UEM, Umuarama – PR, 2009.

PIERRI, Maria Clara Queiroz Mauricio. **Um recorte em território artificializado: agricultura familiar e comercialização na feira dos Goianos – Gama/DF**. 194f, Dissertação (Mestrado em Agronegócios), 2010, Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária, Universidade de Brasília, Brasília.

PINHEIRO, Analise Rizollo de Oliveira; GENTIL, Patrícia Chaves. **A Iniciativa de Incentivo ao consumo de Frutas, Verduras e Legumes (f,l&v) :uma estratégia para abordagem intersectorial no contexto da Segurança Alimentar e Nutricional (CONSEA – Brasil)**. Ministério da Saúde. Brasília, 2005.

PORTO, Gil Carlos Silveira. **Configuração sócio-espacial e inserção das feiras livres de Itapetinga-BA e arredores no circuito inferior da economia**. 166f, Dissertação (mestrado em Geografia) 2005, Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

POULAIN, Jean-Pierre and PROENCA, Rossana Pacheco da Costa. O espaço social alimentar: um instrumento para o estudo dos modelos alimentares. **Rev. Nutr.** [online], v.16, n.3, p. 245-256, 2003.

REZENDE, Marcelo Lacerda; CARVALHO, Flavia Giolo de; REZENDE, Eliane Garcia; AZEVEDO, Luciana. Hábitos de consumo: uma abordagem dos consumidores da feira-livre de Alfenas – MG. In: 47º Congresso SOBER. **Anais do 47º Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural**. Porto Alegre, 2009. p.1-13.

SKABA, Daniel Albert; CARVALHO, Marília Sá; BARCELLOS Christovam; MARTINS Paulo Cezar; TERRON Santa Luiza. Geoprocessamento dos dados da saúde: o tratamento dos endereços. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 6, p. 1753-1756, 2004.

TEIXEIRA, Islandia Bezerra da Costa ; HONORATO, Andréa Aleika Alves. Segurança alimentar e nutricional: Análise do comércio de alimentos em Tangará - Rio Grande do Norte. **RBPS**, v.21, n.1, p.29-39, 2008.

TURATO, Egberto Ribeiro. Métodos Qualitativos e Quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. **Rev.Saúde Pública**, São Paulo, v. 39, n.3, p. 507-14, 2005.~

VEDANA, Viviane. **Fazer a Feira**. 2004. 251f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

VEDANA, Viviane. **No mercado tem tudo que a boca come : estudo antropológico da duração das práticas cotidianas de mercado de rua no mundo urbano contemporâneo**. 2008. 251f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

WEGNER, Rubia Cristina. Direito Humano à Alimentação: marco conceitual e legal para a presença do setor público brasileiro no abastecimento de Frutas, Legumes e Verduras. **Segurança Alimentar e Nutricional**, Campinas, v. 18, n.1,p. 73-92, 2011.

Apêndices

Apêndice A- Questionário 1: reconhecimento dos produtos comercializados nas feiras

Número do questionário ___ ___ ___ <i>(realizar o questionário com qualquer feirante)</i>	
Dados de identificação	
1) Endereço da banca: _____	
2) Número da banca : ___ ___ ___ ___	
3) Tu comercializas FLV (0) Não (1) Sim →SE SIM APLICAR O QUESTIONÁRIO 2	

Apêndice B – Questionário 2: Sobre o perfil dos feirantes e a produção e disponibilidade de FLV

Número do questionário ___ ___ ___ <i>(realizar a entrevista com a pessoa indicada como o responsável pela banca)</i>	Nquest ___ ___ ___
Dados de identificação	
1) Endereço da banca: _____	
2) Número da banca : ___ ___ ___	Nbanc ___ ___ ___
NÓS VAMOS CONVERSAR UM POUCO SOBRE VOCÊ E SOBRE A SUA FAMÍLIA	
3) Sexo (1) Feminino (2) Masculino	Sexo ___
4) Qual é o teu nome?	
5) Qual a tua idade (anos completos)? ___ ___	Idad ___ ___ ___
6) Tu moras em Pelotas? (0) Não →VÁ PARA A PERGUNTA 8 (1)Sim	Pel___
7) Na cidade ou para fora? (1) zona urbana (2) zona rural Em que bairro?_____VÁ PARA A PERGUNTA 10	Zon1 ___ Bair _____

8) Em que cidade tu moras? (1) Arroio do Padre (2) Capão do Leão (3) Canguçu (4) Arroio Grande (5) Morro Redondo (6) Camaquã (7) Cerrito (8) Cristal (9) São Lourenço (10) Pinheiro Machado (11) Piratini (12) Pedro Osório (13) Rio Grande (14) Turuçu (15) Pedras Altas (16) Outra _____	Cid ___
9) Na cidade ou para fora? (1) zona urbana (2) zona rural	Zon2 ___
10) Qual é o teu estado civil? (1) Solteiro (a) (2) Casado (a) (3) Com companheiro (a) (4) Viúvo (a) (5) Separado (a) (6) Outro _____	Eciv ___
11) A tua cor ou raça é? Ler as opções (1) branca (2) preta (3) parda (4) amarela (5) indígena	Cor ___
AGORA VAMOS CONVERSAR SOBRE OS TEUS ESTUDOS E A TUA FAMÍLIA	
12) Até que série tu foste aprovado? (0) (1) (2) (3) (4) (5) (6) (7) (8) (9) IGN (88) NSA [=analfabeto ou não concluiu 1ª série] (0) PULE PARA A PERGUNTA 12b (1) PULE PARA A PERGUNTA 12 a (2) PULE PARA A PERGUNTA 12 a (3) PULE PARA A PERGUNTA 12 a (4) PULE PARA A PERGUNTA 12 a (5) PULE PARA A PERGUNTA 12c (6) PULE PARA A PERGUNTA 12c (7) PULE PARA A PERGUNTA 12c (8) PULE PARA A PERGUNTA 12c (9) IGN PULE PARA A PERGUNTA 12c (88) NSA PULE PARA A PERGUNTA 12c	Serie ___
12 a) Do ensino? (1) Fundamental (1ª a 8ª série) VÁ PARA A PERGUNTA 12 c (2) Médio (1ª a 3ª série – Segundo grau ou científico) VÁ PARA A PERGUNTA 12 c	Ensin ___
12 b) Do curso? (1) Curso técnico ou pós-médio (especialização técnica) (2) Faculdade	Curs ___
12 c) Fazes ou fizeste algum curso profissionalizante? (0) Não (1) Sim, já fiz → Qual? _____ (2) Sim, estou fazendo Qual? _____	Curp ___
13) Tu tens filhos? (0) Não → VÁ PARA A PERGUNTA 15 (1) Sim	Filh ___
14) Quantos filhos tu tens? ___ filhos	Nºfilh ___

15) Contando contigo, quantas pessoas moram na mesma casa que tu? ___ __ pessoas	Morca ___ __
EU GOSTARIA QUE TU ME DISSESTE QUEM MORA CONTIGO.	
Esposa (o) (0) Não (1)Sim Filhos (0) Não (1)Sim Quantos? ___ __ Mãe (0) Não (1)Sim Pai (0) Não (1)Sim Sogro (0) Não (1)Sim Sogra (0) Não (1)Sim Irmã (0) Não (1)Sim Irmão (0) Não (1)Sim Sobrinho (0) Não (1)Sim Sobrinha (0) Não (1)Sim Outro (0) Não (1)Sim Quem? _____	Esp ___ Filh ___ Quantf ___ __ Mãe ___ Pai ___ Sogr ___ Sogra ___ Irmã ___ Irmão ___ Sobr ___ Sobri ___
AGORA VOU PERGUNTAR SOBRE QUANTO GANHAM AS PESSOAS DA CASA	
16) No mês passado, quanto tu recebeste? _____, ____	RendI
17) No mês passado, quanto receberam as pessoas que moram na casa? <i>parentesco com <nome></i> Pessoa1: _____, ____ Pessoa2: _____, ____ Pessoa3: _____, ____ Pessoa4: _____, ____ Pessoa5 _____, ____ Pessoa 6 _____, ____	Rendp1 Rendp2 Rendp3 Rendp4 Rendp5
AGORA VOU FAZER UMAS PERGUNTAS SOBRE AS PESSOAS QUE TRABALHAM CONTIGO NA FEIRA	
19) Quantas pessoas trabalham na tua banca? ___ __ pessoa (s)	Pestr ___ __
20) Qual a idade de cada uma dessas pessoas? E o grau de parentesco? (88) NSA – se apenas o entrevistado trabalhar na banca	

	Idade – anos completos	Parentesco	P1I ___
		Essa pessoa é teu parente? (0) Não (1) Sim	P1P ___
Pessoa 1	___	Esposo(a) (0) Não (1) Sim	Esp ___
		Filho(a) (0) Não (1) Sim	Filh ___
		Mãe (0) Não (1) Sim	Mãe ___
		Pai (0) Não (1) Sim	Pai ___
		Sogra (0) Não (1) Sim	Sogr ___
		Sogro (0) Não (1) Sim	Sogra ___
		Irmão (ã) (0) Não (1) Sim	Irmã ___
		Outro (0) Não (1) Sim Qual? _____	Irmão ___
		Parentesco	P2I ___
		Essa pessoa é teu parente? (0) Não (1) Sim	P2P ___
Pessoa 2	___	Esposo(a) (0) Não (1) Sim	Esp2 ___
		Filho(a) (0) Não (1) Sim	Filh2 ___
		Mãe (0) Não (1) Sim	Mãe2 ___
		Pai (0) Não (1) Sim	Pai2 ___
		Sogra (0) Não (1) Sim	Sogr2 ___
		Sogro (0) Não (1) Sim	Sogra2 ___
		Irmão (ã) (0) Não (1) Sim	Irmã2 ___
		Outro (0) Não (1) Sim Qual? _____	Irmão2 ___
		Parentesco	P3I ___
		Essa pessoa é teu parente? (0) Não (1) Sim	P3P ___
Pessoa 3	___	Esposo(a) (0) Não (1) Sim	Esp3 ___
		Filho(a) (0) Não (1) Sim	Filh3 ___
		Mãe (0) Não (1) Sim	Mãe3 ___
		Pai (0) Não (1) Sim	Pai3 ___
		Sogra (0) Não (1) Sim	Sogr3 ___
		Sogro (0) Não (1) Sim	Sogra3 ___
		Irmão (ã) (0) Não (1) Sim	Irmã3 ___
		Outro (0) Não (1) Sim Qual? _____	

<p>Pessoa 4 ___ ___</p>	<p>Parentesco</p> <p>Essa pessoa é teu parente? (0) Não (1) Sim</p> <p>Esposo(a)(0) Não (1) Sim</p> <p>Filho(a) (0) Não (1) Sim</p> <p>Mãe (0) Não (1) Sim</p> <p>Pai(0) Não (1) Sim</p> <p>Sogra (0) Não (1) Sim</p> <p>Sogro(0) Não (1) Sim</p> <p>Irmão (ã)(0) Não (1) Sim</p> <p>Outro(0) Não (1) Sim Qual? _____</p>	<p>Irmão3 ___</p> <p>P4I ___</p> <p>P4P ___</p> <p>Esp4 ___</p> <p>Filh4 ___</p> <p>Mãe4 ___</p> <p>Pai 4 ___</p> <p>Sogr4 ___</p> <p>Sogra4 ___</p> <p>Irmã4 ___</p> <p>Irmão4 ___</p>
<p>Pessoa 5 ___ ___</p>	<p>Parentesco</p> <p>Essa pessoa é teu parente? (0) Não (1) Sim</p> <p>Esposo(a)(0) Não (1) Sim</p> <p>Filho(a) (0) Não (1) Sim</p> <p>Mãe (0) Não (1) Sim</p> <p>Pai(0) Não (1) Sim</p> <p>Sogra (0) Não (1) Sim</p> <p>Sogro(0) Não (1) Sim</p> <p>Irmão (ã)(0) Não (1) Sim</p> <p>Outro(0) Não (1) Sim Qual? _____</p>	<p>P5I ___</p> <p>P5P ___</p> <p>Esp5 ___</p> <p>Filh5 ___</p> <p>Mãe5 ___</p> <p>Pai5 ___</p> <p>Sogr5 ___</p> <p>Sogra5 ___</p> <p>Irmã5 ___</p> <p>Irmão5 ___</p>
<p>21) Quantas dessas pessoas são mulheres? ___ ___ mulheres</p>		<p>Mul ___</p>
<p>VOU FAZER ALGUMAS PERGUNTAS SOBRE A TUA PROFISSÃO E SOBRE OS ALIMENTOS QUE TU VENDES</p>		
<p>Dados da produção e disponibilidade de alimentos</p>		
<p>22) Há quantos anos tu trabalhas na feira? ___ ___ anos (colocar 00 para menos de 1 ano)</p>		<p>Tempf ___</p>
<p>23) Tu vendes o que tu plantas? Tu és produtor? (0) Não (1) Sim 24) Tu compras para vender? Tu és revendedor? (0) Não (1) Sim</p>		<p>Prod ___</p>

	Reven __
<p>25) Há quantos anos tu és produtor (1) 1-2 anos (2) 3-4 anos (3) 5-6 anos (4) 7-8 anos (5) 9-10 anos (6) 10 anos ou mais</p>	Tempr __
<p>26) Onde tu produzes o alimento? Na mesma cidade, mas em local/ terreno diferente de onde mora (0) Não (1) Sim Na mesma cidade e no mesmo local/ terreno onde mora (0) Não (1) Sim Em outra cidade diferente de onde mora (0) Não (1) Sim</p>	Prodcil __ Prodcio __ Prodouc __
<p>27) Tu tens familiares que trabalham na produção/plantação dos alimentos? (0) Não (1) Sim Quantas? __ __</p> <p>Qual o grau de parentesco delas contigo?</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Esposa (o) (0) Não (1) Sim 2. Filhos (0) Não (1) Sim Quantos? __ __ 3. Mãe (0) Não (1) Sim 4. Pai (0) Não (1) Sim 5. Sogro (0) Não (1) Sim 6. Sogra (0) Não (1) Sim 7. Irmã (0) Não (1) Sim 8. Irmão (0) Não (1) Sim 9. Sobrinho (0) Não (1) Sim 10. Sobrinha (0) Não (1) Sim 11. Outro (0) Não (1) Sim Quem? _____ 	Fampro __ Famprn ^e __ __ Esp ^p __ Filhp __ nºfilhp __ __ Mãep __ Paip __ Sogrp __ Sograp __ Irmãp __ Irmãop __ Sobrp __ Sobrip __
<p>28) Tu és cooperativado? (0) Não (1) Sim Há quanto tempo? __ __ anos</p>	Coop __ Tempco __ __
<p>29) Tu já foste cooperativado? (0) Não (1) Sim Por quanto tempo? __ __ anos</p>	Fcoop __ Tempfco __ __
<p>30) Há quantos anos tu és revendedor? (1) 1-2 anos (2) 3-4 anos (3) 5-6 anos (4) 7-8 anos (5) 9-10 anos (6) 10 anos ou mais</p>	Temrev __
<p>31) Onde tu compras os alimentos? CEASA de Pelotas (0) Não (1) Sim Macroatacado em Pelotas (0) Não (1) Sim Qual? _____ CEASA de outra cidade (0) Não (1) Sim Qual cidade? _____</p>	Ceas __ Macr __

Macroatacado em outra cidade (0) Não (1) Sim Qual cidade? _____	Ceasoc __
Outro local _____	Macrooc __

<p>32) Quais são os alimentos que tu produz e/ou revendes? -Atenção para a resposta nas questões 23 e 24</p> <p>1) Abacaxi haway (0) Não (1) Sim, produz (2) Sim, revende</p> <p>2) Abacaxi Pérola (0) Não (1) Sim, produz (2) Sim, revende</p> <p>3) Abóbora Japonesa (0) Não (1) Sim, produz (2) Sim, revende</p> <p>4) Abóbora Moranga (0) Não (1) Sim, produz (2) Sim, revende</p> <p>5) Abobrinha brasileira (0) Não (1) Sim, produz (2) Sim, revende</p> <p>6) Agrião (0) Não (1) Sim, produz (2) Sim, revende</p> <p>7) Aipim (0) Não (1) Sim, produz (2) Sim, revende</p> <p>8) Alcachofra (0) Não (1) Sim, produz (2) Sim, revende</p> <p>9) Alface (0) Não (1) Sim, produz (2) Sim, revende</p> <p>10) Alho Poró (0) Não (1) Sim, produz (2) Sim, revende</p> <p>11) Almeirão (0) Não (1) Sim, produz (2) Sim, revende</p> <p>12) Ameixa (0) Não (1) Sim, produz (2) Sim, revende</p> <p>13) Arpargo (0) Não (1) Sim, produz (2) Sim, revende</p> <p>14) Banana (0) Não (1) Sim, produz (2) Sim, revende</p> <p>15) Batata Branca (0) Não (1) Sim, produz (2) Sim, revende</p> <p>16) Batata rosa (0) Não (1) Sim, produz (2) Sim, revende</p> <p>17) Batata Doce (0) Não (1) Sim, produz (2) Sim, revende</p> <p>18) Bergamota Comum (0) Não (1) Sim, produz (2) Sim, revende</p> <p>19) Bergamota Poncan (0) Não (1) Sim, produz (2) Sim, revende</p> <p>20) Berinjela (0) Não (1) Sim, produz (2) Sim, revende</p> <p>21) Beterraba (0) Não (1) Sim, produz (2) Sim, revende</p> <p>22) Brócolis (0) Não (1) Sim, produz (2) Sim, revende</p> <p>23) Caqui (0) Não (1) Sim, produz (2) Sim, revende</p> <p>24) Cebola (0) Não (1) Sim, produz (2) Sim, revende</p> <p>25) Cebolinha (0) Não (1) Sim, produz (2) Sim, revende</p> <p>26) Cenoura (0) Não (1) Sim, produz (2) Sim, revende</p> <p>27) Cereja ((0) Não (1) Sim, produz (2) Sim, revende</p> <p>28) Chicória (0) Não (1) Sim, produz (2) Sim, revende</p> <p>29) Chuchu ((0) Não (1) Sim, produz (2) Sim, revende</p> <p>30) Coentro (0) Não (1) Sim, produz (2) Sim, revende</p> <p>31) Couve (0) Não (1) Sim, produz (2) Sim, revende</p> <p>32) Couve-manteiga (0) Não (1) Sim, produz (2) Sim, revende</p> <p>33) Couve-Flor (0) Não (1) Sim, produz (2) Sim, revende</p> <p>34) Espinafre (0) Não (1) Sim, produz (2) Sim, revende</p> <p>35) Gengibre (0) Não (1) Sim, produz (2) Sim, revende</p> <p>36) Goiaba (0) Não (1) Sim, produz (2) Sim, revende</p> <p>37) Laranja de suco (0) Não (1) Sim, produz (2) Sim, revende</p> <p>38) Laranja de Umbigo (0) Não (1) Sim, produz (2) Sim, revende</p> <p>39) Laranja do céu (0) Não (1) Sim, produz (2) Sim, revende</p>	<p>Ali1 __ e __</p> <p>Ali2 __ e __</p> <p>Ali3 __ e __</p> <p>Ali4 __ e __</p> <p>Ali5 __ e __</p> <p>Ali6 __ e __</p> <p>Ali7 __ e __</p> <p>Ali8 __ e __</p> <p>Ali9 __ e __</p> <p>Ali10 __ e __</p> <p>Ali11 __ e __</p> <p>Ali12 __ e __</p> <p>Ali13 __ e __</p> <p>Ali14 __ e __</p> <p>Ali15 __ e __</p> <p>Ali16 __ e __</p> <p>Ali17 __ e __</p> <p>Ali18 __ e __</p> <p>Ali19 __ e __</p> <p>Ali20 __ e __</p> <p>Ali21 __ e __</p> <p>Ali22 __ e __</p> <p>Ali23 __ e __</p> <p>Ali24 __ e __</p> <p>Ali25 __ e __</p> <p>Ali26 __ e __</p> <p>Ali27 __ e __</p> <p>Ali28 __ e __</p> <p>Ali29 __ e __</p> <p>Ali30 __ e __</p> <p>Ali31 __ e __</p> <p>Ali32 __ e __</p> <p>Ali33 __ e __</p> <p>Ali34 __ e __</p> <p>Ali35 __ e __</p> <p>Ali36 __ e __</p> <p>Ali37 __ e __</p> <p>Ali38 __ e __</p> <p>Ali39 __ e __</p> <p>Ali40 __ e __</p> <p>Ali41 __ e __</p> <p>Ali42 __ e __</p> <p>Ali43 __ e __</p> <p>Ali44 __ e __</p> <p>Ali45 __ e __</p> <p>Ali46 __ e __</p> <p>Ali47 __ e __</p>
--	---

<p>40) Limão (0) Não (1) Sim, produz (2) Sim, revende</p> <p>41) Louro (0) Não (1) Sim, produz (2) Sim, revende</p> <p>42) Maça Argentina (0) Não (1) Sim, produz (2) Sim, revende</p> <p>43) Maça Fuji (0) Não (1) Sim, produz (2) Sim, revende</p> <p>44) Maça Gala (0) Não (1) Sim, produz (2) Sim, revende</p> <p>45) Mamão Formosa (0) Não (1) Sim, produz (2) Sim, revende</p> <p>46) Mamão Papaya (0) Não (1) Sim, produz (2) Sim, revende</p> <p>47) Manga (0) Não (1) Sim, produz (2) Sim, revende</p> <p>48) Maracujá Azedo (0) Não (1) Sim, produz (2) Sim, revende</p> <p>49) Melancia (0) Não (1) Sim, produz (2) Sim, revende</p> <p>50) Melão (0) Não (1) Sim, produz (2) Sim, revende</p> <p>51) Milho (0) Não (1) Sim, produz (2) Sim, revende</p> <p>52) Morango (0) Não (1) Sim, produz (2) Sim, revende</p> <p>53) Mostarda ((0) Não (1) Sim, produz (2) Sim, revende</p> <p>54) Nabo(0) Não (1) Sim, produz (2) Sim, revende</p> <p>55) Pepino (0) Não (1) Sim, produz (2) Sim, revende</p> <p>56) Pêra (0) Não (1) Sim, produz (2) Sim, revende</p> <p>57) Pêssego (0) Não (1) Sim, produz (2) Sim, revende</p> <p>58) Pimenta (0) Não (1) Sim, produz (2) Sim, revende</p> <p>59) Pimentão ((0) Não (1) Sim, produz (2) Sim, revende</p> <p>60) Quiabo ((0) Não (1) Sim, produz (2) Sim, revende</p> <p>61) Rabanete (0) Não (1) Sim, produz (2) Sim, revende</p> <p>62) Repolho(0) Não (1) Sim, produz (2) Sim, revende</p> <p>63) Rúcula (0) Não (1) Sim, produz (2) Sim, revende</p> <p>64) Salsa (0) Não (1) Sim, produz (2) Sim, revende</p> <p>65) Salsão (0) Não (1) Sim, produz (2) Sim, revende</p> <p>66) Tomate cereja (0) Não (1) Sim, produz (2) Sim, revende</p> <p>67) Tomate gaúcho (0) Não (1) Sim, produz (2) Sim, revende</p> <p>68) Tomate longa (0) Não (1) Sim, produz (2) Sim, revende</p> <p>69) Uva (0) Não (1) Sim, produz (2) Sim, revende</p> <p>70) Uva Itália (0) Não (1) Sim, produz (2) Sim, revende</p> <p>71) Vagem ((0) Não (1) Sim, produz (2) Sim, revende</p> <p>72) Outro (0) Não (1) Sim, produz _____ (2) Sim, revende _____</p> <p>73) Outro (0) Não (1) Sim, produz _____ (2) Sim, revende _____</p> <p>74) Outro (0) Não (1) Sim, produz _____ (2) Sim, revende _____</p> <p>75) Outro (0) Não (1) Sim, produz _____ (2) Sim, revende _____</p> <p>76) Outro (0) Não (1) Sim, produz _____ (2) Sim, revende _____</p> <p>77) Outro (0) Não (1) Sim, produz _____ (2) Sim, revende _____</p> <p>78) Outro (0) Não (1) Sim, produz _____ (2) Sim, revende _____</p> <p>79) Outro (0) Não (1) Sim, produz _____ (2) Sim, revende _____</p> <p>80) Outro (0) Não (1) Sim, produz _____ (2) Sim, revende _____</p>	<p>Ali48 __ e __</p> <p>Ali49 __ e __</p> <p>Ali50 __ e __</p> <p>Ali51 __ e __</p> <p>Ali52 __ e __</p> <p>Ali53 __ e __</p> <p>Ali54 __ e __</p> <p>Ali55 __ e __</p> <p>Ali56 __ e __</p> <p>Ali57 __ e __</p> <p>Ali58 __ e __</p> <p>Ali59 __ e __</p> <p>Ali60 __ e __</p> <p>Ali61 __ e __</p> <p>Ali62 __ e __</p> <p>Ali63 __ e __</p> <p>Ali64 __ e __</p> <p>Ali65 __ e __</p> <p>Ali66 __ e __</p> <p>Ali67 __ e __</p> <p>Ali68 __ e __</p> <p>Ali69 __ e __</p> <p>Ali70 __ e __</p> <p>Ali71 __ e __</p> <p>Ali72 __ e __</p> <p>Ali73 __ e __</p> <p>Ali74 __ e __</p> <p>Ali75 __ e __</p> <p>Ali76 __ e __</p> <p>Ali77 __ e __</p> <p>Ali78 __ e __</p> <p>Ali79 __ e __</p> <p>Ali80 __ e __</p>
<p>33) O alimento que vendes é de produção ecológica?</p> <p>(1) Não</p> <p>(2) Sim, todos</p> <p>(3) Sim, em parte</p> <p>(3) Não sei</p>	<p>venco __</p>
<p>34) O alimento que produzes é de produção ecológica?</p> <p>(0) Não</p> <p>(1) Sim, todos</p> <p>(2) Sim, em parte</p> <p>(3) Não sei</p>	<p>Preco __</p>

<p>35) Quais são os locais que tu comercializas as frutas, legumes e verduras? (1) somente nesta feira →VÁ PARA A PERGUNTA 39 (2) nesta e em outros locais de feiras – Quais? VÁ PARA A PERGUNTA 36 (4) Duque de Caxias (Silvia Melo) (5) Major Francisco Nunes da Souza (Fragata/Gotuzo) (6) Rua Anchieta (centro) (7) Pedro Moacir (três vendas) (8) Hugo Veiga (centro) (9) Darci Vargas (navegantes) (10) Visconde da Graça (simões lopes) (11) Balneário Sto Antônio- Rua Espírito Santo (laranja) (12) JK –Big (centro) (13) Xavier Ferreira (centro) (14) Ecológica da Bento (centro) (15) Cacimba das Nações (areal) (16) Moradas Pelotas (Rua Santiago Dantas- três vendas) (17) Rua Princesa Izabel (centro) (18) Rua Póvoas Junior, esq Av. Dom Joaquim (19) Rua General Osório (centro) (20) Rua Dr Ramiz Galvão (cohab tablada) (21) Rua Carlos Bordin (simões lopes) (22) Vila Leocadia (areal) (23) Av. Bento Gonçalves (centro) (24) Cohappel (centro) (25) Feyez Habeyche (cohab guabiroba) (26) Ecológica Mercado Central (centro) (27) Avenida 25 de Julho (Terra Nova – três vendas) (28) Duque de Caxias (fragata) (29) Alberto Rosa (centro) (30) Av. São Jorge (Santa Terezinha) (31) Golçalves Ledo (Fragata) (32) Av. Bento Golçalves – sábado (centro)</p>	<p>Loaic __</p> <p>End1 __</p> <p>End2 __</p> <p>End 3 __</p> <p>End 4__</p> <p>End 5 __</p> <p>End 6 __</p> <p>End 7 __</p> <p>End 8 __</p> <p>End 9__</p>

<p>(33) Av. Duque de Caxias – próximo a Laneira (fragata)</p> <p>(34) Arthur de Souza Costa (porto)</p> <p>(35) Felipe dos Santos (areal)</p> <p>(36) Av Espírito Santo – Laranjal – Sábado (laranjal)</p> <p>(37) Professor Araújo (centro)</p> <p>(38) Praça Aratiba (laranjal)</p> <p>(39) Dom Joaquim Ecológica (três vendas)</p> <p>(40) Avenida da Paz (areal)</p> <p>(41) Outro _____</p> <p>(42) Outro _____</p> <p>(43) Outro _____</p> <p>(44) Outro _____</p> <p>(45) Outro _____</p> <p>(3) nesta feira e outros locais de comércio → VÁ PARA A PERGUNTA 37</p>	
<p>36) As FLV que tu comercializa nesta feira são as mesmas que tu vendes nas outras feiras?</p> <p>(0) Não → Quais são diferentes? _____</p> <p>(1) Sim</p> <p>(2) Sim, em menor quantidade</p> <p>(3) Sim, em maior quantidade</p>	Alicomf __
<p>37) Quais são os outros locais que tu vendes as frutas, legumes e verduras?</p> <p>(1) Supermercado do bairro</p> <p>(2) Big</p> <p>(3) Guanabara</p> <p>(4) Krolow</p> <p>(5) Treichel</p> <p>(6) Pois pois</p> <p>(7) Outro _____</p> <p>(8) Outro _____</p> <p>(9) Outro _____</p> <p>(10) Outro _____</p>	Outloc __; __; __; __; __; __; __
<p>38) As FLV que tu comercializa nesta feira são as mesmas que tu vendes nos outros comércios?</p> <p>(0) Não → Quais são diferentes? _____</p>	Alicomc __

<p>(1) Sim (2) Sim, em menor quantidade (3) Sim, em maior quantidade</p>	
<p>39) Tu fazes algum tipo de beneficiamento nos alimentos?</p> <p>Nas frutas? (0) Não (1) Sim</p> <p>Qual beneficiamento?</p> <p>Descascar? (0) Não (1) Sim;</p> <p>Cortar ? (0) Não (1) Sim;</p> <p>Picar? (0) Não (1) Sim;</p> <p>Outro? (0) Não (1) Sim → Qual? _____</p> <p>Nas verduras e legumes? (0) Não (1) Sim</p> <p>Qual beneficiamento?</p> <p>Descascar? (0) Não (1) Sim;</p> <p>Cortar ? (0) Não (1) Sim;</p> <p>Picar? (0) Não (1) Sim;</p> <p>Outro? (0) Não (1) Sim → Qual? _____</p> <p>Em quais alimentos tu realizas o beneficiamento?</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p>	<p>Benfru __ Desc __ Cort __ Pica __</p> <p>Benvl __ Desca __ Cortaa __ Pic__</p>
<p>40) Os locais de feira que tu estás foi tu que escolheste? (0) Não, já estavam estabelecidos pela prefeitura (1) Sim</p>	Local __
<p>41) Tu estás satisfeito em vender as tuas FLV nesses locais de feira? (0) Não – Por que? _____ (1) Sim</p>	Satloc __
<p>42) Tu achas que os locais das feiras são bem divulgados para a população? (0) Não (1) Sim</p>	Divloc __
<p>43) Por fim, gostaria que tu me dissesse qual o horário que montas e desmontas a banca</p> <p>Início da feira às _____ : _____ min Final da feira às _____ : _____ min</p>	<p>Inif __ __ : __ __</p> <p>Fimf __ __ : __ __</p>

OBRIGADA (O) PELA TUA ATENÇÃO!

Observações _____

Nome da entrevistadora: _____

Data da entrevista: ____/____/____

Apêndice C - Questões norteadoras

- 1) Como e quando você se tornou um feirante?
- 2) Como se deu o processo de escolha ou atribuição da localização da banca? Você está satisfeito?
- 3) Como e quando você começou a produzir os alimentos?
- 4) Como e quando você começou a revender os alimentos?
- 5) Como você enxerga sua profissão?
- 6) Qual a importância da feira em sua vida? E na vida de sua família? De seus empregados?
- 7) O que representam na sua vida os alimentos que você produz? E para a sua família?
- 8) Você consome os alimentos que você produz?
- 9) O que representam na sua vida os alimentos que você revende? E para a sua família?
- 10) Você consome os alimentos que você revende?
- 11) Com relação aos produtos oferecidos aos consumidores, você nota diferença entre os feirantes que são produtores e os que não são?
- 12) De que forma seu trabalho como feirante/produtor está relacionado à saúde dos consumidores? E com o meio ambiente?
- 13) De que forma seu trabalho como feirante/revendedor está relacionado à saúde dos consumidores? E com o meio ambiente?

14) Você já ouviu falar em Segurança Alimentar e Nutricional?

15) Você faz alguma relação entre SAN e seu trabalho? E entre os alimentos que você produz e/ou revende?

Apêndice D - Termo de consentimento Livre e Esclarecido

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada: Frutas, legumes e verduras nas feiras-livres de Pelotas e sua contribuição na Segurança Alimentar e Nutricional. O objetivo geral deste estudo é estudar qual a contribuição das FLV na promoção da SAN, na ótica dos feirantes, avaliando a produção e comercialização desses alimentos nas feiras-livres de Pelotas/RS. Sua participação nesta pesquisa se dará através de uma entrevista que terá duração de aproximadamente 40 minutos, onde será preenchido um questionário, que irá ter questões sobre os alimentos que você produz e/ou comercializa, e alguns dados socioeconômicos – como sua escolaridade, estado civil, cidade onde mora e/ou produz, compra o alimento – entre outras perguntas. Faremos além do questionário uma conversa sobre a produção dos alimentos. Esta entrevista será gravada com a sua concordância.. Não são esperados riscos relacionados com sua participação nesta pesquisa. Os benefícios relacionados com a sua participação serão o enriquecimento do entendimento da produção e disponibilidade de frutas, legumes e verduras em feiras livres de Pelotas/RS o que possibilitará ampliação do conhecimento sobre a comercialização destes alimentos e melhora ou adequação nas ações de promoção de Segurança Alimentar e Nutricional do município de Pelotas/RS. Você não terá custos financeiros participando desta pesquisa. As informações obtidas através desse estudo são confidenciais e é assegurado o sigilo sobre sua participação. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação. A qualquer momento você poderá desistir de participar desta pesquisa e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição. Em caso de dúvida você pode entrar em contato agora ou em qualquer momento com a professora/orientadora e responsável pela pesquisa Denise P. Gigante ou com a estudante do curso de mestrado e pesquisadora Camila Irigone Ramos através dos telefones (53) 81240951 e (53) 91462831, você também poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Pelotas pelo telefone (53)39211413.

Eu, _____, aceito

participar da pesquisa, declaro que recebi as informações sobre os objetivos, métodos, riscos e benefícios do estudo, e uma cópia deste termo, na data de ___/___/___.

Sujeito da Pesquisa

Camila Irigone Ramos

Apêndice E – Pedido de autorização para o desenvolvimento da pesquisa

Eu, Denise Petrucci Gigante, professora e orientadora da mestranda Camila Irigoneh Ramos, venho, por meio deste, solicitar a autorização do responsável pelas feiras-livres de Pelotas/RS, na Secretaria Municipal de Urbanismo, para a realização da pesquisa intitulada : Frutas, legumes e verduras nas feiras-livres de Pelotas e sua contribuição na Segurança Alimentar e Nutricional. O objetivo geral deste estudo é estudar qual a contribuição das FLV na promoção da SAN, na ótica dos feirantes, avaliando a produção e comercialização desses alimentos nas feiras-livres de Pelotas/RS. A participação dos feirantes, nesta pesquisa, se dará através de entrevistas, que terão duração de aproximadamente 40 minutos, onde será preenchido um questionário contendo questões sobre os alimentos produzidos e/ou comercializados e, ainda, alguns dados socioeconômicos dos feirantes. Essas entrevistas serão gravadas (com a concordância dos participantes), degravadas e, por fim, destruídas. Ao final da pesquisa, pretende-se disponibilizar um relatório com os dados do perfil dos feirantes e com os dados da caracterização dos alimentos produzidos e comercializados nas feiras-livres para a referida secretaria.

Desde já agradeço,

Att

Denise P. Gigante

Coordenador / responsável pelas feiras-livres

Pelotas, 2013

RELATÓRIO DO TRABALHO DE CAMPO

Este relatório pretende narrar o processo de inserção em campo e descrever a coleta de dados realizada no transcorrer deste estudo. Tais procedimentos foram realizados durante o período de dezembro de 2013 a agosto de 2014. Compreendendo a complexidade que envolve a proposta de investigação a qual se propõe a presente pesquisa buscou-se utilizar, concomitantemente, os métodos quantitativo e qualitativo.

Durante a aplicação dos dois métodos foram incluídos todos os feirantes de Pelotas que comercializavam frutas, legumes e verduras (FLV). Aqueles que aceitaram participar do estudo, realizaram inicialmente a leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido¹. Realizou-se, ainda, o mapeamento dos locais de feiras nos quais são comercializados os referidos alimentos.

No município de Pelotas existem dois tipos de feiras, que são nomeadas (pelos feirantes e pela gestão municipal) de acordo com o modo como se realiza a produção de alimentos. Nas feiras convencionais os alimentos são comercializados, em parte, por agricultores familiares. No entanto, em alguns casos, as FLV são revendidas por feirantes que não se enquadram na categoria de produtores. Os feirantes revendedores compram esses alimentos de agricultores familiares da região ou na Associação de Comerciantes de Hortifrutigranjeiros de Pelotas, conhecida por CEASA. Neste local são comercializadas FLV que são produzidas em todo o país; como mamão, manga, cebola, batata. Os alimentos vendidos nas feiras convencionais são produzidos sem restrição à utilização de insumos.

Já no caso das feiras ecológicas/orgânicas há somente produtores ecológicos², que comercializam alimentos produzidos sem utilização de agroquímicos. A produção ecológica respeita o tempo da natureza, ou seja, está em harmonia com as condições climáticas, o tipo de solo e seus nutrientes. Desse modo, nessas feiras são encontradas FLV da época.

¹ Os nomes dos interlocutores da pesquisa utilizados neste relatório são fictícios.

² Deste modo existem 3 tipos de feirantes: os são somente produtor, aqueles que são produtor e revendedor, e outros que são apenas revendedores.

Para a coleta dos dados tomou-se como ponto de partida inserções em feiras dos dois tipos. Tais inserções a campo ocorreram no mesmo período, mas de modos distintos.

Coleta de dados quantitativos

A aplicação dos questionários foi conduzida com o auxílio de graduandas do curso de Nutrição. Em fevereiro de 2014 foram selecionadas e treinadas 12 voluntárias e, neste mesmo mês, teve início a coleta de dados. O questionário foi aplicado ao proprietário de cada banca, segundo indicação dos próprios feirantes, uma vez que, nesta etapa da pesquisa, não estava disponível o cadastro da prefeitura com os nomes dos vendedores. Para iniciar a aplicação dos questionários foi tomada para orientação uma lista dos locais das feiras (Anexo 1), que fora disponibilizada, em agosto de 2013, por um dos funcionários responsáveis pela administração das feiras, lotado na Secretaria Municipal de Obras e Serviços Urbanos (SOSU). Para não gerar inconvenientes a feirantes e fregueses, a aplicação dos questionários ocorreu sempre no início ou final do turno de comercialização dos alimentos.

Ao final de março de 2014 haviam sido percorridos todos os 39 locais de feira de Pelotas. Neste percurso, o questionário foi respondido por 76 feirantes. Não se dispunha, nesta etapa, de informação atualizada sobre o número de feirantes que trabalhavam nas feiras do município, mas, a partir de conversas informais com eles, foi possível tomar ciência de que este número era maior do que os que haviam sido identificados.

Diante disso, iniciou-se uma nova busca. Nesta nova etapa, cada um dos locais de feira recebeu uma segunda visita. Esta iniciativa teve o intuito de identificar quem não havia respondido o questionário. A busca ocorreu durante todo o mês de abril, momento no qual houve a possibilidade de checar cada uma das feiras de duas a três vezes. Desse modo, foi possível obter um pequeno aumento no número de questionários respondidos. Apesar dos poucos questionários acrescidos, esse momento da pesquisa revelou-se importante porque possibilitou o contato constante com os trabalhadores das feiras convencionais, criando aproximação e abertura para que relatassem espontaneamente assuntos referentes a suas vidas e trabalho. Vale dizer que,

durante esse processo, os feirantes ajudaram a identificar quais de seus pares não haviam respondido ao questionário.

Em maio de 2014, ainda durante a aplicação dos questionários, foi obtida, junto a outro funcionário da Prefeitura Municipal de Pelotas, a informação de que o município possuía em torno de 40 locais de feira. Segundo esse informante, somavam-se, à época, 176 feirantes convencionais cadastrados, distribuídos em seis grupos: grupo A (92 feirantes); grupo B (30 feirantes); grupo C (27 feirantes); grupo D (12 feirantes); grupo E (03 feirantes) e grupo F (06 feirantes)³. Obteve-se, então, por meio de um dos feirantes, o telefone de um dos fiscais de feira mais antigos, que auxiliou na busca dos trabalhadores que não haviam respondido ao questionário.

Ainda em maio de 2014, em novo contato com o responsável pela organização das feiras e cadastro dos feirantes, foram disponibilizadas algumas listas com os nomes dos feirantes convencionais cadastrados na Prefeitura (Anexo 2), os números de suas bancas e os locais em que as feiras estavam estabelecidas. Nesse momento mostrou-se necessário organizar as várias listas em uma única (Apêndice A), pois estes comerciantes faziam feira em mais de um local e, assim sendo, seus nomes constavam em mais de uma lista.

No processo de organização da lista unificada foi necessário realizar uma limpeza, excluiu-se os nomes de feirantes já falecidos ou aposentados. Essa etapa foi finalizada com o auxílio de feirantes e do fiscal. De posse desta lista, novas buscas foram realizadas, com o objetivo de identificar os feirantes que ainda não haviam respondido ao questionário. Vale dizer que foi dada preferência à aplicação do questionário ao feirante cujo nome constasse na referida lista, ou seja, a pessoa cadastrada na prefeitura como dono da banca. A coleta desses dados foi finalizada em agosto de 2014.

³ Segundo o fiscal de feira contatado – e também como contam os feirantes –, a distribuição das bancas por grupos é devida ao tempo de participação do feirante na feira; sendo o grupo A o mais antigo, juntamente com o grupo D.

Figura 1– Cronograma das atividades de pesquisa realizadas em campo

Atividades	Meses de 2013/2014								
	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago
Elaboração da lista dos nomes dos feirantes e locais de feira cadastrados na Prefeitura Municipal de Pelotas									
Pesquisa exploratória em feira ecológica									
Aplicação de questionários quantitativos									
Imersão/observação participante/entrevistas em feira ecológica									
Observação participante e entrevistas em feiras convencionais									
Visitas as propriedades rurais de feirantes									

Procedimentos de pesquisa qualitativos

Para a obtenção dos dados qualitativos, a inspiração foi buscada no método etnográfico, sendo realizadas observação participante, com registro em diário de campo, e entrevistas em profundidade. Conforme explica Geertz (2008, p.7), “a etnografia é uma descrição densa”. Cabe, portanto, ao etnógrafo apreender as estruturas conceituais complexas, “muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e implícitas” (2008, op. cit., p. 7).

O referido autor diz, ainda, que é preciso estar atento a todo o processo que envolve o trabalho de campo. Procedimentos que, a priori, poderiam parecer menos importantes, revelam-se como enriquecedores espaços de troca e contribuem significativamente para a construção do diário de campo.

De acordo com Geertz (2008, p.7),

fazer a etnografia é como tentar ler (no sentido de "construir uma leitura de") um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado.

Já no que diz respeito ao conceito de observação participante, tal qual formulada pelos autores Schwartz & Schwartz (1955) *apud* Minayo (2014, p. 273), é possível defini-la como: “um processo pela qual mantém-se a presença do observador numa situação social, com a finalidade de realizar uma investigação científica”. Desse modo, o pesquisador encontra-se frente a frente com os

sujeitos observados. A coleta dos dados, por consequência, se dá no espaço onde atuam, de modo a manter uma interação constante com suas práticas socioculturais.

Na presente pesquisa, foram realizadas diferentes observações: a observação dirigida, com o objetivo de complementar informações obtidas nas entrevistas (sendo desempenhado o papel de observador-como-participante) e a observação livre e descritiva, onde ficou claro para os envolvidos que o tempo de pesquisa determinaria a relação no campo (sendo desempenhado o papel de participante-como-observador). Seguindo esta última forma de observação, foram adotados hábitos, formas de atuação e acompanhamento de acontecimentos importantes para os entrevistados em suas rotinas (CICOREL, 1980; MIANYO, 2014). O diário de campo, por sua vez, foi utilizado para anotar as observações da relação e comportamento das pessoas com o ambiente, entre elas e com a pesquisadora (VICTORA, 2000).

Nesse sentido, optou-se por realizar as entrevistas nos próprios locais de feira. Segundo Minayo (2014, p. 261), “entrevista é acima de tudo uma conversa a dois, ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa do entrevistador, destinada a construir informações pertinentes para um objeto de pesquisa...”. Seguindo a linha de estudo proposta foram utilizadas questões norteadoras, uma vez que as mesmas ajudam a guiar a conversa, estimulando os interlocutores a falarem livremente sobre os aspectos que consideravam importantes no que diz respeito a produção e comercialização de FLV. Nas feiras convencionais, algumas entrevistas foram agendadas e outras ocorreram espontaneamente. Na feira ecológica, as entrevistas ocorreram sem agendamento e obedeceram à disponibilidade dos feirantes, pois, ao longo de quase seis meses, a pesquisadora esteve presente na feira em todos os sábados.

A inserção em campo deu-se, por conseguinte, a partir de estratégias distintas nos diferentes tipos de feiras. Nas feiras de tipo ecológica foram duas etapas sucessivas: exploratória e imersão. Nas feiras de tipo convencional, dada a limitação de tempo, utilizou-se da aproximação decorrente da aplicação de questionários. Dessa forma foram eleitos os interlocutores a serem entrevistados posteriormente.

O processo de busca dos feirantes e a aplicação dos questionários nas feiras convencionais contribuiu para o processo de organização dos dados,

permitindo, com isso, estabelecer uma rede de relações e dando base para a seleção dos produtores e/ou revendedores a serem entrevistados. Além disso, foi possível, enquanto se realizavam esses contatos preliminares, adequar as questões norteadoras e agendar as entrevistas. Foram entrevistados sete feirantes convencionais, de distintas feiras, realizadas em diferentes dias, nos bairros: Centro, Cohab tablada, Fragata, Navegantes e Simões Lopes. Durante a busca dos feirantes que ainda não haviam respondido ao questionário, ocorreram reencontros com feirantes entrevistados, o que possibilitou, por meio de observação participante dirigida e de novas conversas, complementar os dados coletados durante as entrevistas.

Figura 2– Quadro com as características sociais dos feirantes convencionais entrevistados

Nome	Idade (anos)	Estado civil	Escolaridade	Produtor e/ou revendedor	Localidad e de moradia	Tempo que é feirante (anos)	Pessoas que trabalham na feira
Diana	31	Casada	Ensino médio incompleto	Revendedora	Zona urbana	1	Entrevistada e esposo
Elizabeth	33	Casada	4ª série do ensino fundamental	Revendedora	Zona urbana	13	Entrevistada e esposo
Everaldo	43	Casado	4ª série do ensino fundamental	Produtor e revendedor	Zona rural	10	Entrevistado e eventualmente funcionário
Heitor	56	Solteiro	5ª série do ensino fundamental	Revendedor	Zona rural	10	Entrevistado, irmã e cunhado
Marina	53	Casada	5ª série do ensino fundamental	Produtora e revendedora	Zona rural	10	Entrevistada e esposo
Reinaldo	42	Casado	Ensino médio completo	Revendedor	Zona urbana	10	Entrevistado, esposa e cunhado
Valter	32	Casado	Ensino médio completo	Revendedor	Zona urbana	25	Entrevistado e sua mãe

Nas feiras ecológicas, a imersão a campo foi precedida por dois momentos de pesquisa exploratória⁴. O primeiro ocorreu na feira ecológica que se realiza às quintas-feiras no centro da cidade, no Largo do Mercado Municipal. Buscava-se observar e familiarizar-se com a feira e com os feirantes, tentando, com isso, uma inserção no ambiente de pesquisa. Nessa etapa, não se obteve sucesso, já

⁴ Na fase exploratória, busca-se conhecer o ambiente de pesquisa e estabelecer os primeiros contatos com os interlocutores e, com isso, possibilitar a entrada em campo (MINAYO, 2014).

que, devido ao grande movimento de consumidores e à falta de conhecimento prévio dos feirantes, a abertura para futura inserção de pesquisa não chegou a realizar-se.



Figura 3: Feira de produtos ecológicos. Largo do Mercado Municipal, 27 de novembro de 2013
Fonte: Acervo da pesquisadora.

Diante do ocorrido procurou-se estabelecer algum elo de ligação com feirantes, o que apenas pode realizar-se a partir da colaboração de Sablina Clasen de Paula, graduanda de gastronomia da UFPel, por intermédio do Grupo de Estudos e Pesquisas em Alimentação e Cultura – GEPAC, coordenado por uma das coorientadoras da presente pesquisa. Habituada ao meio rural, moradora da colônia Coxilha dos Campos, em Canguçu, a estudante oportunizou a aproximação com Seu Onofre, produtor e feirante ecológico, morador da Coxilha dos Silveiras.

No início do mês de dezembro de 2013, na feira ecológica que se realiza aos sábados, na Avenida Dom Joaquim, Sablina intermediou a primeira conversa com Onofre. Após explicar os objetivos da presente pesquisa ao feirante - e vendo que ele se mostrava receptivo ao estudo –, houve sua aceitação em participar, explicando o funcionamento da feira e de sua produção. É importante ressaltar que a oportunidade para a realização da observação participante se deu a partir da mediação de pessoa conhecida e de confiança do feirante, dado que Sablina e a família a que pertence fazem parte da rede de

sociabilidade⁵ de Onofre. Confirma-se, assim, o que afirma Minayo (2014, p. 282-283): “Certamente as pessoas que introduzem o pesquisador no campo são com ele responsáveis tanto pela sua primeira imagem, como por portas que se abrirão ou se fecharão”.

A inserção a campo, nesta feira, marca o início da segunda etapa da pesquisa, com a observação participante, que ocorreu aos sábados do período compreendido entre dezembro de 2013 e maio de 2014. Durante esse período, a pesquisadora participou das atividades de venda dos produtos na banca de Onofre. Foi um período de importante interação junto aos feirantes, com trocas interpessoais e experiências que possibilitaram de forma mais ampla a apreensão do contexto vivenciado pelos feirantes.

Na banca de Onofre, a pesquisadora, em observação participante, assumiu tarefas que lhe foram determinadas e foi orientada pelo feirante a respeito da postura a ser adotada no trato com os fregueses. Onofre disse que os feirantes devem estar sempre “de bem com a vida”, devendo tratar bem o freguês, para que volte.



Figura 4: Feira de produtos ecológicos. Avenida Dom Joaquim, 12 de julho de 2014
Fonte: Acervo da pesquisadora.

⁵ Na comunidade rural, a forma como as pessoas pertencentes a esse grupo se organizam leva à promoção de relações solidárias e de pertencimento cuja lógica está imbricada na vivência desses sujeitos, sobrepondo-se a situações determinadas a partir de “parentesco, vizinhança, cooperação no trabalho e coparticipação nas atividades lúdico-religiosas” (COMERFORD, 2005, p. 112).



Figura 5: Feira de produtos ecológicos. Avenida Dom Joaquim, 12 de julho de 2014
Fonte: Acervo da pesquisadora.

Em algumas ocasiões, durante o período de imersão na banca de Onofre, a pesquisadora se propôs a chegar no horário da montagem das bancas, por volta das 5h40min da manhã. A intenção era, ajudando o feirante, entender melhor o funcionamento da feira. Essa ação teve como reações espanto e agradecimento por parte do feirante, que costuma fazer sozinho a montagem da banca, uma vez que sua filha, Ediane, que o ajuda na comercialização dos alimentos, costuma chegar a partir das 7h da manhã.

É importante ressaltar que as práticas de sociabilidade entre a pesquisadora e os feirantes constituíram-se em aspecto fundamental para o desenrolar da pesquisa. Entre os atos que auxiliaram na aproximação com o contexto de estudo é possível citar a participação nos lanches⁶, seja adquirindo pastéis, seja nas trocas de frutas⁷.

⁶ Dado que os feirantes se alimentam muito cedo, antes de sair de casa, na colônia, é prática comum entre eles a realização de uma espécie de “almoço antecipado”, durante a feira.

⁷ Trata-se de um processo no qual aqueles que têm uma fruta trocam com aqueles que têm outra e assim por diante.

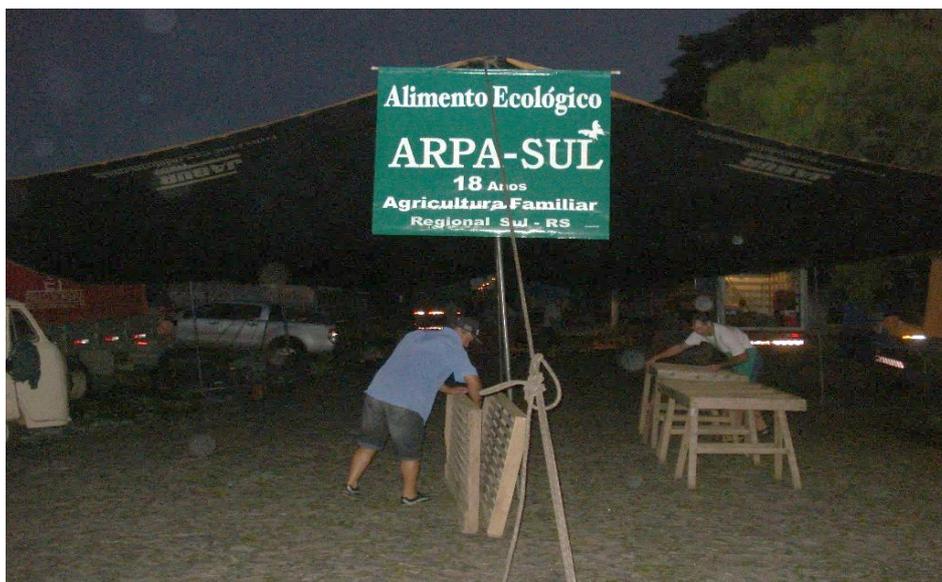


Figura 6: Feira de produtos ecológicos. Avenida Dom Joaquim, 18 de janeiro de 2014
Fonte: Acervo da pesquisadora.

Durante o período de vivência em campo pôde-se observar algumas dificuldades no trabalho “como feirante”. Dentre elas, cabe citar a necessidade de celeridade na realização do cálculo do troco e a memorização do preço dos alimentos. Onofre, por exemplo, sabe todos os preços e não usa placas. Vale ressaltar outro aspecto importante notado durante o processo de observação: muitos fregueses chegavam a comentar que a pesquisadora, dado seu fenótipo – pele e cabelos mais escuros do que os habitualmente vistos entre os colonos/feirantes – e a linguagem característica do meio urbano através da qual se expressa, não poderia ser feirante.

Segundo Onofre, a pesquisadora podia ser considerada “muito boa com os fregueses”, mas, pelo “jeito educado de falar”, logo se percebia não ser feirante. Aos poucos, os fregueses assíduos da feira e dos produtos de Onofre acostumaram-se com a presença da pesquisadora e passaram a tratá-la como parte daquele ambiente. Há que mencionar que alguns poucos consumidores, ao tomarem ciência de que a pesquisadora é uma nutricionista, passavam a indagá-la sobre propriedades dos alimentos e receitas saudáveis.

Durante o período de vivência na feira ecológica da Avenida Dom Joaquim, foram realizadas entrevistas com um feirante de cada banca, totalizando seis entrevistas. Além disso, foi possível conhecer as propriedades rurais de Onofre e do casal Isabel e Alceu.

Figura 7 – Quadro com as características sociais dos feirantes ecológicos entrevistados

Nome	Idade (anos)	Estado civil	Escolaridade	Produtor e/ou revendedor	Localidade e de moradia	Tempo que é feirante (anos)	Pessoas que trabalham na feira
Alceu	53	Casado	Até a 4ª série do ensino fundamental	Produtor	Zona rural	20	Entrevistado, a esposa, e o filho
Danúbia	34	Casada	Ensino médio completo	Produtora	Zona rural	18	Entrevistada, o irmão e um funcionário
Gustavo	68	Casado	Até a 2ª série do ensino fundamental	Produtor	Zona rural	13	Entrevistado e a nora
Izabel	53	Casada	Até a 4ª série do ensino fundamental	Produtora	Zona rural	20	Entrevistada, o esposo, e o filho
Nicolas	50	Casado	Até a 4ª série do ensino fundamental	Produtor	Zona rural	20	Entrevistado, a esposa e a filha
Otávio	53	Casado	Até a 5ª série do ensino fundamental	Produtor	Zona rural	18	Entrevistado e esposa
Onofre	47	Casado	Até a 6ª série do ensino fundamental	Produtor	Zona rural	17	Entrevistado, a esposa ou a filha

A visita à propriedade de Onofre, no município de Canguçu, vizinho a Pelotas, ocorreu em março de 2014. Novamente contou-se com o auxílio de Sablina. Pela manhã, a graduanda de Gastronomia, filha de agricultores da região, esperou a pesquisadora na estação de ônibus, acompanhando-a até a propriedade da família visitada. Todos da casa - Onofre, sua esposa Estela e sua filha Ediane - já trabalhavam no momento de chegada ao local.

Estela serviu um café reforçado para todos. Após o lanche, Onofre apresentou sua produção, realizada em uma área de 9 hectares. Ele e sua família residem no local desde 1994. Foi possível notar a satisfação de Onofre em apresentar sua propriedade, mostrando-se orgulhoso de tudo o que produz e cuida, junto com a esposa. Onofre relatou que a produção envolve atos como limpar e preparar o terreno, plantar, roçar e colher. “É bastante trabalho para duas pessoas”, comentou. Além da lavoura, Estela se incumbe das lidas da casa. Produz bolos, cucas, queijo, nata, geleias e rapaduras de amendoim, produtos que também são comercializados na feira. Salienta-se que foi percorrida toda a propriedade, identificando-se laranjeiras, pessegueiros, bergamoteiras, bananeiras, goiabeiras e muitas outras árvores frutíferas. Além disso, pôde-se notar o parreiral e as plantações de mandioca, batata doce, milho, bem como as mudas de cenoura, beterraba e alface. Neste ponto é

importante ressaltar que o fato de ter conhecido como se realiza todo o processo de produção, bem como a organização e preparo dos alimentos, que antecede a feira, revelou-se como indispensável para o melhor desenvolvimento do presente estudo.



Figura 8: Produção Ecológica da família Leal. Colônia Coxilha dos Silveiras, Morro Redondo, março de 2014
Fonte: Acervo da pesquisadora.

Em maio de 2014, houve oportunidade de conhecer a propriedade rural de Isabel e Alceu, localizada no interior do município de Turuçu, próximo a Pelotas. Essa visita também ocorreu no turno da manhã. Alceu conduziu a pesquisadora ao longo dos 12 hectares de sua propriedade, em que ele, a esposa e o filho produzem: alface, beterraba, brócolis, cenoura, couve-flor, morangos, entre outros. Eles também criam animais, como galinhas, porcos e vacas. Assim como Onofre, Isabel e Alceu mostraram-se felizes com a visita da pesquisadora. Ambos consideraram importante que ela conhecesse como ocorre a produção que antecede a comercialização dos alimentos, na feira, aí destacando o trabalho que realizam cotidianamente para produzir alimentos sem o emprego de insumos químicos. Eles narraram sua trajetória, contando como se estabeleceram na propriedade, na produção de orgânicos e na feira ecológica. Ofereceram à pesquisadora uma sacola de frutas (bergamotas e laranjas) e outra com verduras.



Figura 9: Produção Ecológica da família Storch. São Domingos, Turuçu/RS, maio de 2014.
Fonte: Acervo da pesquisadora.



Figura 10: Produção Ecológica da família Storch. São Domingos, Turuçu/RS, maio de 2014.
Fonte: Acervo da pesquisadora.

Dadas as atividades a campo já desenvolvidas e o tempo disponível para a realização do mestrado, aproximou-se o momento de finalização da pesquisa a campo e essa retirada foi construída junto aos interlocutores, de modo gradativo. De acordo com Minayo (2014),

Se a entrada de campo tem que ver com problemas de identificação, obtenção e sustentação de contatos, a saída de campo é um momento crucial. As relações interpessoais que se estabelecem durante a pesquisa não se desfazem automaticamente com a conclusão das atividades previstas (2014, p.284-285).

Dessa forma, procurou-se realizar o afastamento do campo de forma tranquila, cuidando para que não fossem rompidos bruscamente os laços de confiança e afeto estabelecidos durante a permanência em campo. Assim, a partir de maio de 2014, a frequência de presença na feira tornou-se mais espaçada, passando a dar-se quinzenalmente. Já em agosto, a observação participante foi realizada em uma única ocasião. E, desde então, a pesquisadora continuou fazendo-se presente na feira, mas apenas como consumidora. Assim se deu o afastamento do campo de pesquisa, mantendo-se o laço de confiança construído com os feirantes ecológicos.

Pretende-se dar o retorno da pesquisa à comunidade (feirantes e órgãos gestores municipais das feiras). Para tanto será confeccionado um folheto, no qual constarão os principais resultados do estudo. Deverá compor este material um “mapa das feiras de Pelotas”, contendo os locais, dias e horários de realização de cada feira, bem como informações relevantes sobre a produção de FLV e Segurança Alimentar e Nutricional (SAN). Este folheto poderá ser distribuído pelos feirantes para os seus fregueses, e pelos gestores a toda a população. Por meio desse material buscar-se-á estimular a reflexão dos gestores, feirantes e consumidores sobre a importância das feiras e do consumo de FLV.

Resultados

Os dados obtidos a partir dos diversos procedimentos de pesquisa apontam para uma riqueza de resultados, que não poderão ser apresentados e analisados em um único artigo. Além disso, considera-se importante esclarecer que não foi possível finalizar a análise dos dados do mapeamento das feiras e, por isso, esses resultados não serão contemplados no volume.

A partir da análise dos dados obtidos com base nos instrumentos de pesquisa qualitativa, foram identificadas cinco categorias, a saber: a) a feira como trabalho de família e em família; b) a profissão de feirante e a importância das feiras; c) a conformação das feiras e do trabalho dos feirantes; d) as relações dos feirantes com o alimento, com o meio ambiente e com o consumidor; e) as relações entre SAN e a produção e distribuição de FLV a partir das percepções dos feirantes.

No artigo que será apresentado a seguir busca-se desenvolver a reflexão a partir dos aspectos referentes à categoria “d”. As demais categorias listadas acima serão exploradas em artigos a serem escritos posteriormente à defesa desta dissertação de mestrado.

Ainda, no artigo que segue, serão apresentados, de maneira descritiva, os principais resultados da análise dos dados obtidos a partir de instrumento de pesquisa quantitativa. Apesar da apresentação sucinta desses dados no artigo considera-se importante trazer, neste Relatório, todas as tabelas de resultados quantitativos do estudo, apresentadas a seguir.

Tabela 1 – Características sociodemográficas dos feirantes da cidade de Pelotas/2014

Variável	Frequência n (%)
Sexo	
Masculino	77(65,3)
Feminino	41(34,7)
Idade (anos)	
20 a 30	21(18)
31 a 40	23(19)
41 a 50	21(18)
51 a 60	23 (19,5)
Mais de 60	30(25,5)
Cor da pele (referida)	
Branca	116(98)
Preta	1 (1)
Amarela	1 (1)
Escolaridade (anos)	
0	1(0,8)
1 a 4	33(28)
5 a 8	52(44)
9 a 10	30(26)
11 ou mais	2(1,7)
Cidade onde mora	
Pelotas na zona urbana	63(53,4)
Pelotas na zona rural	45(38,1)
Outra cidade na zona rural	10(8,5)
Estado Civil	
Solteiro/Separado/Divorciado	22(22)
Casado/com companheiro	90 (76)
Viúvo	2 (2)
Número de filhos	
Não tem filhos*	20 (17)
1 filho **	22 (22,5)
2 filhos **	41 (41,8)
3 filhos **	21 (21,5)
4 ou mais filhos **	14 (14,2)

Renda familiar do feirante em reais***

Até 1 SM	10 (9,5)
1,1 até 3 SM	35 (33,3)
3,1 a 5 SM	60 (57,2)

Número de pessoas que moram na casa

Somente o entrevistado	5 (3,4)
Duas pessoas	26 (22)
Três pessoas	25 (21,2)
Quatro pessoas	36 (30,5)
Cinco ou mais pessoas	26 (22,9)

* 118 feirantes **98 feirantes *** 13 missing

Tabela 2 – Caracterização dos locais de feiras-livre da cidade de Pelotas/2014

Variável	Frequência n (%)
Distribuição do número de bancas por grupo	
Grupo A	69(55,2)
Grupo B	19(15,2)
Grupo C	17(13,6)
Grupo D	9(7,2)
Grupo E	2(1,6)
Grupo F	2(1,6)
Orgânicos/Ecológicos	7(5,6)
Concentração de feiras por zona administrativa	
Zona 1 – Três Vendas	4(3,4)
Zona 3 – Fragata	8(6,8)
Zona 4 – Centro	95(80,5)
Zona 5 – Areal	3(2,5)
Zona 6 – São Gonçalo	6(5,1)
Zona 7 – Laranjal	2(1,7)
Participação dos feirantes na escolha do local da feira	
Não	95(80,5)
Sim	23(19,5)
Satisfação com o local	
Não	7(5,9)
Sim	111(94,1)

* 125 feirantes encontrados

Tabela 3– Características do trabalho dos feirantes nas feiras-livre da cidade de Pelotas/2014

Variável	Frequência n (%)
Tipo de feirante	
Somente produtor	27 (23,0)
Somente revendedor	47 (39,8)
Produtor e revendedor	44 (37,2)
Tempo como produtor (em anos)^a	
1-6	6(11,3)
7-10	4(2,8)
11 ou mais	61(85,9)
Tempo como revendedor (em anos)^b	
1-6	20(22,0)
7-10	5(5,5)
11 ou mais	66(72,5)
Tempo como feirante (em anos)^c	
<1	7 (6,0)
1-10	26 (22,6)
11-20	27 (23,5)
21-30	34 (29,6)
31-40	13 (11,3)
41 ou mais	8 (7,0)
Tipo de produção^a	
Convencional	44(62,0)
Em parte orgânico	5(7,0)
Totalmente orgânico	22(31,0)
Tipo de alimento revendido^b	
Convencional	83(91,2)
Em parte orgânico	4(4,4)
Totalmente orgânico	4(4,4)
Produz no local onde mora^a	
Não	2(3,0)
Sim	69(97,0)
Local onde compra o alimento para revenda^b	
CEASA de Pelotas	69(75,8)
Pequenos produtores da região	22(24,2)

^a Exclui revendedores exclusivos^b Exclui produtores exclusivos^c 3 não souberam responder

Tabela 4 – Caracterização dos trabalhadores envolvidos na produção e comercialização de FLV, nas feiras-livre da cidade de Pelotas/2014

Variável	Frequência n (%)
Familiares que trabalham na produção^a	
Esposo(a)	49(41,5)
Filho(a)	25(21,2)
Mãe	7(6,0)
Pai	10(8,5)
Irmão(ã)	10(8,5)
Sogro(a)	3(2,5)
Número de familiares que trabalham na produção^a	
1 pessoa	30(42,3)
2 pessoas	14(19,7)
3 pessoas	12(16,9)
4 pessoas ou mais	8(11,3)
Não souberam informar	7(9,8)
Parentesco com o feirante das pessoas que trabalham nas bancas	
Sem parentesco/empregado	15(12,7)
Esposo(a)	53(44,9)
Sogro(a)	2(1,7)
Filho(a)	19(16,1)
Mãe	3(2,5)
Pai	10(8,5)
Irmão(ã)	12(10,2)
Cunhado/cunhada/sobrinho/sobrinha	4(3,4)
Número de pessoas que trabalham nas bancas	
1 (somente o entrevistado)	25 (21,2)
2 pessoas (contando com o entrevistado)	66 (56,0)
3 pessoas (contando com o entrevistado)	20 (17,0)
4 ou mais pessoas (contando com o entrevistado)	7 (5,8)
Idade das pessoas que trabalham nas bancas	
Menor de 18 anos	9 (7,6)
De 18 a 30 anos	31(26,3)
De 31 a 50 anos	33(28,0)
De 51 a 60 anos	23(19,5)
61 ou mais anos	22(18,6)

^a71 feirantes produtores ou produtores e revendedores

Tabela 5– Frutas comercializados pelos feirantes, nas feiras-livres da cidade de Pelotas/2014

Alimentos	Produzido e revendido N (%)	Somente produzido N (%)	Somente revendido N (%)
Ananá	0(0)	2(1,7)	0(0)
Banana	2(1,7)	4(3,4)	44(37,3)
Bergamota Poncan	2(1,7)	17(14,4)	18(15,3)
Butiá	0(0)	2(1,7)	0(0)
Cereja	0(0)	3(2,5)	0(0)
Caqui	1(1)	21(18)	10(8)
Figo	0(0)	1(0,8)	1(0,8)
Goiaba	2(1,7)	20(17)	11(9,3)
Kiwi	0(0)	0(0)	2(1,7)
Laranja de suco	1(0,8)	23(19,5)	34(28,8)
Laranja de Umbigo	2(1,7)	20(17)	26(22)
Laranja do céu	1(0,8)	15(12,7)	27(22,9)
Limão	3(2,5)	27(22,9)	21(17,8)
Maça Argentina	0(0)	0(0)	13(11)
Maça Fuji	1(0,8)	2(1,7)	21(17,8)
Maça Gala	0(0)	8(6,8)	36(30,5)
Mamão Formosa	0(0)	0(0)	24(20,3)
Mamão Papaya	0(0)	0(0)	32(27,1)
Manga	1(0,8)	1(0,8)	27(22,9)
Maracujá	1(0,8)	8(6,8)	11(9,3)
Melancia	3(2,5)	13(11)	28(23,7)
Melão	2(1,7)	25(21,2)	18(15,2)
Morango	1(0,8)	34(28,8)	14(11,9)
Pêra	0(0)	5(4,2)	29(24,6)
Pêssego	1(0,8)	16(13,6)	19(16,1)
Uva	1(0,8)	9(7,6)	29(24,6)
Uva Itália	1(0,8)	1(0,8)	10(8,5)

Tabela 6– Legumes e verduras comercializados pelos feirantes nas feiras-livres da cidade de Pelotas/2014

Alimentos	Produzido e revendido	Somente produzido	Somente revendido
	N (%)	N (%)	N (%)
Abóbora Japonesa	3(2,55)	34(28,8)	22(18,65)
Abóbora Moranga	9(7,6)	26(22)	14(11,9)
Abobrinha brasileira	5(4,3)	17(14,4)	3(2,5)
Agrião	0(0)	18(15,3)	7(5,9)
Aipim	2(1,7)	17(14,3)	20(17)
Alcachofra	0(0)	6(5,08)	2(1,69)
Alface	7(5,9)	40(33,9)	10(8,4)
Alho Poró	0(0)	10(8,5)	26(22)
Almeirão	0(0)	21(17,8)	2(1,7)
Araça	0(0)	1(0,8)	0(0)
Arpago	0(0)	3(2,5)	0(0)
Batata Branca	3(2,5)	11(9,3)	30(25,4)
Batata rosa	1(1)	13(11)	40(34)
Batata Doce	3(2,5)	28(23,7)	28(23,7)
Berinjela	2(1,7)	15(12,7)	14(11,9)
Beterraba	5(4,2)	32(27,1)	19(16,1)
Brócolis	3(2,5)	31(26,3)	13(11)
Cebola	4(3,4)	17(14,4)	40(33,9)
Cebolinha	2(1,7)	32(27,1)	7(5,9)
Cenoura	5(4,2)	26(22)	32(27,1)
Chicória	0(0)	7(6)	0(0)
Chuchu	3(2,5)	21(18)	20(17)
Couve	7(6)	41(35)	12(10)
Couve-manteiga	5(4,2)	30(25,4)	10(8,5)
Couve-Flor	2(1,7)	26(22)	9(7,7)
Espinafre	3(2,5)	27(22,9)	9(7,6)
Milho	5(4,2)	30(25,4)	12(10,2)
Mostarda	2(1,7)	36(30,5)	11(9,3)
Nabo	2(1,7)	23(19,5)	6(5,1)
Pepino	4(3,4)	28(23,7)	16(13,6)
Pimenta	4(3,4)	15(12,7)	6(5,1)
Pimentão	5(4,3)	30(25,4)	32(27,1)
Quiabo	1(0,8)	5(4,2)	5(4,2)
Rabanete	3(2,5)	22(18,7)	10(8,5)
Repolho	2(1,7)	24(20,3)	16(13,6)
Rúcula	5(4,2)	34(28,8)	5(4,2)
Salsa	3(2,5)	39(33)	9(7,6)
Salsão	0(0)	9(7,6)	2(1,7)
Tomate cereja	7(5,9)	22(18,6)	15(12,7)
Tomate gaúcho	4(3,4)	26(22)	33(28)
Tomate longa	3(2,5)	8(6,8)	27(22,9)
Vagem	6(5,1)	30(25,4)	19(16,1)

ARTIGO

Segurança Alimentar e Nutricional e as feiras livres de Pelotas/RS: valores atribuídos pelos feirantes à produção e comercialização de frutas, legumes e verduras

Food and Nutrition Security and fairs of Pelotas / RS: values assigned by the merchants to the production and marketing of fruit , vegetables and greens

SAN e as feiras livres de Pelotas/RS

FNS and fairs of Pelotas / RS

Camila Irigoneh Ramos¹
Denise Petrucci Gigante²
Eliana Gomes Bender²
Renata Menasche³

¹ Nutricionista, Mestre em Nutrição e Alimentos

² Professora da Faculdade de Nutrição da Universidade Federal de Pelotas

³ Professora na Faculdade de Antropologia da Universidade Federal de Pelotas

Endereço Universidade Federal de Pelotas: Rua Gomes Carneiro nº 1 - Centro - CEP 96010-610 - Pelotas, RS Caixa Postal: 354.

Endereço da autora: Rua Canoas nº 1311. Laranjal. CEP 96090130.
Telefones para contato (53) 91462831 e (53) 81405372
Endereço eletrônico: mila85@gmail.com

Resumo

Objetivo: estudar qual a contribuição das frutas, legumes e verduras (FLV) na promoção da Segurança Alimentar e Nutricional (SAN), na ótica dos feirantes, avaliando a produção e comercialização desses alimentos nas feiras livres de Pelotas/RS.

Métodos:

Trata-se de um estudo descritivo, transversal e de inspiração etnográfica. Para o desenvolvimento da primeira abordagem, empregou-se um questionário com questões fechadas a todos os feirantes que comercializam FLV e aceitaram participar da pesquisa. No que se refere à pesquisa qualitativa, empregou-se a observação participante e realizou-se entrevistas semiestruturadas com 14 feirantes.

Resultados

No transcorrer da pesquisa, identificou-se dois tipos de feiras: convencional e ecológica; a maioria destas feiras estavam localizadas no centro da cidade. Do total de feirantes que responderam ao questionário (n=118), 40% é revendedor e não produz FLV. Os valores atribuídos e as relações estabelecidas revelaram-se de maneiras distintas na abordagem dos feirantes ecológicos e convencionais. Para os primeiros, há uma relação de cuidado com o alimento e com o freguês. Para os demais, o que predomina é apenas a relação de mercadoria que está associada à venda dos alimentos.

Conclusão

As características dos feirantes e das feiras, o modo de produção e comercialização das FLV, assim como os valores e relações estabelecidas em torno do alimento são fatores imprescindíveis para a promoção da SAN. Desta forma, é necessário fomentar, por meio de políticas públicas e ações de educação alimentar e nutricional, a reaproximação do consumidor com o produtor e o incentivo à produção de alimentos.

Palavras-chave: segurança alimentar e nutricional; frutas; verduras; cultura; alimentação

Abstract

Objective: To study the contribution of fruits, vegetables and greens (FVG) in promoting Food and Nutritional Security (FNS), in the view of fairground, evaluating the production and marketing of these foods in street fairs of Pelotas / RS.

Methods: This is a study cross-sectional, descriptive and with ethnographic inspiration. For the development of the first approach, we used a questionnaire with closed questions to all the vendors that sell FVG and agreed to participate. With regard to qualitative research, we used participant observation and semi-structured interviews held with 14 stallholders.

Results: During the study, we identified two types of fairs: conventional and ecological; most of these fairs were located in the city center. Of the merchants who responded to the questionnaire (n = 118), 40% is dealer and does not produce FVG. The assigned values and established relationships proved in different ways in addressing the ecological and conventional fairground. For the former, there is a caring relationship with food and with the customer. For the others, what prevails is only the relationship of merchandise that is associated with the sale of food.

Conclusion: The characteristics of the marketers and fairs, the mode of production and marketing of FLV, as well as the values and relationships established around food are essential factors in promoting the SAN. Thus, it is necessary to promote, through public policies and actions for food and nutrition education, consumer rapprochement with the producer and encouraging the production of food.

Keywords: food and nutrition security; fruit; vegetables; culture; food

Introdução

A Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) é um conceito interdisciplinar, que envolve, principalmente, a realização de práticas alimentares voltadas à participação popular e à promoção da saúde¹. As iniciativas voltadas à discussão desse tema são recentes. Em 2006, a luta pela SAN obteve, no Brasil, uma conquista significativa em âmbito institucional. A promulgação da Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional (LOSAN)² - Lei nº. 11.346 - e a criação do Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (SISAN) levaram a discussão a outro patamar. Além disso, em 2010, o direito à alimentação passou a ser respaldado pela Constituição, por meio da Emenda Constitucional nº 64, de 2010. Desde então, conforme aponta Maluf, não se pôde mais ignorar a necessidade de pensar essa questão no domínio das políticas públicas³.

Diante desses avanços, ressalta-se a importância do acompanhamento das políticas e ações de SAN. Embora o monitoramento em questão esteja sendo pensado desde a II Conferência de SAN (2004), foi no ano de 2010, por meio do Decreto nº 7.272, - o qual regulamenta a Lei nº 11.346 e estabelece os parâmetros para a elaboração do Plano Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (PLANSAN) - que ficou firmado nas diretrizes da Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (PNSAN) o estímulo ao abastecimento, principalmente de base agroecológica, e o monitoramento da realização do direito humano à alimentação adequada (DHAA)⁴.

Neste mesmo ano, o Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (CONSEA) lançou o relatório “A Segurança Alimentar e Nutricional e o Direito Humano à Alimentação Adequada – Indicadores e Monitoramento”, o qual contém sete dimensões de observação da SAN. No que tange o interesse do presente estudo, é importante destacar a primeira dimensão, que aborda o monitoramento da produção e disponibilidade de alimentos⁵. Neste item, aponta-se a produção e disponibilidade de frutas, legumes e verduras (FLV), uma vez que tais alimentos fazem parte de uma alimentação saudável.

Ao incentivar o consumo de FLV, as políticas públicas têm agido de forma estratégica na promoção da SAN e na garantia do DHAA. De acordo com Pinheiro e Gentil⁶, ao estarem diretamente relacionados a questões de saúde

pública, tais alimentos envolvem, principalmente, políticas de abastecimento e mantém o foco na agricultura familiar, no acesso e na educação para uma alimentação saudável. Para analisar o referido processo, no entanto, é preciso dispor-se à inserção neste universo, de modo a dialogar com seus protagonistas. O consumo de FLV é apenas um dos estágios dessa cadeia de relações, que apenas se realiza a partir da produção e comercialização de tal grupo de alimentos⁶.

É indispensável, portanto, considerar os aspectos biológicos, culturais, ambientais e econômicos que permeiam o cultivo, a comercialização e a escolha da ingestão de FLV. Do ponto de vista histórico, as primeiras formas de comercialização destes produtos remetem às feiras livres⁷. Esses espaços podem ser considerados potenciais modificadores da forma de se alimentar do povo brasileiro. Tal entendimento parece ser o que norteia as políticas públicas, uma vez que uma das ações da publicação do Ministério da Saúde, lançada há cinco anos, consiste em “incentivar a consolidação das feiras locais, como instrumento de melhoria para a seleção e aquisição de alimentos saudáveis”⁸ (p. 7).

Desse modo, as feiras podem constituir-se em um canal de reaproximação entre produtor e consumidor, associada à redescoberta de um sistema alimentar influenciado e enfraquecido por pelo menos dois acontecimentos:

- 1) Na década de 70, com a Revolução Verde, ocorre a adoção de um pacote tecnológico e a utilização intensa de agrotóxicos, adubos químicos e outros fertilizantes. Além disso, registra-se o aumento das despesas com o cultivo e o endividamento dos pequenos agricultores, o crescimento da dependência dos países, do mercado e da lucratividade das grandes empresas de insumos agrícolas⁹.

- 2) A padronização da alimentação, em um contexto de industrialização da comida, que ocasionou à perda de características próprias das culturas alimentares. Esse processo fez com que os consumidores passassem a conhecer apenas o produto final que acabam por ingerir¹⁰.

Assim, ao refletir sobre a SAN, deve-se analisar a produção, disponibilidade e consumo de FLV inseridas no contexto de um sistema alimentar complexo. Esse sistema pode ser entendido como um conjunto de

caminhos por onde o alimento transita da produção ao consumo. Nesse percurso, existem atores sociais que contribuem para a fabricação, transformação e distribuição dos produtos alimentares e que agregam ao alimento conhecimentos e valores que contribuem para a tomada de decisão sobre por que, como, quando e com quem consumir determinado tipo de alimento¹¹.

Diante do exposto, ressalta-se que o presente estudo teve por objetivo analisar qual a contribuição das FLV na promoção da SAN, na ótica dos feirantes, avaliando a produção e comercialização desses alimentos nas feiras-livres de Pelotas/RS.

Métodos

A pesquisa de campo foi realizada no município de Pelotas/RS, durante o período de dezembro de 2013 a agosto de 2014. Trata-se de um estudo descritivo, transversal e com inspiração etnográfica. Para o desenvolvimento da pesquisa e, considerando a complexidade da investigação proposta, utilizou-se, concomitantemente, as abordagens quantitativa e qualitativa.

No município existem dois tipos de feiras - convencionais e ecológicas-, que são nomeadas (pelos feirantes e pela gestão municipal) de acordo com o modo como se realiza a produção de alimentos. Nas feiras convencionais, os alimentos são comercializados por produtores e/ou revendedores e, na produção das FLV, não há restrição quanto à utilização de insumos. Neste local são comercializadas FLV que são produzidas em todo o país. Já nas feiras ecológicas, os alimentos são vendidos somente por produtores e produzidos regionalmente sem utilização de agroquímicos.

Para a coleta dos dados tomou-se como ponto de partida inserções em feiras dos dois tipos. As entradas de campo e as coletas, guiadas pelas duas abordagens, ocorreram no mesmo período, mas de modos distintos. Na obtenção das informações que ocorreu por meio do corte transversal, elaborou-se e utilizou-se - após estudo piloto - um questionário com questões fechadas, o qual foi aplicado ao proprietário de cada banca (conforme indicação dos próprios feirantes ou por meio do cadastro dos feirantes na Prefeitura).

Foram incluídos no estudo todos os feirantes que comercializavam FLV e aceitaram participar da investigação. Em fevereiro de 2014 foram selecionadas e

treinadas 12 voluntárias (graduandas de nutrição) e, neste mesmo mês, teve início a coleta de dados. Para iniciar a aplicação dos questionários foi tomada para orientação uma lista dos locais das feiras, disponibilizada em agosto de 2013 por um dos funcionários da administração do município, lotado na Secretaria Municipal de Obras e Serviços Urbanos (SOSU). Para não gerar inconvenientes a feirantes e fregueses, a aplicação dos questionários ocorreu sempre no início ou final do turno de comercialização dos alimentos. Em maio de 2014, ainda durante a aplicação dos questionários, foi obtida, junto a outro funcionário da Prefeitura Municipal de Pelotas, a informação de que o município possuía em torno de 39 locais de feira. Segundo esse informante, somavam-se, à época, 176 feirantes convencionais cadastrados.

No questionário foram incluídas variáveis demográficas, socioeconômicas, relacionadas ao trabalho dos feirantes e às FLV. Compõem o primeiro grupo as seguintes variáveis: sexo; idade em anos completos; estado civil (solteiro, divorciado, separado, viúvo, casado ou com companheiro); cor da pele, auto-referida, conforme classificação do IBGE (as opções eram lidas para o feirante); número de filhos; e local de moradia.

No que tange às variáveis socioeconômicas, considerou-se: escolaridade em anos completos de estudo; número de pessoas que moram na casa; e renda mensal de todos os moradores do domicílio do feirante. Quanto às relacionadas ao trabalho, apreciou-se: o tipo de feirante (se produtor, revendedor ou ambos); tempo de trabalho em anos completos; local de produção ou aquisição das FLV; condição de cooperativado e características das outras pessoas que trabalham com o feirante. Por fim, em relação às variáveis relacionadas aos alimentos comercializados, analisou-se: os tipos de alimentos produzidos e/ou revendidos; o tipo de produção; e o local de comercialização.

Na coleta de dados, cujo elemento foi a inspiração etnográfica, empregou-se as técnicas de entrevista semiestruturada (ao dono da banca indicado pelos feirantes), observação participante e diário de campo. Tais procedimentos foram utilizados nos espaços das feiras junto a 14 feirantes. O contato se deu nos momentos considerados mais oportunos pelos interlocutores. As entrevistas foram guiadas por pontos de interesse, que auxiliaram no direcionamento das conversas. Com a concordância dos participantes, todas as respostas foram gravadas e, posteriormente, degravadas e analisadas.

Para a análise dos dados gerados a partir do questionário com variáveis quantitativas, foi elaborado um banco de dados no programa Epidata 3.1, onde as informações foram inseridas com dupla digitação – trabalho operacionalizado por diferentes digitadores. A análise descritiva dos dados foi realizada por meio de distribuição de frequências no programa Stata versão 12.0.

Como estratégia para análise e interpretação dos dados provenientes da etapa com inspiração etnográfica, foi utilizada a análise de conteúdo, tomando como referência os trabalhos de Laurence Bardin¹² e Roque Moraes¹³. Sendo assim, os dados coletados por meio de entrevistas foram transcritos e analisados, realizando-se, posteriormente, o preparo das informações que constituíram a identificação das amostras de informação. Após a identificação e codificação das unidades, foi operacionalizada a categorização dos dados. Para tanto, realizou-se leitura e releitura das entrevistas e dos diários de campo, buscando-se compreender, a partir dos textos e enunciados, os significados construídos pelos feirantes a respeito da produção e comercialização das FLV.

Com isso, entende-se que foi possível contextualizar as formas pelas quais os alimentos são produzidos, distribuídos e consumidos, sem deixar de pontuar relações estabelecidas com fatores econômicos, sociais, culturais e biológicos. Para analisar o grupo e o contexto pesquisado, portanto, trabalhou-se com abordagens da antropologia da alimentação, da segurança alimentar e nutricional, entre outros¹⁴.

A participação de todos os feirantes, nas duas etapas da pesquisa, foi voluntária e a aplicação do questionário ou a realização da entrevista ocorreu somente após o entendimento e a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina/UFPel, com o número do parecer 532.894. Para preservar a identidade dos interlocutores, os nomes utilizados neste artigo são fictícios.

Resultados e discussão

Os locais e os tipos de feiras

Foram localizados 37 dos 39 pontos de feira onde ocorria a comercialização de FLV. Um local não foi encontrado mesmo após quatro visitas

ao endereço informado e cadastrado na Prefeitura; e, o outro, que também não foi localizado, segundo o relato de alguns feirantes “não existiria mais”. De modo geral, as feiras podem ser classificadas em dois tipos: convencional e ecológica. Segundo os autores Assis e Romeiro, na produção agrícola convencional há comprometimento da qualidade do solo, pois são realizadas “continuadas colheitas e remoção de restos de cultura”(p.73). Este tipo de produção ocasiona a dependência de insumos como fertilizantes e agrotóxicos. Somente com a utilização destes produtos é possível alcançar uma alta produção e controlar as pragas. Ainda sobre a produção convencional, os autores referem que ocorre “uso abusivo de insumos agrícolas industrializados, dissipação do conhecimento tradicional e deterioração da base social de produção de alimentos” (p.68)¹⁵.

Com relação à produção orgânica, toma-se como parâmetro a definição do Ministério da Agricultura¹⁶:

na agricultura orgânica não é permitido o uso de substâncias que coloquem em risco a saúde humana e o meio ambiente. Não são utilizados fertilizantes sintéticos solúveis, agrotóxicos e transgênicos. Para ser considerado orgânico, o produto tem que ser produzido em um ambiente de produção orgânica, onde se utiliza como base do processo produtivo os princípios agroecológicos que contemplam o uso responsável do solo, da água, do ar e dos demais recursos naturais, respeitando as relações sociais e culturais.

Na cidade de Pelotas, foram encontrados 34 locais de feiras convencionais (92%), onde eram comercializados, com raras exceções, alimentos de produção convencional. Já com relação às feiras ecológicas, foi possível identificar apenas três pontos. O predomínio de feiras, tanto convencionais quanto orgânicas, se dá na zona central da cidade (81%). Este arranjo das feiras não se modificou muito ao longo do tempo. Um estudo realizado, em Pelotas, há nove anos, também verificou o predomínio de feiras livres no centro da cidade¹⁷.

É importante esclarecer que o município de Pelotas não possui bairros cadastrados no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Segundo o chefe da agência de Pelotas do IBGE, Rogério Krause, “essa classificação não atrapalha a vida da população, mas dificulta na hora de identificar a realidade social de determinada localidade”¹⁸.

Segundo a Lei Nº 5.490, de 24 de julho de 2008, que dispõe sobre a delimitação dos Distritos do Município de Pelotas e das Regiões Administrativas

do seu Distrito Sede (Zona Urbana), existem nove distritos rurais e sete regiões administrativas que formam a zona urbana, a qual está dividida em: Fragata, Três Vendas, Centro, Areal, São Gonçalo, Laranjal e Barragem¹⁹. Dessa forma, a zona que concentra maior número de locais de feira compreende muitas ruas e diferentes realidades socioeconômicas.

Pode-se inferir, com isso, que há uma deficiência de feiras nas zonas afastadas do centro da cidade (regiões periféricas), o que tende a dificultar a aquisição e o consumo de FLV. Uma revisão bibliográfica, publicada em 2009, demonstrou que os moradores de regiões que têm melhor acesso a supermercados (locais que comercializam FLV) tendem a ter dietas mais saudáveis²⁰.

Na presente pesquisa, a maioria dos feirantes (81%) relatou não ter participado da escolha do local da feira, porém, mais de 90% desses afirmou estar satisfeito com a localização da(s) feira(s) em que trabalha. Alguns ainda fizeram reclamações sobre a falta de manutenção das ruas. Grande parte (56%) dos comerciantes comentou que há boa divulgação sobre os locais das feiras. Por outro lado, o restante considerou que não há investimento por parte da Prefeitura sobre a divulgação desses locais, sugerindo que os frequentadores são aqueles que já sabem onde a feira está localizada.

Tipos de feiras e feirantes

Durante o período de aplicação dos questionários foram encontrados 157 dos 176 feirantes cadastrados na prefeitura. Dentre os comerciantes localizados, 125 comercializavam FLV, sendo que 118 aceitaram participar da pesquisa. Dois não foram encontrados e cinco recusaram-se a participar (todas as recusas ocorreram nas feiras convencionais). Obteve-se, assim, uma taxa de resposta da população alvo deste estudo de 94%. As entrevistas semiestruturadas foram realizadas com 7 feirantes ecológicos e 7 feirantes convencionais.

A maior parte dos feirantes que responderam ao questionário é do sexo masculino (65%). Essa maior prevalência de homens já havia sido constatada em estudos realizados na Feira do Produtor de Passo Fundo²¹ e, em São Pedro do Sul²², ambos no estado do Rio Grande do Sul. Uma maioria de feirantes, com idade entre 20 e 50 anos (55%), já havia sido encontrada em Pelotas¹⁵, onde

56% dos feirantes convencionais tinham até 51 anos de idade. A faixa etária dos feirantes entre 30 e 55 anos também foi mais frequente em Passo Fundo/RS²¹ e Maringá/PR²³.

Em relação aos resultados socioeconômicos, apresentados na Tabela 1, constatou-se o predomínio de baixa escolaridade (sem concluir o ensino fundamental), fato também encontrado em outros estudos com feirantes^{17,21,22}. No que tange à constituição do núcleo familiar, tanto no presente estudo como nos demais disponíveis na literatura,^{17,21,22} foi possível verificar a maior prevalência de famílias pequenas; sendo constituídas, em média, por 3 ou 4 pessoas. No que diz respeito à renda familiar, enquanto a maioria dos feirantes que participaram da presente pesquisa (57%) percebia de 3,1 a 5 salários mínimos, os resultados dos demais estudos mostraram um predomínio de renda familiar de até um mil reais na cidade de Passo Fundo/RS²¹ e, em Pelotas, uma renda inferior a quatro salários mínimos mensais¹⁷.

Diante dos resultados do presente estudo, evidencia-se uma preocupação quanto à continuidade das feiras. Fator destacado devido ao envelhecimento dos feirantes e a possível dificuldade em encontrar mão de obra para substituí-los no futuro. Essa situação se apresenta, sobretudo, por conta da nova composição familiar, com menor número de herdeiros. Com relação às pessoas que, na época da aplicação do questionário, colaboravam na produção e na comercialização de FLV, identificou-se o predomínio da esposa (aproximadamente 40%) e dos filhos (em torno de 20%), sendo que a maioria dos feirantes contava com o trabalho de até duas pessoas. Nesse contexto, esposas e filhos constituem a força de trabalho que, ao lado do feirante, responsabiliza-se pelo cultivo e venda dos alimentos. Tal processo demonstra a importância da mão de obra familiar, tanto na produção como na comercialização de FLV, e coloca a feira como um negócio de família.

Com relação a classificação dos feirantes, tomando como base a sua relação com a produção e comercialização das FLV, os dados mostram que aproximadamente 40% dos feirantes eram somente revendedores, enquanto 23% comercializavam exclusivamente sua própria produção e, o restante (37%), além de produzir para comercializar na feira, adquiriam FLV para revender. Em estudo realizado, em 2005, na cidade de Pelotas¹⁷, foi possível constatar que mais da metade dos feirantes (51%) comprava tudo o que comercializava, 17%

produzia a totalidade do que vendia na feira e o restante (32%) produzia e comprava alimentos para comercializar.

Ao comparar os dados do estudo realizado há quase dez anos com o atual, pode-se verificar que houve uma diminuição no número de feirantes que apenas compram e revendem os alimentos, e um aumento de 6 pontos percentuais entre aqueles que produzem todas as FLV que comercializam. Mesmo assim, os feirantes que são apenas revendedores continuam sendo a maioria nas feiras livres de Pelotas. Existem, nesse cenário, 3 tipos de feirantes: os que são somente produtores, aqueles que produzem e revendem, e outros que são apenas revendedores. Vale destacar que, nas feiras ecológicas, encontrou-se apenas os comerciantes do primeiro grupo, ou seja, exclusivamente produtores.

Nas entrevistas e na observação participante, verificou-se que tanto os produtores como os revendedores dispõem, na maioria das vezes, de conhecimento sobre a maneira pela qual foram produzidos os alimentos que comercializam. No entanto, de posse dessa informação eles estabelecem distintas relações com os alimentos e os consumidores. Essas diferenças são acentuadas entre produtores e revendedores, mas também ocorrem entre produtores ecológicos e produtores convencionais.

Para os produtores ecológicos, parece ser importante dividir com os fregueses o modo pelo qual se relacionam com os alimentos, ou seja, como foram produzidos, colhidos e como são preparados para serem vendidos na feira. É o que se pode observar nos trechos de depoimentos de Danúbia e Onofre, reproduzidos a seguir:

Eu posso falar sobre esse produto. Posso dar conhecimento para eles sobre esse produto que a gente está vendendo, porque eu sei como se produz. (Danúbia)

Eu gosto de falar como é que eu planto, como é esse tipo de produto que a gente produz. Eu posso até convidar alguns dos consumidores para ir lá na minha casa ver como é o nosso funcionamento. (Onofre)

Esses feirantes estabelecem uma relação de cuidado com o consumidor. Os produtores demonstram um zelo por seus fregueses, pois, na interlocução estabelecida neste espaço de convívio social, eles são mais do que meros consumidores. Há, portanto, uma percepção de que os seus alimentos estão ligados com o bem estar das pessoas que frequentam suas bancas regularmente:

O nosso alimento é importante para todos, para nós e para os fregueses. Vem tanta criancinha aqui. Elas não conseguem olhar por cima da banca e dizem “eu quero feijão”. Agora tu vai plantar com o mesmo veneno que os outros plantam e vai vender para uma criança e vai dizer “come isso que isso não vai te fazer mal”? Não dá para dizer que é a mesma coisa. Eu sei que os outros produtores que plantam abusam do veneno. (Alceu)

Nas feiras convencionais, os produtores preocupam-se com relação à utilização do agrotóxico. Eles sabem do perigo e dos malefícios que este insumo ocasiona para a saúde, mas, por considerarem que a produção ecológica “rende pouco” e, por assim terem aprendido o ofício de produtor, continuam a utilizar o veneno. Conforme as palavras de Estácio, se conseguir, com um veneno mais fraco, evitar que “o bicho” entre no alimento, é melhor, porque quando a praga contamina a planta é preciso usar um veneno mais forte. Ele explicou que o “remédio” é muito caro e demonstrou preocupação com o tema. De acordo com a sua experiência, caso o agricultor fique na dependência do produto, “não ganha nem para pagar o veneno”.

A maioria dos revendedores relatou conhecer os produtores que lhes fornecem as FLV e como eles tratam os alimentos, mas, para estes comerciantes, as FLV são percebidas, primordialmente, como mercadoria. Essa situação pode ser explicada porque este feirante não mantém um contato direto com a produção e, também, pela influência do modelo econômico na relação com o alimento. Conforme os autores Daniel e Cravo²⁴, “(...) nesse contexto o alimento é mercadoria, e só pode ser obtido por outra mercadoria: o dinheiro” (p.61). O trecho do depoimento reproduzido a seguir demonstra a relação que um dos revendedores estabelece com as FLV, cujo caráter de mercadoria parece se sobrepor ao bem estar dos consumidores e dele mesmo:

Hoje em dia vem muito produto produzido em lavouras. Vem tudo com veneno. Nada vem produzido sem veneno, sem agrotóxico, mas é o que a gente tem para vender, né? A gente sabe que prejudica, né? É um todo. Prejudica bastante. A gente come veneno. (Valter)

Nessa perspectiva, o consumo é ditado pelo meio urbano e se sobrepõe a agricultura. Tal questão é abordada por Maluf³, quando o autor afirma que:

A difusão de um padrão de produção agropecuária e o estreitamento dos elos sistêmicos entre as etapas da cadeia de produção e distribuição dos alimentos, mostram que mesmo as decisões dos agricultores sobre o que e como produzir passaram a se orientar pelas tendências do consumo alimentar urbano e pelas determinações dos agentes comerciais e industriais (2009, p.45).

Assim, pode-se inferir que, por questões sociais e culturais, os feirantes convencionais, que muitas vezes são também consumidores das suas FLV, sabem dos perigos que os agrotóxicos ocasionam, mas, por estarem imbricados em sistema alimentar que, tanto a nível mundial quanto nacional, padronizou-se na busca pela diversificação do tipo de alimento adquirido, não conseguem se desvencilhar desta lógica de produção fordista³.

FLV comercializadas nas feiras

No período de aplicação do questionário, em torno de 60% dos feirantes (produtores) e 90% (produtores e revendedores) referiram que as FLV comercializadas provêm de produção convencional. A maioria dos revendedores (76%) se abastecia na Associação de Comerciantes de Hortifrutigranjeiros de Pelotas, conhecida popularmente como CEASA, enquanto os outros 24% adquiriam os alimentos dos pequenos produtores da região.

Para analisar as características da produção e/ou revenda das FLV, buscou-se informações de cada um dos produtos. Do total de frutas comercializadas pôde-se observar que alimentos como banana (44%), maçã (31%), mamão (27%), pera (25%) , uva (25%) e manga (23%) eram predominantemente revendidos, enquanto o morango (28%), o melão (21%) e o caqui (18%) estavam sob responsabilidade produtiva dos feirantes. As outras frutas tinham um percentual de produção e revenda semelhantes. Segundo relato dos feirantes, a maioria das frutas compradas na Associação e revendidas nas feiras são provenientes de outros estados do Brasil, o mamão, por exemplo, vem do Espírito Santo, a banana da Bahia, característica que é diferente e não ocorre dentre as FLV produzidas pelos feirantes ou compradas de pequenos produtores da região .

A maior parte dos legumes e verduras eram produzida pelos feirantes; como, por exemplo, no caso da alface (34%), da abóbora (29%), da beterraba (27%), do milho (25%), do almeirão (18%) e da abobrinha (14%), Porém, outros alimentos consumidos no dia a dia, como a batata rosa (34%), a cebola (34%) a cenoura (27%), a batata branca (25%) e o tomate (23%) eram, na maior parte dos casos, revendidos.

Percebe-se, assim, que o tipo de feira e de feirante podem determinar como as FLV estão sendo produzidas e comercializadas. O modelo de produção e de abastecimento reflete-se no consumo dos alimentos e, conseqüentemente,

na saúde dos consumidores. Desde 2008, o Brasil carrega o título de maior consumidor mundial de agrotóxicos. Em análises realizadas pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), em 2011, alimentos como pimentão, morango, pepino, alface, cenoura, continham resíduos de agrotóxicos²⁵.

Esse fato gera uma insegurança alimentar e nutricional, visto que esses agrotóxicos estão presentes em alimentos consumidos diariamente pelas pessoas. De acordo com a ANVISA, esses insumos químicos são: “ingredientes ativos com elevado grau de toxicidade aguda comprovada e que causam problemas neurológicos, reprodutivos, desregulação hormonal e até câncer”. Dessa forma, conforme apontado em publicação da Associação Brasileira de Saúde Coletiva²⁶,

mesmo que alguns dos ingredientes ativos dos agrotóxicos, por seus efeitos agudos, possam ser classificados como medianamente ou pouco tóxicos, não se pode perder de vista os efeitos crônicos que podem ocorrer meses, anos ou até décadas após a exposição, manifestando-se em várias doenças como cânceres, malformação congênita, distúrbios endócrinos, neurológicos e mentais (p.23).

Além de prejudicar a saúde de consumidores e agricultores, o modo de produção baseado na utilização de agrotóxicos ocasiona o endividamento dos agricultores familiares e gera dependência em relação às empresas que vendem sementes e insumos, fatores também associados à SAN²⁷.

Diante desse processo, há que se pensar, portanto, nas vantagens que, principalmente as feiras destinadas aos produtores ecológicos, oportunizam para a SAN. Tais locais, além de compor um espaço de sociabilidade entre feirantes e fregueses, estimulam o desenvolvimento local. Constituem-se, assim, em circuitos curtos de comercialização, os quais, segundo Darolt e colaboradores²⁸, promovem aproximação entre aquele que produz e aquele que consome o alimento. Os autores explicam que os “circuitos curtos” aumentam a autonomia com relação ao que produzir, vender e comprar. Isso sem deixar de considerar os impactos sociais e ambientais envolvidos nesse processo. Desse modo, as feiras livres contribuem para “a adoção de hábitos de consumo mais saudáveis e um melhor conhecimento das dificuldades na produção agrícola”²⁸ (p.12). Entende-se, com isso, que as feiras podem contribuir para estimular o consumo de FLV e, conseqüentemente, promover a SAN.

Produção e distribuição de FLV, feiras-livres e a interface com a SAN: considerações finais

No transcorrer deste estudo procurou-se refletir sobre as relações estabelecidas com os alimentos, seu processo de produção e comercialização. Nesse sentido, entende-se que, para promover a SAN, é importante considerar o alimento como componente do ato de comer. Essa tomada de posição ajuda a pensar sobre o caminho, as pessoas e as relações envolvidas neste processo.

Ao concluir esse estudo foi possível perceber que a maioria das feiras está localizada no centro da cidade, dificultando a disponibilidade e acesso às FLV para a população que vive nos bairros. Vale ressaltar, também, que a maior parte dos feirantes não produzem os alimentos que comercializam e, aqueles que o fazem, utilizam a produção convencional.

Diante desses resultados, e dos valores que produtores e revendedores (ecológicos e convencionais) agregam às FLV, e, conseqüentemente, às relações estabelecidas com aqueles que se abastecem nas feiras, ressalta-se, que compreender esses fatores torna-se imprescindível para a promoção da SAN, pois esses elementos influenciam no acesso e consumo de FLV.

No âmbito da saúde pública, entende-se que, para modificar as relações estabelecidas com a alimentação e aumentar a produção e comercialização de FLV, deve-se incentivar, por meio de políticas públicas, os agricultores familiares, principalmente de base ecológica, e reaproximar o consumidor do produtor. Além disso é necessário que os profissionais da saúde abandonem a rigidez das normas alimentares e desenvolvam ações de educação alimentar e nutricional dialógicas. Práticas que se destinam ao empoderamento individual e devem estar voltadas para uma alimentação derivada de um sistema alimentar capaz de contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e ambientalmente sustentável.

Tabela 1 – Características sociodemográficas dos feirantes da cidade de Pelotas/2014

Variável	Frequência n (%)
Sexo	
Masculino	77(65,3)
Feminino	41(34,7)
Idade (anos)	
20 a 30	21(18,0)
31 a 40	23(19,0)
41 a 50	21(18,0)
51 a 60	23 (19,5)
Mais de 60	30(25,5)
Cor da pele	
Branca	116(98,0)
Preta	1 (1,0)
Amarela	1 (1,0)
Escolaridade (anos)	
0	1(0,8)
1 a 4	33(28,0)
5 a 8	52(44,0)
9 a 10	30(25,4)
11 ou mais	2(1,8)
Cidade onde mora	
Pelotas na zona urbana	63(53,4)
Pelotas na zona rural	45(38,1)
Outra cidade na zona rural	10(8,5)
Estado Civil	
Solteiro/Separado/Divorciado	22(22)
Casado/com companheiro	90 (76)
Viúvo	2 (2)
Número de filhos*	
Não tem filhos	20 (17)
1 filho	22 (22,5)
2 filhos **	41 (41,8)
3 filhos **	21 (21,5)
4 ou mais filhos **	14 (14,2)
Renda familiar do feirante em reais***	
Até 1 SM	10 (9,5)
1,1 até 3 SM	35 (33,3)
3,1 a 5 SM	60 (57,2)
Número de pessoas que moram na casa	
Somente o entrevistado	5 (3,4)
Duas pessoas	26 (22)
Três pessoas	25 (21,2)
Quatro pessoas	36 (30,5)
Cinco ou mais pessoas	26 (22,9)

*118 feirantes **98 feirantes *** Falta de informação para 13 entrevistados

Referências

- 1- Kepple AW, Segall-Corrêa AM. Conceituando e medindo a segurança alimentar e nutricional. *Ciência & Saúde Coletiva*. 2011;16 (1): p.187-199
- 2-Lei nº 11.346, de 15 de setembro de 2006. Cria o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional . SISAN com vistas em assegurar o direito Humano à alimentação adequada e dá outras providências. Diário Oficial [da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 15 set. 2006
- 3-Maluf RS. Segurança alimentar e nutricional. Petrópolis - Rio de Janeiro : Vozes; 2009
- 4- Decreto nº 7.272, de 25 de agosto de 2010. Regulamenta a Lei no 11.346, de 15 de setembro de 2006, que cria o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional - SISAN com vistas a assegurar o direito humano à alimentação adequada, institui a Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional - PNSAN, estabelece os parâmetros para a elaboração do Plano Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, e dá outras providências. [acesso 2014 dez 14]. Disponível em: <http://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/1024901/decreto-7272-10>
- 5 -Conselho de Segurança Alimentar e Nutricional. A Segurança Alimentar e Nutricional e o Direito Humano à Alimentação Adequada no Brasil Realização - Indicadores e Monitoramento - da constituição de 1988 aos dias atuais. Brasília, 2010
- 6 -Pinheiro ARO, Gentil PC. A Iniciativa de Incentivo ao consumo de Frutas, Verduras e Legumes (f,l&v) :uma estratégia para abordagem intersetorial no contexto da Segurança Alimentar e Nutricional (CONSEA – Brasil). Brasília,2005
- 7-Panelli-Martins BE, Santos SMC, Assis AMO. Segurança Alimentar e Nutricional: desenvolvimento de indicadores e experimentação em um município da Bahia, Brasil. *Rev. Nutr.,Campinas*. 2008; 21(suplemento): p.65-81
- 8- Ministério da Saúde. Coordenação Geral da Política de Alimentação e Nutrição. Ações de Incentivo ao Consumo de Frutas e Hortaliças do Governo Brasileiro. Brasília, 2009
- 9- Maluf RS , Menezes F. Produção de alimentos e equidade social. Caderno “ Segurança Alimentar” 2000.
- 10 - Contreras J, Gracia M. Segurança e Insegurança Alimentar. In: Alimentação, sociedade e cultura. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011. P.333-388.
- 11-Contreras J, Gracia M. Alimentação, sociedade e cultura. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2011
- 12- Bardin L. Análise de conteúdo. Lisboa (Po): Edições 70; 2011
- 13-Moraes R. Análise de Conteúdo. *Revista Educação*. 1999; 22 (37): p. 7-32

- 14-Gonçalves H, Menasche R. Pesquisando na interface: problemas e desafios a partir da pesquisa qualitativa em saúde. *Interface (Botucatu)*. 2014; 18(50): p. 449-56
- 15- De Assis RL, Romeiro AR. Agroecologia e agricultura orgânica: controvérsias e tendências. *Desenvolvimento e meio ambiente*. 2002; 6: p. 67-80
- 16- Ministério da Agricultura. O que são alimentos orgânicos. [acesso em 29 dez. 2014]. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/desenvolvimento-sustentavel/organicos/o-que-e-agricultura-organica>
- 17- Godoy WI. As feiras-livres de Pelotas, RS: Estudo sobre a dimensão sócio-econômica de um sistema local de comercialização [tese] Pelotas (RS). Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel. Universidade Federal de Pelotas; 2005
- 18- Santos D. Pelotas: a cidade sem bairros [Internet]. [acesso 2014 nov 22]. Disponível em: http://www.diariopopular.com.br/tudo/index.php?n_sistema=3056&id_noticia=ODQwNDA=&id_area=Mg==
- 19- Lei Nº 5.490, de 24 de julho de 2008. Dispõe sobre a delimitação dos Distritos do Município de Pelotas e das Regiões Administrativas do seu Distrito Sede (Zona Urbana), e dá outras providências. [acesso 2014 dez 02]. Disponível em: http://www.pelotas.rs.gov.br/interesse_legislacao/leis/2008/lei_5490.pdf
- 20 - Larson NI, Story MT, Nelson MC. Neighborhood environments: Disparities in access to healthy foods in the U.S. *American Journal of Preventive Medicine*. 2009;36(1):74–81
- 21- Rocha HC, Costa C, Castoldi FL, Cecchetti D, Calvete E, Lodi BS. Perfil socioeconômico dos feirantes e consumidores da Feira do Produtor de Passo Fundo, RS. *Ciência Rural*. 2010; 40 (12)
- 22 -Da Silva GP. et al. Perfil e percepções dos feirantes em relação a feira livre dos municípios de São Pedro do Sul (RS) e Santo Augusto (RS). *Revista Monografias Ambientais*, 2014, 13(2): 3203-3212
- 23- Demeneck MT. et al. Perfil sócio econômico de feirantes que comercializam hortaliças na feira do produtor no Município de Maringá- PR, 2011. Maringá. Anais, Eletrônico CESUMAR: Centro Universitário de Maringá. Acesso em: 21 jan. 2014
- 24- Daniel JMP, Cravo VZ. Valor Social e Cultural da Alimentação. In: *Antropologia e Nutrição: um diálogo possível*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005. P.57-68.
- 25-Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Programa de análise de Resíduos de agrotóxicos em alimentos (PARA). Relatório complementar relativo à segunda etapa das análises de amostras coletadas em 2012. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Brasília; 2014

26-Associação Brasileira de Saúde Coletiva. Dossiê ABRASCO – Um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde. Parte 1 - Agrotóxicos, Segurança Alimentar e Nutricional e Saúde. Rio de Janeiro: ABRASCO; 2012

27-Maluf R, Reis MC. Segurança Alimentar e Nutricional na Perspectiva Sistêmica. In: Rocha C. Segurança Alimentar e Nutricional: perspectivas, aprendizados e desafios para as políticas públicas. Rio de Janeiro: Fiocruz,2013. p. 43-68

28-Darolt MR. A diversidade dos circuitos curtos de alimentos ecológicos: ensinamentos do caso brasileiro e francês. *Agriculturas*. 2013; 10(2). p.8-13

CONSIDERAÇÕES FINAIS DO VOLUME

Ao finalizar este volume, pondera-se essencial destacar que desenvolver uma pesquisa sobre um tema interdisciplinar, com o envolvimento de dois métodos de pesquisa, em um PPG de Nutrição, não é tarefa fácil. O curso, a mestranda e as orientadoras tiveram que se adaptar ao contexto da pesquisa e analisar o melhor caminho a ser trilhado. Essa ambientação nem sempre foi harmoniosa, muito provavelmente porque a nutrição ainda é uma disciplina que não tem o hábito de dialogar com outras áreas. Felizmente essa realidade está mudando e, aos poucos, a área está abrindo-se para essa conversa.

No entanto, é importante dizer que muito se aprendeu com a diversidade e com as dificuldades que apareceram no transcorrer deste estudo. Os obstáculos são importantes, pois permitiram reavaliar alguns pontos e seguir pelo caminho mais adequado.

Do processo de pesquisa é importante apontar que a interação e o vínculo estabelecido com os interlocutores foi imprescindível para o desenvolvimento do estudo. Isso só foi possível por dois motivos: o auxílio de uma pessoa conhecida de um dos agricultores ecológicos - possibilitando a abertura e o acolhimento de uma pessoa estranha no seu ambiente de trabalho e de vida – e a empatia da pesquisadora com as feiras, os agricultores e o tema pesquisado.

Além disso, a coleta dos dados, que se deu por meio do questionário e do mapeamento das feiras, possibilitou um contato permanente, quase que semanal, com os feirantes convencionais. Essa convivência permitiu uma aproximação da realidade destes locais e comerciantes, que, ao se acostumarem com a presença da pesquisadora, também a aceitaram e a auxiliaram na pesquisa.

Apêndices

Apêndice A - Lista dos feirantes cadastrados na Prefeitura como donos das bancas (separados em grupos)

Nome	Grupo	Entrevistado/a	Observações
Adriana	A ⁸	sim	
Aldino	A	Sim	
Alexandre	A	Sim	
Ana	A	Não	Não, ovos
Ândrea	A	Sim	
Armando	A	Sim	
Armindo	A	sim	
Belmiro	A	Não	Não, flores
Bento	A	Sim	Cilda ⁹
Beto	A	Não	Não/pastel
Carmem	A	sim	
Casanova	A	Não	Recusa
Cátia	A	Sim	
Celina	A	Sim	
Celso	A	Sim	
Clairton	A	sim	
Claudio	A	Sim	
Cleonir	A	Não	Não/peixes

⁸ Os feirantes são divididos por grupo, que segundo relato dos mesmos e do fiscal, são constituídos segundo o tempo de trabalho do feirante, sendo que os grupos A e D, são os mais antigos.

⁹ Nos casos assinalados com outro nome nas observações, outro componente da banca respondeu ao questionário, devido à ausência do dono, ou no primeiro momento da pesquisa quando não se dispunha do cadastro com o nome do dono cadastrado na prefeitura.

Cristiano	A	Sim	
Crochemore	A	Não	Não/doces
Daniel	A	Sim	Darlene
Darci	A	sim	
Darry	A	Sim	
Davi/ Ivoni	A	Não	Não encontrado
Dorvalino	A	Sim	
Elisele	A	sim	
Elton	A	Sim	
Elvacir	A	Sim	
Estevão	A	Sim	
Evani	A	Não	Recusa
Flavio	A	Sim	
Flávio	A	Sim	
Francisco	A	Não	Não/flores
Gildomar	A	Não	Não/ervas
Iliani	A	sim	
Jair	A	Sim	
João	A	Sim	
João Carlos	A	sim	
João Luis	A	Sim	Richard
João Pinho	A	Não	Não/flores
Jorge fernando	A	Sim	
José Simon	A	sim	
Julio	A	Sim	
Julio	A	Sim	

Keli	A	Não	Não/peixes
Leni	A	sim	
Leomar	A	Sim	
Lezira	A	Não	Não/ flores
Liane	A	sim	
Loiva	A	Não	Não/carnes
Lucas	A	Sim	
Lucio	A	Não	Recusa
Mara	A	Não	Não/merengue
Maria	A	sim	
Maria	A	sim	Juliano
Marli	A	Sim	
Michel	A	sim	
Naile	A	Sim	
Nilda	A	Sim	
Oswaldo	A	Sim	
Patricia	A	sim	
Paulo	A	sim	
Paulo	A	Sim	Marília
Pedro	A	Sim	
Rafael	A	Sim	
Regina	A	Não	Não/ carnes
Renato	A	sim	Gabriela
Ricardo	A	Não	Não/ doces
Roberto	A	Sim	Márcio
Roberto	A	Sim	Charles
Rogério	A	Sim	
Ronildo	A	sim	

Rosana	A	Sim	
Silvio	A	sim	
Udo	A	sim	
Ulda	A	Sim	
Umberto	A	Não	Não/pastel
Vagner	A	Sim	
Valdir	A	Sim	
Valeria	A	sim	
Valter	A	sim	
Vilto	A	Não	Não/flores
Volnei	A	sim	
Volni	A	sim	
Yoshiharu	A	Sim	

Nome do Feirante	Grupo	Entrevistado?	Observações
Alessandra	B	Não	Não/peixes
Alessandro	B	Não	Não/frios
Alexandre	B	Sim	
Antoninho	B	Não	Não/flores
Carlos	B	Sim	Cleci deu a entrevista
Cássio	B	Sim	
Clésio	B	Sim	
Clóvis	B	Sim	
Cristiane	B	Sim	
Delcio	B	Sim	Hanilda
Denise	B	sim	

Ervandil	B	Sim	
Fagner	B	Não	recusa
Gabriel	B	Sim	
Guilherme	B	Sim	
Loir	B	Não	recusa
Luis Carlos	B	Sim	
Nedo	B	Sim	Cristiane
Norma	B	sim	
Orlando	B	Sim	
Patrick	B	Não	Não/flores
Regina	B	Não	Não/carnes
Rodrigo	B	Não	Não/doces
Suelen	B	Sim	
Vanderlei	B	Sim	
Wilson	B	Não	Não/doces

Nome do Feirante	Grupo	Entrevistado	Observações
Ari	C	sim	
Armindo	C	sim	
Daniel	C	Sim	
Dari	C	Sim	Ivoni
Gerda	C	Sim	
Germano	C	Não	
Gilnei	C	Não	Não/ovos
João	C	Sim	

Ledemar	C	Sim	
Luiz	C	Não	Não/doces
Madelen	C	Sim	
Marinéia	C	Sim	
Nestor	C	Sim	
Nestor	C	Sim	
Noemar	C	Sim	
Rosauro	C	Não	Não/carnes
Solisnei	C	Sim	
Tiago	C	Não	Não/doces
Vagner	C	sim	
Valter	C	Sim	
Zenilda	C	sim	

Nome do Feirante	Grupo	Entrevistado ?	Observações
Aloisio	D	sim	Neli
Carla	D	Sim	
Daiane	D	sim	
Dario	D	Sim	
Delvanir	D	sim	
Egon	D	Sim	
Elizabete	D	Sim	
Eraldo	D	Sim	
Jean carloCarlo	D	sim	
Luiz Carlos	D	Não	Não/carnes

Nome do Feirante	Grupo	Entrevistado?	Observações
Eleana	E	Sim	
Silmar	E	Sim	
Nome do Feirante	Grupo	Entrevistado?	Observações
Éder	F	Sim	
Feirante 1 ¹⁰	F	Não	Não/ peixes
Feirante 2	F	Não	Não/ carnes
Feirante 3	F	Não	Não/ ovos
Idemar	F	Sim	

Nome do Feirante	Grupo	Entrevistado?	Observações
Denise	orgânico	sim	
Germano	orgânico	sim	
Iracema	orgânico	sim	
Jurema	orgânico	sim	
Nilo	orgânico	sim	
Onécio	orgânico	sim	
Orlando	orgânico	sim	

¹⁰ Se desconhece o nome destes feirantes, o fiscal apenas informou que no grupo F haviam 3 feirantes que não comercializavam FLV.

Anexos

Anexo 1 - Lista com os locais de feiras

CGASA
 8-12-30

DIAS E LOCAIS DE FEIRAS LIVRES

Segunda-feira		
Avenida da Paz	Areal	
Duque de Caxias (Sílvia Melo)	Fragata	
Terça-feira		
Major Francisco Nunes de Souza	Fragata	
Rua Anchieta	Centro	
Pedro Moacir	Tres Vendas	
Hugo Veiga	Centro	
Darci Vargas	Navegantes	
Visconde da Graça	Simões Lopes	
Balneário Sto. Antônio (Av. Espírito Santo)	Laranjal	
Feira Entardecer Big	Centro	Entardecer
Xavier Ferreira	Centro	
Ecologica na Bento	Centro	
Cacimba das Nações	Areal	
Moradas Pelotas (Rua Santiago Dantas)	Tres Vendas	Entardecer
Quarta-feira		
Princesa Izabel	Centro	
Rua Póvoas Junior, esquina Av. Dom Joaquim	Centro	Entardecer
General Osorio	Cohab Lindoia	
Dr Ramiz Galvão	Cohab Tablada	
Carlos Bordin	Simões Lopes	
Quinta-feira		
Vila Leocadia	Areal	
Bento Gonçalves	Centro	
CohabPel	Centro	
Feyez Habeyche	Cohab-Guabirola	
Ecologica Mercado Central	Centro	
Av. Vinte e Cinco de Julho (Condominio Terra Nova)	Tres Vendas	Entardecer
Duque de Caxias	Fragata	Entardecer
Sexta-feira		
Alberto Rosa	Centro	
Av. São Jorge	Sta. Teresinha	
Gonçalves Ledo	Fragata	
Sábado		
Av. Bento Gonçalves	Centro	
Av. Duque de Caxias (próximo a Laneira)	Fragata	
Arthur de Souza Costa	Porto	
Felipe dos Santos	Areal	
Balneário Sto. Antônio (Av. Espírito Santo)	Laranjal	
Professor Araujo	Centro	
Praça Aratiba	Laranjal	
Dom Joaquim Ecologica	Tres Vendas	
Domingo		
Av. Bento Gonçalves (Artesanato)	Centro	
Nereu Ramos	Simões Lopes	
Tomas Flores	Tablada	

A - 96
 B - 32
 C - 34
 D - 16
 E - 4
 F - 5

37 locais FEIRAS

Planilha 1
 FEIRAS EXISTENTES SEPARADAS POR GRUPOS

GRUPO A

SEGUNDA FEIRA - AV. DUQUE DE CAXIAS - SILVIA MELLO
 - TERÇA FEIRA - MJR FRANCISCO NUNES DE SOUZA - GOTUZO
 ENTARDECER - BIG

QUARTA FEIRA - XAVIER FERREIRA - CENTRO
 PRINCESA IZABEL - CENTRO
 - QUINTA FEIRA - VILA LEOCADIA - AREAL
 - SEXTA FEIRA - GOMES CARNEIRO - CENTRO
 - SABADO - AV. BENTO GONÇALVES - CENTRO

GRUPO B

- SEGUNDA FEIRA - AV. DA PAZ - AREAL
 - TERÇA FEIRA - MPADRE ANCHIETA - CENTRO
 - QUARTA FEIRA - GENERAL OSORIO - CENTRO
 - QUINTA FEIRA - AV. BENTO GONÇALVES - CENTRO
 - SEXTA FEIRA - AV. DUQUE DE CAXIAS - FRAGATA
 - SABADO - AV. DUQUE DE CAXIAS - LANEIRA

GRUPO C

- SEGUNDA FEIRA - PESTANO - TRES VENDAS
 - TERÇA FEIRA - PEDRO MOACIR - TRES VENDAS
 HUGO VEIGA - CENTRO
 - QUARTA FEIRA - COHAB LINDOIA - TRES VENDAS
 COHAB TABLADA - TRES VENDAS
 - QUINTA FEIRA - COHABEL - CENTRO
 - SEXTA FEIRA - GONÇALVES LEDO - FRAGATA
 AV. S. JORGE - STA. TEREZINHA
 - SABADO - AV. ARTHUR DE SOUZA COSTA - FATIMA

GRUPO D

- TERÇA FEIRA - DARCI VARGAS - NAVEGANTES
 - QUARTA FEIRA - CARLOS BORDINI - SIMOES LOPES
 - QUINTA FEIRA - GUABIROBA

GRUPO E

- TERÇA FEIRA - AV. VISCONDE DA GRAÇA - PADRE REUS
 - QUARTA FEIRA - CACIMBA DAS NAÇÕES - AREAL
 - SEXTA FEIRA - BENJAMIM GASTAL - JARDIM EUROPA
 - SABADO - FELIPE DOS SANTOS - BANDEIRANTES

FEIRAS ECOLOGICAS

- TERÇA FEIRA - AV. BENTO GONÇALVES - CENTRO
 - QUINTA FEIRA - LARGO DO MERCADO - CENTRO
 - SABADO - AV. DOM JOAQUIM - COHAB I

ARTESANATO

- QUINTA FEIRA - ARTESANATO - BIG
 - SEXTA FEIRA - BECO - CENTRO
 - SABADO - AV. DUQUE DE CAXIAS - FRAGATA
 - DOMINGO - AV. BENTO GONÇALVES - CENTRO

Página 1

Anexo 2 – Listas dos locais de feiras com o primeiro nome dos feirantes e número das bancas

PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTA SSU – DEPARTAMENTO DE FEIRAS FREQUÊNCIA DE FEIRANTES						
MAIO 2014						
LOCAL DA FEIRA: MAJOR FRANCISCO NUNES DE SOUZA GRUPO: A						
02	CILDA					
88	BENTO					
5	CLAUDIO					
24	DANIEL					
02	JULIO					
1	JOÃO LUIS					
8	RAFAEL					
1	NILDA					
3	ROBERTO					
	ARI					
*	ELTON					
-	FLAVIO					
-	VILTO					
*	VAGNER					
-	LUCAS					
-	ELIZIETE					
	VOLNI					
	LEDA					
*	GILMAR					

PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTA SSU – DEPARTAMENTO DE FEIRAS FREQUÊNCIA DE FEIRANTES						
MAIO 2014						
LOCAL DA FEIRA: BENTO GONÇALVES GRUPO: A						
*	10	ARMINDO				
*	49	VOLNI				
*	77	RICARDO				
*	31	LENI				
*	34	ALDINO				
*	46	JOSÉ LUIZ				
*	14	GILMAR				
*	51	PAULO				
*	33	VALDIR	OK			
*	4	VALTER				
*	5	PEDRO				
	148	DARRY				
-	82	FLAVIO	OK			
*	18	PAULO				
*	202	CARMEM				
	164	LEZIRA				
	110	ULDA	OK			
	79	ADRIANA				
*	175	IVANI				
-	39	ARI				
*	203	ROBERTO				
*	112	VOLNEI				

PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS
SSU - DEPARTAMENTO DE FEIRAS
FREQUÊNCIA DE FEIRANTES

MAIO 2014

LOCAL DA FEIRA: PRINCESA IZABEL GRUPO: A

71	JOÃO					
83	CLAIRTON					
194	DARCI					
112	VOLNEI					
84	ELIZIETI					
39	ARI					
47	ESTEVÃO					
196	MAXIMIANA					
82	FLAVIO					
167	LUCAS					
188	BENTO					
92	CILDA					
73	NILDA					
203	ROBERTO					
11	LUCIO					
137	LAURA					
2	KELI					
215	REGINA					
111	JOÃO LUIS					
138	ANA					
59	LIANE					
49	VOLNI					
43	VILTO					

PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS
SSU - DEPARTAMENTO DE FEIRAS
FREQUÊNCIA DE FEIRANTES

MAIO 2014

LOCAL DA FEIRA: DUQUE DE CAXIAS GRUPO: A

83	CLAIRTON					
194	DARCI					
14	GILMAR					
84	ELIZIETE					
82	FLAVIO					
45	DORVALINO					
115	MICHEL					
111	JOÃO					
72	PATRICIA					
135	JULIO					
41	OLIVIA					
137	LAURA					
131	CASANOVA					
80	LUIZ					
39	ARI					
143	LEDA					
69	PAULO					
129	LOIVA					
42	JULIO					
02	KELI					
15	ANDREA					
153	CELSO					
203	ROBERTO					
109	UDO					

PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS
SSU - DEPARTAMENTO DE FEIRAS
FREQUÊNCIA DE FEIRANTES

MAIO 2014

LOCAL DA FEIRA : BIG ENTARDECER GRUPO: A

1	LOIVA				
2	ROGERIO				
3	OSVALDO				
4	JOAO				
5	JAIR				
6	CELINA				
7	CLAIRTON				
8	FLAVIO				
9	EVANI				
10	ILIANE				
11	ROGERIO				
12	PAULO				
13	PAULO				
14	RONILDO				
15	VALDIR				
16	ARMINDO				
17	PATRICIA				
18	JULIO				
19	MARIA				
20	JOSE SIMON				
21	IVO				
22	NAILE				
23	LEOMAR				

PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS
SSU - DEPARTAMENTO DE FEIRAS
FREQUÊNCIA DE FEIRANTES

MAIO 2014

LOCAL DA FEIRA : DUQUE ENTARDECER GRUPO: A

1	LOIVA				
2	ROGERIO				
3	OSVALDO				
4	CLAIRTON				
5	FLAVIO				
6	ILIANE				
7	ROGERIO				
8	PAULO				
9	PAULO				
12	ARMINDO				
13	MARIA				
14	NILDA				
15	VAGNER				
16	KELI				
17	ARMANDO				
18	NAILE				

PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS
SSU - DEPARTAMENTO DE FEIRAS
FREQUÊNCIA DE FEIRANTES

MAIO 2014

LOCAL DA FEIRA: ALBERTO ROSA GRUPO: A

45	DORVALINO	OK				
35	VAGNER					
60	ILIANI					
150	ROGERIO	OK				
15	ANDREA	OK				
02	KELI					
141	IVO					
129	LOIVA					
83	CLAIRTON					
84	ELIZIETE					
82	FLAVIO					
167	LUCAS	OK				
93	ELTON	OK				
11	LUCIO					
73	NILDA	OK				
21	RONILDO					
12	CELINA					
8	BELMIRO		Fuores			
14	GILMAR					
138	ANA					
102	ELVACIR					
26	JAIR					

PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS
SMDE - DEPARTAMENTO DE FEIRAS
FREQUÊNCIA DE FEIRANTES

MAIO 2014

LOCAL DA FEIRA: ALM. TAMANDARÉ GRUPO: B

214	ARMINDO					
266	CLESIO					
258	FAGNER					
211	GUILHERME	OK				
251	RODRIGO					

PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS
FREQUÊNCIA DE FEIRANTES

MAIO 2014
LOCAL DA FEIRA: BENTO GONÇALVES GRUPO: B

245	VANDERLEI				
213	LOIR				
230	JAIR				
258	FAGNER				
247	PATRICK				
249	WILSON				
297	ALPINO				
269	ANTONINHO				
246	ERVANDIL	OK			
214	ARMINDO				
266	CLESIO				
251	RODRIGO				
273	RENATO				
215	REGINA				
248	DENISE				
221	LUIS				
2	KELI				
262	RUBIMAR				
238	MARIO				
261	ARTUR				
255	ORLANDO	OK			
296	HILTON				
268	ALEXANDRE				
294	NORMA				

PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS
SSU - DEPARTAMENTO DE FEIRAS
FREQUÊNCIA DE FEIRANTES

MAIO 2014

LOCAL DA FEIRA : DUQUE DE CAXIAS GRUPO: B

215	REGINA				
245	VANDERLEI				
211	GUILHERME	OK			
243	ALESSANDRO				
296	ILTON				
268	ALEXANDRE				
238	MARIO				
253	DELICIO				
262	RUBIMAR				
249	WILSON				
246	ERVANDIL	OK			
248	DENISE				
269	ANTONINHO				
251	RODRIGO				
221	LUIZ				
297	ALPINO				
214	ARMINDO				
216	ALESSANDRA				
293	NEDO				
258	FAGNER				
230	JAIR				
266	CLESIO				
255	ORLANDO	OK			

PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTA
SSU - DEPARTAMENTO DE FEIRAS
FREQUÊNCIA DE FEIRANTES

MAIO 2014

LOCAL DA FEIRA: ANCHIETA GRUPO: B

262	RUBIMAR					
248	DENISE					
296	ILTON					
251	RODRIGO					
269	ANTONINHO					
255	ORLANDO	OK				
293	NEDO					
213	LOIR					
246	EVANDIR					
249	WILSON					
273	CARLOS					
230	JAIR					
266	CLÉSIO					
258	FAGNER					
221	LUIZ CARLOS	OK				
294	NORMA					
214	ARMINDO					

Carino
Cristiane
Cristiane
Eveline
Eliete

PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTA
SSU - DEPARTAMENTO DE FEIRAS
FREQUÊNCIA DE FEIRANTES

MAIO 2014

LOCAL DA FEIRA: AV. DA PAZ GRUPO: B

262	RUBIMAR					
230	JAIR					
214	ARMINDO					

Carino
Suelen

PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS
SSU - DEPARTAMENTO DE FEIRAS
FREQUÊNCIA DE FEIRANTES

MAIO 2014

LOCAL DA FEIRA : COHABPEL GRUPO: C

376	ERMINDA				
357	NESTOR				
425	ZENILDA				
423	WILSON				
379	MARINEIA				
448	SOLISNEI				
424	VAGNER				
396	JOÃO				
362	GERMANO				
373	GILNEI				
415	NESTOR				
360	NEOMAR				
363	ARI				
377	LUIS				
399	DARI				

PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTA
SSU - DEPARTAMENTO DE FEIRAS
FREQUÊNCIA DE FEIRANTES

MAIO 2014

LOCAL DA FEIRA: ARTHUR DE SOUZA COSTA GRUPO: C

360	NOEMAR				
362	GERMANO				
385	ERVINO				
376	ERMINDA				
357	NESTOR				
367	GERDA				
364	ARMINDO				
423	WILSON				
415	NESTOR				
396	JOÃO				
363	ARI				
379	MARINEIA				
448	SOLISNEI				
440	ROSAURO				
384	ORLANDO				
429	VALTER				
414	AIRTON				
373	GILNEI				
424	VAGNER				
399	DARI				
377	LUIZ				
356	LEDEMAR				

PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS
SSU - DEPARTAMENTO DE FEIRAS
FREQUÊNCIA DE FEIRANTES

MAIO 2014

LOCAL DA FEIRA: GONÇALVES LEDO GRUPO: C

✓ 435	MARIA H.					
✓ 448	SOLISNEY					
✓ 423	WILSON					
✓ 384	ORLANDO					
✓ 243	ALESSANDRO					
✓ 377	LUIZ					
✓ 414	AIRTON					
✓ 435	MARIA H.					
✓ 377	LUIZ					
✓ 362	GERMANO					
✓ 243	ALESSANDRO					
✓ 423	WILSON					

PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS
SSU - DEPARTAMENTO DE FEIRAS
FREQUÊNCIA DE FEIRANTES

MAIO 2014

LOCAL DA FEIRA: LINDOIA GRUPO: C

✓ 423	WILSON					
✓ 424	VAGNER					
✓ 379	MARINEIA					
✓ 384	ORLANDO					
✓ 396	JOÃO					
✓ 387	MICHELA					
✓ 415	NESTOR					
✓ 381	ENO					
✓ 357	NESTOR					
✓ 377	LUIZ					

PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS
SSU – DEPARTAMENTO DE FEIRAS
FREQUÊNCIA DE FEIRANTES

MAIO 2014

LOCAL DA FEIRA: CARLOS BORDINI GRUPO: D

513	DELVAIRTON					
454	MARIA					
505	ALOISIO					
478	DELVANIR					
499	EGON					
476	ERALDO					
484	ILIANA					
464	TIAGO					
243	ALESSANDRO					

*Davone
Darcy / Hagen*

PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS
SSU – DEPARTAMENTO DE FEIRAS
FREQUÊNCIA DE FEIRANTES

MAIO 2014

LOCAL DA FEIRA: CARLOS BORDINI GRUPO: D

513	DELVAIRTON					
454	MARIA					
505	ALOISIO					
478	DELVANIR					
499	EGON					
476	ERALDO					
484	ILIANA					
464	TIAGO					
243	ALESSANDRO					

*Davone
Darcy / Hagen*

PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS
SSU - DEPARTAMENTO DE FEIRAS
FREQUÊNCIA DE FEIRANTES

MAIO 2014

LOCAL DA FEIRA: GUABIROBA GRUPO: D

479	CARLOS				
478	DELVANIR				
480	LUIZ CARLOS				
499	EGON	2			
454	MARIA				
476	ERALDO	2			
513	DELVAIRTON				
464	TIAGO				
243	ALESSANDRO				
484	ILIANA				

Grupo B

caso ->
Grupo ->
el xebe - Danyo.